﻿HAMLET

DRAMA EM CINCO ACTOS

WILLIAM SHAKESPEARE

HAMLET

Drama em cinco actos

Traducção Portugueza

Segunda Edição

LISBOA

Imprensa Nacional

1880

INTERLOCUTORES

CLAUDIO--Rei de Dinamarca.

HAMLET--Filho do defunto Rei e sobrinho do Rei reinante.

POLONIO--Camareiro mór.

HORACIO--Amigo de Hamlet.

LAERTE--Filho de Polonio.

VOLTIMANDO }

}

CORNELIO }

}

ROSENCRANTZ } Cortezãos dinamarquezes.

}

GUILDENSTERN }

}

OSRICO }

UM OUTRO CORTEZÃO.

UM PADRE.

REINALDO--Creado de Polonio.

MARCELLO E BERNARDO--Officiaes.

FRANCISCO--Soldado.

UM EMBAIXADOR.

A SOMBRA DO REI HAMLET.

FORTIMBRAZ--Principe de Noruega.

GERTRUDES--Rainha de Dinamarca, mãe de Hamlet.

OPHELIA--Filha de Polonio.

Senhores, damas, officiaes, soldados, actores, padres, coveiros,

marinheiros, mensageiros, creados, etc.

A scena passa-se em Elsenor

ACTO PRIMEIRO

SCENA I

Elsenor, a explanada do castello

FRANCISCO de sentinella, BERNARDO vem encontrar-se com elle

BERNARDO

Quem vem lá? viva quem?

FRANCISCO

Responde tu primeiro, faze alto, deixa-te reconhecer.

BERNARDO

Viva o rei.

FRANCISCO

Bernardo?

BERNARDO

Eu mesmo.

FRANCISCO

És pontual.

BERNARDO

Acaba de dar meia noite; vae descansar, Francisco.

FRANCISCO

Agradeço-te de me teres vindo render; faz um frio glacial, e começava a

sentir-me incommodado.

BERNARDO

Não houve novidade emquanto estiveste de sentinella?

FRANCISCO

Nem sequer ouvi correr um rato.

BERNARDO

Então boas noites; se vires Horacio e Marcello, que tambem estão de

guarda, dize-lhes que se aviem.

Chegam HORACIO e MARCELLO

FRANCISCO

Creio ouvil-os, façam alto, quem vem lá?

HORACIO

Amigos da patria.

MARCELLO

Subditos do rei de Dinamarca.

FRANCISCO

Santas noites.

MARCELLO

Viva, meu valente soldado, quem te rendeu?

FRANCISCO

Bernardo está agora de sentinella. Boa noite. (Retira-se.)

MARCELLO

Olá, Bernardo?

BERNARDO

Não é Horacio que eu vejo?

HORACIO

Elle mesmo em corpo e alma.

BERNARDO

Bemvindo sejas, Horacio, e tu tambem, amigo Marcello.

MARCELLO

Dize-me, já viste a apparição esta noite?

BERNARDO

Ainda nada vi.

MARCELLO

Horacio diz que é effeito da minha imaginação, e nega-se a acreditar na

visão temerosa, de que já por duas vezes fomos testemunhas; pedi-lhe

portanto que viesse comnosco, para que se o phantasma de novo apparecer,

elle possa testemunhar a verdade do que afiançâmos e dirigir-lhe a

palavra.

HORACIO

Historias, qual apparecer!

BERNARDO

Sentemo-nos um instante, e vamos repetir-te a narração do que temos

presenceado duas noites consecutivas e a que prestas tão pouco credito.

HORACIO

Com todo o gosto, e deixemos fallar Bernardo.

BERNARDO

A noite passada, á hora em que esta estrella que vêem ao poente do polo

descreve o seu giro e vem illuminar esta parte do firmamento, em que ora

brilha, no momento em que na torre soava uma hora, Marcello e eu...

MARCELLO

Silencio, eil-o que apparece.

Apparece a sombra do REI

BERNARDO

Assimilha-se ao defunto rei.

MARCELLO

Tu que estudaste, Horacio, falla-lhe.

BERNARDO

Não é verdade que se parece com o defunto rei? Observa bem, Horacio.

HORACIO

A similhança é espantosa; a surpreza e o terror paralysaram-me.

BERNARDO

Parece esperar que lhe fallem.

MARCELLO

Falla-lhe, Horacio.

HORACIO

Quem quer que és, que a esta hora da noite usurpas a fórma magestosa e

guerreira, debaixo da qual se mostrava o meu defunto soberano, em nome

do céu, falla, ordeno-to eu!

MARCELLO

Parece descontente.

BERNARDO

Eil-o que se afasta, caminhando lenta e gravemente.

HORACIO

Detem-te, falla, falla, intimo-te a que falles. (A sombra afasta-se.)

MARCELLO

Foi-se sem responder.

BERNARDO

Então, Horacio, que é essa tremura e pallidez; não haverá alguma cousa

mais do que um effeito de imaginação, que dizes agora?

HORACIO

Pelo Deus do céu, não o acreditava sem o testemunho positivo e

irrecusavel dos meus proprios olhos.

MARCELLO

Não se parece com o rei?

HORACIO

Como tu te pareces comtigo mesmo, era a armadura que usava quando

combateu o ambicioso norueguez; tinha aquelle ar ameaçador, no dia em

que no seu proprio carro, atacou, por causa de uma acalorada porfia, o

guerreiro polaco, e o prostrou no gêlo para nunca mais se levantar. É

assombroso!

MARCELLO

Assim é que elle já duas vezes passou pelo nosso posto de observação com

o seu caminhar grave e marcial.

HORACIO

Com que designio, ignoro-o, mas em minha opinião é um presagio para o

estado de alguma grande catastrophe.

MARCELLO

Pois bem, sentemo-nos, e aquelle d'entre vós todos que o souber, diga

porque fatigam, com guardas vigilantes e rigorosas, os subditos d'este

reino; para que esta fundição diaria de canhões de bronze, estas compras

de armamentos e munições no estrangeiro; para que se enchem de operarios

os nossos arsenaes maritimos; porque este augmento de trabalho, que nem

os dias santos são respeitados; para que esta actividade de dia e de

noite? O que será? Qual de vós m'o poderá dizer?

HORACIO

Posso eu, ao menos, referir os boatos. Nosso ultimo rei, cuja imagem

ainda ha pouco vimos, foi, segundo dizem, convocado a campo fechado por

Fortimbraz de Noruega, que um cioso orgulho tinha levado a esse acto.

N'esse combate o nosso valente Hamlet, e era justa a sua reputação,

matou a Fortimbraz. Ora em virtude de uma declaração authentica,

sanccionada pelas leis da cavallaria, se Fortimbraz succumbisse, todos

os seus estados pertenceriam ao vencedor. Por sua parte o nosso rei

tinha empenhado da mesma fórma a sua palavra; e no caso de elle ser

vencido, uma igual porção de territorio pertenceria a Fortimbraz. Assim,

em virtude d'este pacto reciproco, a successão do vencido pertencia de

direito a Hamlet. Comtudo o joven Fortimbraz, ardente e sem experiencia,

reuniu nas fronteiras de Noruega um exercito de aventureiros, promptos e

resolvidos pela soldada aos mais audaciosos commettimentos. O seu

projecto, segundo o nosso governo está informado, é nada menos do que

retomar á viva força e de mão armada esse territorio que seu pae perdeu

com a vida: eis-aqui, na minha fraca opinião, a rasão principal dos

preparativos que fazemos, das guardas a que somos obrigados, e d'esta

actividade tumultuosa que se nota em todo o paiz.

BERNARDO

Tambem eu julgo ser esse o motivo; isto explica-nos porque vemos passar

diante dos postos de guarda a sombra do rei, com a sua armadura e com o

seu porte magestoso, d'esse rei que foi e é o causador d'esta guerra.

HORACIO

É um argueiro nos olhos da intelligencia para lhes perturbar a vista.

Nos tempos mais gloriosos e florescentes de Roma, pouco antes da morte

do grande Julio, abriram-se os tumulos, e os mortos, nas suas mortalhas,

divagaram pela cidade, soltando gritos ameaçadores; viram-se estrellas

deixar após si rastos luminosos, choveu sangue, desastrosos signaes

appareceram no céu, e o astro humido, sob cuja influencia está o imperio

de Neptuno, eclipsou-se; todos julgavam ser o fim do mundo. Estes mesmos

signaes precursores de acontecimentos terriveis, correios de maus

destinos, preludios de grandes catastrophes, o céu e a terra os fizeram

apparecer nos nossos climas, aos olhos impressionaveis dos nossos

compatriotas.

A sombra reapparece

HORACIO continuando

Mas silencio, olhem, eil-o que volta. Vou interpellal-o, embora elle me

fulmine. Pára. Illusão. Se tens o dom da palavra, se pódes articular

sons, falla; se ha alguma boa acção cujo cumprimento te possa alliviar e

contribuir para a minha salvação, responde-me: se és sabedor de alguma

desgraça que ameace a tua patria, e que um aviso opportuno possa

desviar... Oh falla! ou se em tua vida confiaste ás entranhas da terra

riquezas mal adquiridas; e a maior parte das vezes é por isso que vós,

os espiritos, divagaes depois da morte, dil-o. (O gallo canta.) Detem-te

e falla. Veda-lhe o caminho, Marcello.

MARCELLO

Devo servir-me da minha partazana?

HORACIO

Serve-te se não parar.

BERNARDO

Para cá?

HORACIO

Por acolá. (A sombra afasta-se.)

MARCELLO

Partiu!--que presença magestosa!--são desacertadas estas demonstrações

violentas! é invulneravel como o ar, e os nossos golpes não são senão o

ridiculo esforço de uma colera impotente.

BERNARDO

Ia fallar quando cantou o gallo.

HORACIO

Estremeceu como um culpado que uma intimação subita aterra. Ouvi dizer

que o gallo, que é o clarim da aurora, acorda o Deus da manhã com a sua

voz sonora e penetrante, e que a esse signal todos os espiritos errantes

no mar, no fogo, na terra ou no ar se apressam em voltar aos seus

respectivos dominios. A prova está no que acabâmos de presencear.

MARCELLO

O gallo cantou, e elle desappareceu. Algumas pessoas dizem que na

vespera do dia em que se celebra a natividade do Salvador do mundo, o

arauto da manhã canta toda a noite sem interrupção; pretendem então que

nenhum espirito ousa saír da sua mansão, que as noites são salubres, que

nenhuma estrella exerce influencia maligna, nenhum maleficio surte

effeito, que nenhuma feiticeira exercita os seus feitiços, tanto esse

dia é bento, e está sob o imperio de uma graça celeste.

HORACIO

Assim o ouvi dizer, e acredito-o. Mas eis que no oriente, acolá no

fundo, por detrás dos outeiros, surge a manhã, vestida de purpura por

entre o orvalho. Demos fim á nossa vigilia, e vamos dar parte ao joven

Hamlet do que vimos esta noite; porque, por vida minha, creio que este

espirito, mudo para todos, lhe fallará. Approvam esta confidencia, que

nos impõe o nosso dever e a nossa affeição?

MARCELLO

Vamos sem detença; sei onde o acharemos, e onde lhe poderemos fallar sem

constrangimento. (Retiram-se.)

SCENA II

Uma sala apparatosa no castello

Entram o REI e a sua comitiva, a RAINHA, HAMLET, POLONIO, LAERTE,

VOLTIMANDO, CORNELIO e CORTEZÃOS

O REI

A morte de Hamlet, nosso amado irmão, ainda é tão recente, que pareceria

justo, que nossos corações estivessem immersos na tristeza e saudade, e

que uma nuvem de dor cobrisse o solo d'este reino; comtudo, a rasão

combateu os impulsos da natureza, tanto que enfreámos a nossa dor, e

embora ainda esteja bem viva a recordação, pensâmos tambem em nós.

Portanto, com um prazer incompleto, confundindo os sorrisos com as

lagrimas, a alegria com o luto; unindo o dobrar dos sinos aos canticos

nupciaes, tomámos por esposa aquella que outr'ora era nossa irmã, e

fizemol-a compartir comnosco a corôa d'este bellicoso paiz. N'esta

conjunctura ouvimos primeiro os vossos illustrados conselhos, livremente

enunciados. Somos-lhes gratos. Quanto ao joven Fortimbraz, fazendo

seguramente uma fraca idéa do nosso poder, ou imaginando que a morte de

nosso chorado irmão lançasse o estado na dissolução e na anarchia,

embalando-se em chimerica esperança, ousou mandar-nos mensagem após

mensagem, intimando-nos a restituir-lhe o territorio perdido por seu

pae, e legalmente adquirido por nosso valoroso irmão; isto por o que lhe

respeita. Fallemos agora de nós e do motivo d'esta reunião. O motivo é

este. Pelas presentes escrevemos ao rei de Noruega, tio do joven

Fortimbraz, que jazendo enfermo n'um leito, mal conhece os projectos de

seu sobrinho, pedindo-lhe que ponha o seu veto á empreza, porque é de

entre os seus subditos que se fazem as levas de soldados e os

alistamentos. Encarregámo-vos, Cornelio e Voltimando, de apresentar as

nossas saudações ao idoso monarcha norueguez, e é nossa vontade, que nas

negociações vos conformeis adstrictamente ás instrucções que junto com a

nossa carta recebereis. Adeus; a celeridade do resultado prove a

dedicação dos negociadores.

CORNELIO e VOLTIMANDO

Senhor, a nossa dedicação e obediencia não tem limites.

O REI continuando

Nem o duvidâmos. Recebam um cordeal adeus. (Cornelio e Voltimando sáem.)

Agora, tu, Laerte, que pretendes? Disseram-nos que nos querias fazer uma

supplica? Qual é? Tu não podes fazer ao monarcha dinamarquez um pedido

que não seja rasoavel, e não recorres a elle em vão. Que poderias

desejar, Laerte, a que não estejamos promptos a annuir, mesmo antes de

conhecer a pretensão. A cabeça não é mais sympathica ao coração, a mão

não é mais prompta em servir a bôca do que o throno de Dinamarca é

dedicado a teu pae. Que desejas pois, Laerte?

LAERTE

Meu augusto soberano, a vossa licença e o vosso consentimento, para

voltar a França. Gostosamente vim a Dinamarca para assistir á vossa

coroação, mas, cumprido esse dever, confesso-o, os meus desejos e a

minha vontade me chamam a França, e supplico a vossa magestade que me

conceda partir.

O REI

Já alcançaste o consentimento de teu pae? o que diz Polonio?

A RAINHA

Arrancou-me o meu consentimento, tanto me importunou; acabei por ceder,

mau grado meu, aos seus desejos. Supplico-lhe, pois, senhor, que lhe

conceda a licença pedida.

O REI

Podes partir quando te aprouver, Laerte; deixo-te a liberdade de

dispores do teu tempo e da tua pessoa. Então, Hamlet, meu primo, meu

filho?

HAMLET á parte

Aindaque mui proximos parentes não somos primos.

O REI

Porque essas nuvens que pesam sobre a tua fronte?

HAMLET

Engana-se, senhor, como póde haver nuvens, quando brilha o sol.

A RAINHA

Querido Hamlet, despe essas roupas de dó, e lança um olhar amigavel para

o rei de Dinamarca. Descrava os teus olhos do chão; pareces procurar as

pegadas do teu glorioso pae. Sabes bem que é um destino invariavel; tudo

quanto vive ha de morrer, e este mundo é uma ponte para a eternidade.

HAMLET

Sim, senhora, é um destino commum.

A RAINHA

Se é assim, o que te parece a ti tão extraordinario?

HAMLET

Senhora, não me parece, é-o na verdade. O parecer para mim nada vale.

Minha mãe, não são nem esta capa negra, nem estas vestes obrigadas nos

lutos solemnes, nem os suspiros que mal póde soltar um peito opprimido,

nem torrentes de lagrimas, nem o semblante macerado, nem todas as

manifestações de uma dor pungente, que podem exprimir e revelar o que eu

sinto. Todos estes signaes podem parecer dor; é um papel facil de

representar, mas não são verdadeira dor, são como o fato para o

comediante; mas eu (pondo a mão sobre o coração) sinto aqui, o que não

ha palavras que o expressem.

O REI

Nada ha na verdade, Hamlet, mais commovente e louvavel do que os deveres

funebres prestados á memoria de um pae. Mas lembra-te que teu pae já

perdêra o seu, e que esse tambem já perdêra o pae. E para o sobrevivente

um dever de piedade filial, dar durante um certo praso provas de uma dor

respeitosa; mas perseverar n'uma afflicção obstinada, é mostrar uma

teima impia; é uma dor cobarde, é a prova de uma vontade rebelde aos

decretos da providencia, de um coração sem energia, de uma alma incapaz

de resignação, de uma intelligencia pobre e limitada. Porque nos deve

impressionar a tal ponto um acontecimento, que sabemos ser uma

necessidade, e que se repete tão frequente, quanto as occorrencias mais

vulgares; é uma triste indocilidade. Que!! É uma offensa a Deus, uma

offensa aos finados, uma absurda offensa á natureza, que não tem em seus

fastos mais vulgar acontecimento, que a morte de um pae; a qual, desde o

primeiro cadaver até ao homem que hoje se finou, nunca deixou de nos

clamar: Assim estava escripto. Supplico-te, portanto, abandona essa

afflicção impotente, e vê em nós um segundo pae; porque queremos que

todos saibam que tu és o mais proximo ao nosso throno, e que a affeição

mais terna que um pae tem a seu filho, tenho-a eu a ti. Quanto á tua

intenção de voltar a Wittemberg, para continuares os teus estudos, nada

ha mais opposto aos nossos desejos; conjurâmos-te que fiques aqui, sê o

prazer de nossos olhos, o primeiro da nossa côrte, nosso sobrinho, nosso

filho.

A RAINHA

Hamlet, far-te-ha tua mãe uma supplica baldada? peço-te fica comnosco,

não vás para Wittemberg.

HAMLET

Farei o que podér, para em tudo vos provar obediencia.

O REI

Eis emfim uma resposta affectuosa e comedida. Serás na Dinamarca um

segundo \_Eu\_. (Á rainha) Venha, senhora, este acto de deferencia de

Hamlet, cumprido tão naturalmente e sem esforço, enche de jubilo o meu

coração. Para o celebrar o rei de Dinamarca não libará uma taça, sem que

a voz do canhão o transmitta ás nuvens. A cada taça quero que o céu o

annuncie, repercutindo o estrondo dos raios da terra. Vamos agora.

(Todos sáem excepto Hamlet.)

HAMLET só

Ah! porque não poderá esta carne tão solida fundir-se e tornar-se

orvalho. Ah que se o Eterno não tivesse fulminado como reprobo o

suicida... Senhor Deus, meu Deus, como são insipidos, fastidiosos e vãos

os gosos do mundo. Que pena! Elle é um jardim inculto que só tem plantas

grosseiras e maleficas. Pois será possivel que ousassem tanto? Morto ha

dois mezes! que digo? Nem dois mezes ainda. Um rei tão bom, que tanta

similhança tinha com este como Hyperion com um Satyro, todo ternura para

minha mãe, a ponto de não querer que uma brisa mais fresca açoutasse o

seu rosto! Céus e terra! e deverei eu recordar-me? Parecia que a vida de

um era a vida do outro! Comtudo, passado apenas um mez--não posso nem

quero pensal-o--, fragilidade é synonymo de mulher. Só um mez, sem ainda

ter gasto o calçado que usava acompanhando o feretro do marido, banhada

em lagrimas como uma Niobe, ella mesma, essa mulher, oh céus! um animal

privado do soccorro da rasão teria prolongado o seu luto; essa mulher

desposou meu tio, o irmão de meu pae, mas que tem tanto de meu pae como

eu de Hercules. No fim de um mez, antes que seccassem as suas hypocritas

lagrimas, casou. Oh criminosa precipitação! Voar com tanto afan a um

leito incestuoso, é horrivel! E será possivel que o céu o tolere?

Despedaça-te coração, já que forçoso é calar.

Chegam HORACIO, BERNARDO e MARCELLO

HORACIO

Deus guarde a Vossa Alteza.

HAMLET

Quanto folgo de te ver de boa saude. És tu, Horacio, não me engano.

HORACIO

Eu mesmo, o vosso servo fiel até á morte.

HAMLET

Queres dizer \_amigo\_; de hoje em diante dar-te-hei este nome. Mas que

fazes tu longe de Wittemberg, Horacio? Marcello.

MARCELLO

Meu principe!

HAMLET

Alegro-me de te ver, bons dias. (A Horacio.) Mas, francamente, que

motivo te obrigou a voltar de Wittemberg?

HORACIO

Tudo dissipei.

HAMLET

Nunca consentiria que um teu inimigo assim fallasse a teu respeito; e

não me obrigarás a forçar a minha rasão a crer no que o meu coração se

nega a acreditar. Accusares-te d'esta maneira a ti mesmo... tu não és

dissipador. Que motivo tão forte te pôde pois trazer a Elsenor, tu m'o

contarás mais tarde, entre dois copos de vinho generoso, antes da tua

partida.

HORACIO

Senhor, vim prestar a ultima homenagem a seu augusto pae.

HAMLET

Peço-te, meu camarada de estudos, que não zombes; creio antes que vieste

assistir ao casamento de minha mãe.

HORACIO

Verdade é que não houve quasi intervallo.

HAMLET

Por alvitre economico, Horacio. O banquete funerario ainda subministrou

as iguarias e as viandas para o festim nupcial. Antes quizera encontrar

no céu o meu mais encarniçado inimigo, do que ter visto despontar um tal

dia, Horacio. Meu pobre pae, parece-me que o estou vendo!

HORACIO

Onde, senhor?

HAMLET

Na minha imaginação, Horacio.

HORACIO

Recordo-me de o ter visto, era um grande rei.

HAMLET

Era um homem que, bem considerado, não tinha rival na terra.

HORACIO

Julgo tel-o visto a noite passada.

HAMLET

Viste, quem?

HORACIO

Alteza, vi o rei seu pae.

HAMLET

O rei meu pae?

HORACIO

Senhor, acalme esta agitação e espanto, e preste attenção, emquanto eu,

fundado no testemunho ocular d'estes senhores, vou relatar esse

prodigio.

HAMLET

Falla, pelo amor de Deus, sou todo ouvidos.

HORACIO

Durante duas noites consecutivas, no meio das trevas e do silencio,

emquanto estes senhores estavam de sentinella, eis o que lhes aconteceu.

Uma figura parecida com seu pae, armada da cabeça aos pés, lhes

appareceu caminhando lenta e magestosamente. Tres vezes, atemorisados e

attonitos, o viram passar á distancia do bastão de commando que

empunhava, emquanto elles, fulminados pelo terror, ficaram mudos, nem

ousaram fallar. Confiaram-me, debaixo de segredo, tremulos ainda, o que

tinham presenceado. Na noite seguinte entrei com elles de sentinella, e

confirmando a verdade das suas palavras, á hora por elles indicada,

debaixo da fórma por elles descripta, voltou a apparição. Reconheci seu

pae; as minhas duas mãos não são mais parecidas.

HAMLET

Mas em que sitio appareceu?

MARCELLO

Senhor, na explanada, onde estavamos de sentinella.

HAMLET

Fallaram-lhe.

HORACIO

Fallámos, mas não respondeu. Comtudo uma vez pareceu-me que movia a

cabeça, como quem quer fallar; mas n'esse momento cantou o gallo

matinal; ao som do canto afastou-se o espectro apressadamente, e nós

perdemol-o de vista.

HAMLET

Na verdade é incomprehensivel.

HORACIO

Senhor, juro-lhe pela minha vida que é verdade, e julgámos nosso dever

informar Vossa Alteza.

HAMLET

Não posso dissimular a minha inquietação! Estão de guarda esta noite?

TODOS

Sim, Alteza.

HAMLET

Armado, disseram?

TODOS

Armado, meu senhor.

HAMLET

Da cabeça aos pés?

TODOS

Tal qual.

HAMLET

Viram-lhe as feições?

TODOS

Vimos, tinha a viseira levantada.

HAMLET

Tinha physionomia carregada?

TODOS

A expressão era antes triste que colerica.

HAMLET

Pallido ou córado?

TODOS

Muito pallido.

HAMLET

O seu olhar fixou-se em algum de vós?

TODOS

Constantemente.

HAMLET

Queria lá ter estado.

HORACIO

O seu espanto teria sido igual ao nosso.

HAMLET

É mais que provavel. Demorou-se muito?

HORACIO

O tempo necessario para contar até \_um cento\_, sem parar.

MARCELLO e BERNARDO

Muito mais, muito mais.

HORACIO

Não a vez que o vi.

HAMLET

A barba era grisalha, não é verdade?

HORACIO

Era, como em sua vida, de um negro prateado.

HAMLET

Velarei tambem esta noite, talvez que volte.

HORACIO

Sem duvida alguma.

HAMLET

Se se me apresentar debaixo da figura de meu pae, fallar-lhe-hei, embora

o inferno me ordenasse o silencio, pelas suas horrendas fauces.

Peço-vos, portanto, que se até hoje tendes guardado um segredo tal a

respeito da apparição, de hoje em diante sejaes ainda mais cautelosos em

conservar o sigillo; e aconteça o que acontecer esta noite, reflexão e

silencio: serei grato a esta prova de affeição. Assim, pois, adeus,

encontrarme-hei comvosco na explanada entre as onze horas e a meia

noite.

TODOS

Os nossos respeitos, principe.

HAMLET

Sempre amigos, adeus. (Horacio, Marcello e Bernardo sáem.)

(Continuando.) A sombra de meu pae, porque apparece armada? Haverá algum

perigo. Suspeito alguma traição. Espero impacientemente a noite. Até

então, socega coração. Não ha crimes tão occultos, que o homem não possa

descobrir. (Sáe.)

SCENA III

Um quarto em casa de Polonio

Entram LAERTE e OPHELIA

LAERTE

Já embarcaram os meus creados e roupas. Adeus, minha irmã; quando ventos

propicios encherem as vélas ao navio que me leva, espero que com a minha

ausencia não esfriará a tua amisade, e que me darás novas tuas.

OPHELIA

Duvídas porventura, irmão?

LAERTE

Quanto ao que respeita a Hamlet e á sua frivola amisade, considera-a

como uma moda ephemera, um capricho dos sentidos, uma violeta da

primavera, precoce mas passageira, suave mas fenecendo ao desabrochar, e

cujo perfume dura um minuto apenas.

OPHELIA

Só um minuto?

LAERTE

Só, acredita-me, porque o teu desenvolvimento não é só nos musculos e no

corpo; á medida que o templo toma proporções mais vastas, tambem se

expande o espirito e a alma. É possivel que te ame agora, que nenhuma

macula, nenhuma deslealdade offusque a pureza dos seus sentimentos; mas

acautela-te, porque na posição que occupa é-lhe vedada a propria

vontade, é escravo do seu nascimento. Não póde, como os outros homens,

escolher só por affeição, porque á sua escolha estão ligados o bem-estar

e a salvação do estado; por isso deve subordinal-a ao voto e á

approvação da nação de que é chefe. Se, pois, te fallar de amor,

assisadamente usarás, não acreditando senão o que a sua posição lhe

permitte offerecer, vistoque a sua vontade deve ser a vontade da nação.

Pensa bem, que mancha para a tua reputação, se prestasses ouvidos por

demais credulos, ao encanto das suas fallas, se envenenasses tua alma,

se abrisses o cofre da castidade ás suas audaciosas instancias.

Acautela-te, Ophelia, acautela-te, querida irmã, luta com a tua affeição

para vencer as settas e os perigos dos desejos. A virgem prudente já é

assás prodiga se patenteia a sua belleza aos raios lunares; a propria

virtude não escapa aos golpes da calumnia; o verme roe as filhas

predilectas da primavera, antes das flores desabrocharem; e é na aurora

da vida, regada pelo puro e limpido orvalho, que ha mais perigo para a

flor da castidade. Sê, pois, circumspecta, a melhor protecção é o receio

do perigo; a juventude é para si mesma um perigo, se não trava luta com

outros maiores.

OPHELIA

Em meu coração encerrarei, como um preservativo, a tua salutar lição.

Mas, querido irmão, não sejas tu, como certos pastores sem virtude, que

indicam ás suas ovelhas o caminho escarpado e espinhoso que conduz ao

céu, emquanto elles, libertinos, fogosos e sem pudor, trilham o caminho

das flores, da licença, e são a antithese das suas palavras.

LAERTE

De mim não te arreceies: já devia ter partido; eis meu pae.

Entra POLONIO

Uma dupla benção é um beneficio duplo; abençôo a occasião de me despedir

segunda vez de ti.

POLONIO

Ainda aqui, Laerte? para bordo, para bordo. Não te envergonhas? Teu

navio só te espera para velejar. Recebe a minha benção, e grava na tua

memoria os seguintes preceitos. Guarda para ti o pensamento, e não dês

execução apressadamente aos teus projectos; medita-os maduramente. Sê

lhano sem te esqueceres de quem és. Quando tomares um amigo cuja

affeição tenhas experimentado, liga-o a ti por vinculos de aço; mas não

dês confiança irreflectidamente. Faze por evitar questões; mas se o não

podéres conseguir, conduze-te de maneira que fiques sempre superior ao

teu adversario. Ouve a todos, mas sê avaro de palavras; escuta o

conselho que te derem, forma depois o teu juizo. No teu trajar sê tão

sumptuoso, quanto t'o permittam os teus meios, mas nunca affectado;

rico, mas não offuscante; o porte dá a conhecer o homem, e n'esse ponto,

as pessoas de qualidade em França revelam um gosto primoroso, e o mais

fino tacto. Não emprestes, nem peças emprestado: quem empresta perde o

dinheiro e o amigo, e o pedir emprestado é o primeiro passo para a

ruina. Mas sobre tudo sê verdadeiro para a tua consciencia, e assim como

a noite se segue ao dia, seguir-se-ha tambem, que o teu coração jamais

abrigará falsidade. Adeus, que a minha benção selle em teu coração os

meus conselhos.

LAERTE

Despedindo-me, humildemente vos beijo a mão, meu pae.

POLONIO

Não tens tempo que perder, teus creados esperam-te.

LAERTE

Adeus, Ophelia, recorda-te das minhas palavras.

OPHELIA

Fechei-as no meu coração; dou-te a chave, guarda-a.

LAERTE

Adeus. (Sáe.)

POLONIO

Que te disse elle, Ophelia?

OPHELIA

Com licença de meu pae, fallou-me a respeito de Hamlet.

POLONIO

Folgo que o fizesse. Disseram-me que ultimamente Hamlet tem tido comtigo

frequentes entrevistas, e que tu não te esquivas ás suas frequentes

visitas. Se assim é, e creio na informação que me deram, devo dizer-te

que não encaras a tua posição com a lucidez que convem a minha filha, e

que a tua honra exige. Dize-me a verdade, o que ha?

OPHELIA

Protestos de amor.

POLONIO

De amor! como inexperiente fallas, conservas as illusões todas. Dás tu

porventura credito aos seus protestos, como tu lhe chamas?

OPHELIA

Nem sei, senhor, o que devo pensar.

POLONIO

Pois bem, eu t'o digo. É necessario que sejas bem creança para crer uma

realidade os seus protestos, de cuja sinceridade devéras duvido. Não te

deprecies assim; seria uma loucura.

OPHELIA

O seu respeito foi inseparavel das suas phrases de amor.

POLONIO

E tu acreditas, pobre louca.

OPHELIA

Firmou as suas palavras com os juramentos mais sagrados.

POLONIO

Assim arma o caçador os laços á avesinha innocente e incauta. Sei que,

quando o sangue ferve, a nossa bôca nunca se nega a protestos e

juramentos. Minha filha, estes lampejos que dão mais luz que calor, e

cujo brilho é ephemero, nunca os tomes por verdadeira chamma de amor. A

datar de hoje, não malbarates tanto a tua presença virginal; difficulta

mais as entrevistas, que não baste pedir para as obter. Quanto ao sr.

Hamlet e á confiança que n'elle podes ter, considera que é joven, e que

póde tomar liberdades de que depois tenhas que te arrepender. N'uma

palavra, Ophelia, descrê dos seus juramentos, porque não são

verdadeiros; interpretes de desejos profanos, revestem-se da linguagem

da mais santa sinceridade. Uma vez por todas, e franqueza, filha,

prohibo-te toda e qualquer conversa com o sr. Hamlet. Pensa bem.

Ordeno-t'o.

OPHELIA

Obedecerei, meu pae. (Sáem.)

SCENA IV

A explanada do castello de Elsenor

Chegam HAMLET, HORACIO e MARCELLO

HAMLET

Que frio horrivel, gélo.

HORACIO

O ar está devéras glacial.

HAMLET

Que horas são?

HORACIO

Não deve tardar a meia noite.

MARCELLO

Está dando meia noite.

HORACIO

Já! não ouvi, em todo o caso approximâmo-nos da hora a que costuma

apparecer o phantasma. (Ouvem-se ao longe tangeres de instrumentos, e o

troar de artilheria.) Que rumor é este?

HAMLET

O rei consagra esta noite ao prazer, está bebendo, e a cada copo de

vinho do Rheno, os timbales e clarins proclamam o brinde que levantou.

HORACIO

Isso é costume?

HAMLET

Sim é, mas apesar de eu ter nascido n'este paiz, e estar acostumado a

estes usos, ha emquanto a mim mais gloria em infringil-os, do que em

observal-os. Estas orgias abjectas trazem-nos, do oriente ao occidente,

o desprezo das outras nações, que nos qualificam de ebrios, e juntam aos

nossos nomes os epithetos mais grosseiros. Este defeito embaça as nossas

mais brilhantes qualidades, e tira-lhes todo o valor. O mesmo acontece

aos individuos. Se ao nascerem, receberam da natureza alguma macula

original, de que não são culpados, poisque o nascimento é independente

da nossa vontade; se os afflige algum vicio de temperamento contra o

qual todos os esforços da rasão são impotentes, algum costume que

desagrade nos seus modos destruindo-lhes o encanto; acontece a esses

homens, tendo o estigma de um defeito unico, libré da natureza, sêllo da

sua estrella, acontece, digo, que todas as suas virtudes, fossem ellas

puras como a graça celeste, infinitas quanto comporta á humanidade,

ficariam manchadas na opinião, publica por esse defeito unico. Basta uma

mollecula de liga para depreciar esse metal.

Apparece a sombra

HORACIO

Senhor, eil-o.

HAMLET

Anjos do céu, poderes misericordiosos, protegei-nos. Genio bemfazejo, ou

demonio infernal, que exhalas os perfumes celestes, ou as emanações do

averno; que sejam sinistras ou caridosas as tuas intenções, appareces-me

debaixo de uma fórma tão grata que te quero fallar. Interrogo-te,

Hamlet, senhor, meu pae, rei de Dinamarca, oh! responde-me, não me

deixes, na ignorancia, morrer de emoção; mas dize-me, porque teus bentos

ossos encerrados no ataude romperam os sellos; porque te levantaste do

tumulo em que te haviamos depositado; porque se ergueu a lapide

sepulchral para te lançar a este mundo? Como, cadaver inanimado,

vestindo a tua armadura de aço, vagueias tu á duvidosa claridade da lua,

imprimindo á noite um caracter de horror, lançando-nos, fracos ludibrios

da natureza, nas ancias do terror; e fazendo surgir em nossas almas

pensamentos que excedem o nosso alcance? Responde. Porque? Com que fim?

Que exiges?

HORACIO

Faz-vos signal de o seguir, como se quizesse fallar-vos a sós.

MARCELLO

Veja, principe, o gesto cheio de cortezia e dignidade, com que o convida

a seguil-o a logar mais remoto; mas não vá.

HORACIO

Senhor, pelo amor de Deus.

HAMLET

Quer-me fallar, pois bem, seguil-o-hei.

HORACIO

Não faça tal, senhor.

HAMLET

Porque? que tenho eu a receiar, importa-me tanto a vida, como se fosse

um alfinete; quanto á minha alma, nada póde contra ella, porque é

immortal, como elle é. Repete o signal, vou seguil-o.

HORACIO

E se elle vos attrahisse ao Oceano ou ao pincaro escarpado de algum

rochedo saliente e sobranceiro ao mar; e se tomasse alguma fórma

horrivel, cuja vista vos varresse a rasão tornando-vos demente? Pensae

bem, senhor, não receiaes alguma vertigem ao contemplar de alto a

immensidade debaixo de vossos pés?

HAMLET

Continua a fazer-me signal. Caminha, sigo-te.

MARCELLO

Não ha de ir, senhor.

HAMLET

Ninguem me detenha.

HORACIO

Seja rasoavel, principe, não vá.

HAMLET

Ouço a voz do meu destino; brada alto, e cada um dos meus musculos

adquiriu o vigor dos do leão de Nemea. (A sombra faz-lhe signal de a

seguir.) Chama-me outra vez, deixem-me, senhores (escapa-se-lhes dos

braços.) Por Deus, que não viverá, quem ousar oppôr-se-me. Afastem-se,

já disse. (Á sombra.) Caminha, sigo-te. (A sombra e Hamlet afastam-se.)

HORACIO

Apoderou-se d'elle o delirio.

MARCELLO

Sigamol-o; desobedecer-lhe é forçoso n'estas circumstancias.

HORACIO

Não o abandonemos. Qual será o resultado!

MARCELLO

Algum vicio ha na constituição da Dinamarca.

HORACIO

O céu proverá o que for melhor.

MARCELLO

Sigamos o principe. (Sáem todos.)

SCENA V

Uma parte mais afastada da explanada

Chegam HAMLET e a SOMBRA

HAMLET

Onde pretendes conduzir-me; mais adiante não irei.

A SOMBRA

Encara-me, Hamlet.

HAMLET

Que queres?

A SOMBRA

Approxima-se a hora em que me devo recolher ás chammas sulphureas e

ardentes.

HAMLET

Pobre alma!

A SOMBRA

Não me lastimes, mas presta attenção ao segredo que te vou revelar.

HAMLET

Falla, é meu dever escutar-te.

A SOMBRA

Dever tambem é vingar-me depois de me teres ouvido.

HAMLET

Que ouço!

A SOMBRA

Sou a alma de teu pae, condemnada a penar durante um tempo certo, a

jejuar n'um carcere de chammas, até que as culpas que mancharam a minha

vida estejam completamente expiadas e purificadas pelo fogo. Se não me

fosse defezo revelar os segredos do meu carcere, far-te-ía uma narrativa

de que cada palavra encheria de terror a tua alma, gelaria o teu sangue,

os olhos quaes estrellas brilhantes saíriam das suas orbitas, os anneis

do teu cabello desfazer-se-íam em completa desordem, e cada cabello

ficaria hirto como as cerdas do javali; mas estes mysterios eternos não

são para ouvidos profanos de carne e de sangue. Escuta, escuta, oh

escuta-me! se alguma vez amaste teu carinhoso pae...

HAMLET

Oh céus!

A SOMBRA

Vinga a sua morte, causada por um assassinio, cobárde, infame e nefando.

HAMLET

Um assassinio?

A SOMBRA

Infame! todos os assassinios o são, mas nunca houve nenhum mais infame,

inaudito e horrendo do que este.

HAMLET

Apressa-te em desvelar-m'o, para que prompto, como a meditação, ou como

o pensamento de amor, possa saciar a minha vingança.

A SOMBRA

Grato sou ao teu empenho, Hamlet; era preciso que fosses mais apathico

do que a planta grossa e crassa que immovel e inerte apodrece nas

margens do Lethes, se não sentisses n'este momento commoção alguma.

Agora, ouve-me. Espalhou-se que emquanto dormia no meu jardim, uma

serpente me mordêra; é assim que uma fallaz narrativa enganou a

Dinamarca sobre a causa da minha morte. Sabe tu pois a verdadeira, nobre

mancebo: a serpente cujo dardo matou teu pae, cinge hoje a corôa d'este

reino.

HAMLET

Oh meus propheticos presentimentos, meu tio!

A SOMBRA

Sim, esse monstro, incestuoso, adultero pela magia das palavras, pelos

dotes insidiosos. Oh loquela perversa, oh dotes nefarios, poisque tem

tal poder de seducção, e conseguiu inspirar essa vergonhosa paixão a

minha mulher, apparentemente tão virtuosa. Oh! Hamlet, que degradação!

Descer de mim, cujo amor nobre e digno não tinha desmentido um instante

o juramento prestado junto ao altar, a um miseravel, entre cujas

qualidades naturaes e as minhas havia um abysmo! Mas assim como a

virtude resiste inabalavel ás tentações do vicio, aindaque debaixo da

fórma da Divindade lhe apparecesse, assim tambem a impudicicia, embora

associada a um anjo celeste de luz, cansa-se da santidade do leito

conjugal, para ir habitar o mais desprezivel prostibulo. Mas já sinto a

frescura da aurora, forçoso é que eu termine. Emquanto dormia no meu

jardim, era esse o meu costume todas as tardes; teu tio, aproveitando a

minha inconsciencia, approximou-se de mim, munido de um frasco de

meimendro, e lançou-me n'um ouvido o conteúdo. É um veneno tão activo

para o sangue humano, que com a subtileza do mercurio corre e se

infiltra em todos os canaes, em todas as veias, coalhando e alterando o

sangue pela sua acção energica: o mais puro e limpido não lhe resiste, é

como uma gotta de qualquer acido n'uma taça de leite. Tal foi o seu

effeito, que uma lepra instantanea cobriu meu corpo de uma crosta impura

e infecta. Eis como durante o meu somno, tudo me foi arrebatado de uma

vez, e pela mão de um irmão, vida, corôa e consorte. A morte

surprehendeu-me em estado flagrante de peccado; sem sacramentos, sem me

reconciliar, nem com Deus, nem com a minha consciencia; tinha que

comparecer perante o Juiz Supremo vergando sob o peso das minhas

iniquidades. Horror, horror, cumulo de horror! Se em teu coração vibra a

fibra da sensibilidade, não o toleres. Não consintas que o leito do rei

de Dinamarca se transforme em mansão da luxuria e do incesto. Mas seja

qual for a tua vingança, conserva-te moral e puro, e poupa tua mãe.

Entrega o seu castigo ao céu, e aos espinhos do remorso que lhe

dilaceram o coração. Adeus, cumpre-me deixar-te; a luz do perilampo,

cujo fogo sem calor começa a esmorecer, annuncia a approximação da

aurora. Adeus, adeus, adeus. Recorda-te sempre de mim. (A sombra

retira-se.)

HAMLET

Oh! santas legiões do céu, oh! terra, que mais? Invocarei o inferno? Oh!

opprobrio; contém-te, ah! contém-te, meu coração, e vós, meus musculos,

não percaes o vigor, e redobrae de força e energia para me suster.

Recordar-me de ti? Sim, sombra infeliz, emquanto a memoria não abandonar

este meu cerebro desordenado. \_Recorda-te de mim\_; sempre! quero varrer

da minha memoria todas as recordações frivolas, todas as maximas

colhidas nos livros, todos os vestigios, todas as impressões do passado,

tudo quanto a juventude e a observação coordenaram, e em sua vez dar só

lugar, sem rivaes, juro-o pelo céu, aos teus preceitos. Oh! mulher

perversa, oh infame e damnado monstro! oh memoria, grava bem o seguinte,

que nos sorrisos do homem se póde occultar um crime; assim é na

Dinamarca (escreve n'uma carteira). Meu tio, espere-me. A minha senha

será de hoje em diante. \_Adeus, adeus, adeus. Recorda-te de mim.\_

Jurei-o.

HORACIO ao longe

Senhor, senhor?

MARCELLO ao longe

Senhor Hamlet?

HORACIO

Que o céu o proteja.

HAMLET

Assim seja.

MARCELLO ao longe

Olá, olá, senhor!

HAMLET

Pousa meu falcão, pousa. (Imita o canto do falcão e o chamamento do

falcoeiro.)

Chegam HORACIO e MARCELLO

MARCELLO

O que se passou, senhor?

HORACIO

Que novas, senhor?

HAMLET

As mais extraordinarias.

HORACIO

Conte-nol-as, principe.

HAMLET

É um segredo.

HORACIO

E não sou eu capaz de o guardar? O principe conhece-me.

MARCELLO

E eu?

HAMLET

Que me dirão quando o souberem: que coração humano o teria pensado.

Juram-me segredo?

HORACIO e MARCELLO

Jurâmos.

HAMLET

Não ha em toda a Dinamarca um scelerado igual.

HORACIO

Era necessario que um espectro saísse do tumulo para nol'o dizer?

HAMLET

É verdade, têem rasão. Basta de palavras, um aperto de mão, e cada um

volte onde o chamam os negocios e as suas inclinações, porque todos têem

inclinações e negocios, sejam quaes forem: eu, pobre pária do mundo, vou

orar.

HORACIO

São palavras incoherentes e sem sentido, alteza.

HAMLET

Peza-me que te offendesses, peza-me devéras.

HORACIO

Em que, senhor?

HAMLET

Por S. Patricio, que te offendi e gravemente. Quanto á apparição de inda

agora, é um phantasma honesto, digo-t'o eu. Quanto ao desejo de

conhecerem, senhores, o que entre nós se passou, reprimam-n'o. E agora,

meus bons amigos, em nome da nossa amisade, da nossa camaradagem de

estudos e de armas, façam-me um favor.

HORACIO

Qual é? Não hesitâmos.

HAMLET

Nunca digam o que viram esta noite.

AMBOS

Conte com a nossa palavra, principe.

HAMLET

Quero um juramento.

HORACIO

Prometti o segredo.

MARCELLO

Já jurámos.

HAMLET

Mas jurem sobre a minha espada.

A SOMBRA (debaixo da terra)

Jurem.

HAMLET

Ah! ah! meu camarada, és tu que fallas; estás ahi, meu valente,

approxima-te; ouvem a sua voz, prestem o juramento.

HORACIO

Diga-nos a formula, principe.

HAMLET (afastando-se um pouco com elles)

Jurem sobre a minha espada, que guardarão sigillo do que viram e

ouviram.

A SOMBRA (debaixo da terra)

Jurem.

HAMLET

\_Hic et ubique.\_ Vamos para mais longe. (Afastam-se um pouco.)

Approximem-se, e estendendo a dextra sobre a minha espada, jurem por

este gladio nunca revelar o que viram e ouviram.

A SOMBRA (debaixo da terra)

Jurem pela sua espada.

HAMLET

Bravo, velha toupeira, como caminhas depressa subterraneamente, que

bello mineiro! Afastemo-nos mais uma vez, meus bons amigos.

HORACIO

Por vida minha, é prodigioso!

HAMLET

Acolhâmol-o como se acolhe um estrangeiro. O céu e a terra encerram mais

mysterios, que os conhecidos pelos philosophos; mas venham. Notem o que

notarem nos meus modos, se eu julgar necessario affectar maneiras

extravagantes, jurem-me pela sua salvação que nunca cruzarão os braços,

meneando a cabeça, nem lhes escaparão palavras ambiguas, como por

exemplo: \_Muito bem, muito bem\_--\_já sabemos\_--ou--\_se quizessemos

fallar\_--ou--\_ainda ha pessoas que se ousassem\_--ou outras expressões

equivocas, dando a perceber que estão na confidencia; jurem que nada

farão; e possa, quando mais precisarem, não lhes faltar a graça divina.

A SOMBRA (debaixo da terra)

Jurem.

HAMLET

Acalma-te, alma penada. Assim, senhores, recommendo-me á vossa affeição,

e tudo quanto um homem tão debil como Hamlet possa fazer para lhes

provar o seu affecto, fal-o-ha com a ajuda de Deus. Retiremo-nos juntos,

e silencio; peço-lh'o eu. Ha no mundo alguma grande perturbação.

Maldição. Porque serei eu o eleito para a terminar? Vamos, partâmos

juntos.

Fim do acto primeiro

ACTO SEGUNDO

SCENA I

Uma sala em casa de Polonio

Entram POLONIO e RINALDO

POLONIO

Rinaldo, entrega a meu filho este dinheiro e estas letras.

RINALDO

Sim, meu senhor.

POLONIO

Mas antes de o procurar, obrarás assisadamente tomando informações a seu

respeito.

RINALDO

Era essa a minha intenção.

POLONIO

Bem, muito bem; toma antes todas as informações pelos dinamarquezes que

estão em París, vê as suas relações, e com quem se dão, quaes os seus

gastos; depois de te assegurares pelas tuas perguntas que conhecem meu

filho, procura colher informações mais exactas, sem comtudo o dar a

entender. Dissimula que o conheces perfeitamente, dizendo, por exemplo:

Conheço o pae e a familia, mas d'elle não tenho conhecimento algum.

Entendes, Rinaldo?

RINALDO

Perfeitamente, senhor.

POLONIO

De todo não me é desconhecido, pódes acrescentar. Conheço-o pouco é

verdade, comtudo aquelle de quem fallo é um dissipador com todos os seus

defeitos; imputa-lhe então todos os vicios que te parecer, excepto

aquelles que podem deshonrar um homem, toma conta n'isso; só as loucuras

e imprudencias proprias de um joven que se sente livre de todo o

constrangimento paterno.

RINALDO

O jogo, talvez?

POLONIO

Bem, e as bebidas, a esgrima, as pragas, o genio buliçoso, a convivencia

do prostibulo, é até onde te auctoriso que chegues.

RINALDO

Actos são, na verdade, que não deshonram.

POLONIO

Sabes bem como te deves haver fazendo estas imputações. Não aggraves os

factos accusando-o de devassidão continua e habitual; não pretendo tal;

censura-o mas com discrição; exprime-te como se attribuisses as suas

faltas aos defeitos inherentes á mocidade, ao abuso da liberdade, ao

arrebatamento de um espirito fogoso, á effervescencia de um sangue

ardente.

RINALDO

Mas, senhor?

POLONIO

Porque será conveniente obrar assim.

RINALDO

Para lh'o perguntar estava eu.

POLONIO

É onde eu queria chegar, e na minha opinião é um ardil sem igual. Depois

de teres imputado a meu filho esses ligeiros defeitos, que se podem

considerar quando muito como imperfeições n'uma bella obra; se o teu

interlocutor, aquelle que queres sondar, notou no joven a que te referes

algum dos vicios mencionados, está certo que responderá immediatamente:

Meu caro senhor, ou \_meu amigo\_--ou \_meu cavalheiro\_--segundo o costume

do individuo, ou o uso do paiz...

RINALDO

Prosiga, senhor.

POLONIO

Então... que estava eu dizendo? pela santa missa--que queria eu dizer? o

que era?

RINALDO

Fallava da resposta...

POLONIO

Que te darão, é isso, e não deixarão de responder: \_Conheço esse

mancebo, vi-o ainda hontem, ou outro qualquer dia, em tal epocha, com

estes ou com aquelles, surprehendi-o jogando, ou n'uma orgia ou numa

rixa\_, ou ainda, \_vi-o entrar n'uma casa suspeita\_; ou outras cousas

similhantes: agora vês como com a mentira se colhe a verdade. É assim

que nós, as pessoas entendidas, empregâmos a miudo o embuste e a

falsidade para descobrir a verdade. Ahi está o caminho que seguirás para

saber o comportamento de meu filho. Percebes agora?

RINALDO

Sim, meu senhor.

POLONIO

O Senhor seja comtigo, boa viagem.

RINALDO

Meu amo!

POLONIO

Observa tu mesmo as suas inclinações.

RINALDO

Fal-o-hei, senhor.

POLONIO

Mas não o distráias da sua vida.

RINALDO

Bem entendo.

POLONIO

Adeus. (Rinaldo sáe.)

Entra OPHELIA

POLONIO

Que te traz por aqui, Ophelia?

OPHELIA

Meu pae, meu pae, ainda tremo.

POLONIO

Porque? Falla por piedade.

OPHELIA

Querido pae, estava no meu quarto trabalhando em costura, quando de

repente deparo com o sr. Hamlet, mas em que estado! as vestes em

desordem, o cabello em desalinho, as meias caídas arrastavam pelo chão,

pallido e branco como uma mortalha, tremiam-lhe as pernas, o rosto tinha

a expressão do desespero, qual profugo do inferno mensageiro de novas

horriveis.

POLONIO

Enlouqueceria por tua causa?

OPHELIA

Não sei, meu pae, mas receio-o devéras.

POLONIO

Que te disse elle, Ophelia?

OPHELIA

Tomou-me os pulsos, apertando-os convulsivamente, depois afastando-se á

distancia do seu braço, levando a mão á testa, fitou os olhos no meu

rosto, como se me quizesse retratar. Assim se demorou por largo tempo,

por fim saccudindo-me levemente o braço, levantando e baixando por tres

vezes a cabeça, suspirou tão profundamente, que todo o seu corpo

estremeceu, parecia o prenuncio da morte. Feito isto, deixou-me, partiu

e desviando a cabeça, como um homem que para achar caminho não precisa o

auxilio da vista, transpoz a porta; mas então o seu olhar estava fito em

mim.

POLONIO

Segue-me, filha, vou procurar o rei. É o delirio do amor; a sua

violencia mata-o, e impõe á sua vontade actos de desespero, que nenhuma

outra paixão humana excitaria. Peza-me sinceramente. Dize-me,

ter-lhe-ías tu dirigido ultimamente alguma palavra cruel.

OPHELIA

Não, meu pae; mas obedecendo ás suas ordens, recusei as suas cartas e

evitei a sua presença.

POLONIO

Eis o que perturbou a sua rasão. Doe-me de o não ter conhecido melhor:

receiei que as suas intenções não fossem serias, e que só pretendesse

consummar a tua ruina. Arrependo-me do fundo de alma das minhas

desconfianças. Parece que o confiar cegamente na previdencia é o

apanagio da minha idade, como o contrario é o defeito da mocidade. Vem,

dirijâmo-nos ao rei, convem que elle nada ignore; porque o sigillo

d'este amor poderia acarretar mais desgraças do que a sua revelação

resentimentos. (Sáem ambos.)

SCENA II

Uma sala no castello de Elsenor

Entram o REI, a RAINHA, as suas comitivas, ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN

O REI

Sejam bemvindos, caros Rosencrantz e Guildenstern. Independentemente do

gosto de os ver, a necessidade do seu prestimo me obrigou a chamal-os a

esta côrte sem demora. Ouviram seguramente fallar da transformação de

Hamlet; digo transformação, porque já não é o mesmo homem, nem moral nem

physicamente. Só a morte do pae póde ser a causa do transtorno da sua

rasão, não posso conceber outra. Educados com elle desde a infancia,

sympathisando entre si pela idade e pelo caracter, peço-lhes que

permaneçam algum tempo na côrte, procurem inspirar-lhe o gosto e prazer

da sua convivencia, aproveitem todas as occasiões para descobrir se a

sua afflicção não tem alguma causa desconhecida, cuja revelação nos

permittisse dar-lhe remedio.

A RAINHA

Bastante tem fallado nos senhores, e estou convencida que ninguem no

mundo lhes é mais affeiçoado. A liberalidade do rei compensará

largamente os seus serviços e os seus incommodos. Esperâmos dos senhores

esta prova de affeição.

ROSENCRANTZ

Vossas magestades são nossos soberanos, e os reis não pedem, mandam.

GUILDENSTERN

Estamos promptos a obedecer; disponham de nós, senhores. Depondo aos pés

dos reis os nossos serviços e a nossa dedicação, pedimos-lhes só que

ordenem.

O REI

Obrigado, senhores.

A RAINHA

Obrigada tambem eu; vão ter com meu filho: infelizmente mal o

reconhecerão. (Á sua comitiva) Alguns d'estes senhores conduzam estes

cavalheiros junto de Hamlet.

GUILDENSTERN

Praza a Deus, que a nossa presença lhe seja agradavel e os nossos

cuidados um lenitivo.

A RAINHA

Deus queira. (Rosencrantz e Guildenstern sáem seguidos de alguns

cortezãos.)

Entra POLONIO

POLONIO

Senhor, regressaram de Noruega os embaixadores, satisfeitos com o

resultado da sua missão.

O REI

És sempre correio de boas novas.

POLONIO

Senhor! esteja vossa magestade certo que a minha alma põe a par a

dedicação ao meu rei e o respeito e amor ao meu Deus. A menos que a

minha sagacidade habitual me enganasse, descobri a verdadeira causa da

loucura do senhor Hamlet.

O REI

Estou ancioso por conhecel-a.

POLONIO

Primeiro os embaixadores, depois eu.

O REI

Recebe-os, e encarrego-te de os introduzir á nossa presença. (Polonio

sáe.) (Á rainha.) Annunciou-me, querida Gertrudes, que conhece a causa

da doença de seu filho.

A RAINHA

Receio bem que a morte de seu pae e o nosso precipitado consorcio sejam

as causas unicas.

O REI

Sabel-o-hemos em breve.

Entram POLONIO, VOLTIMANDO e CORNELIO

O REI

Bemvindos sejam, amigos. Falla tu, Voltimando; que novas trazes de nosso

irmão de Noruega?

VOLTIMANDO

Envia-vos seus cumprimentos e sauda-vos cordealmente. Mal nos ouviu,

ordenou ao sobrinho que pozesse fim aos seus preparativos guerreiros.

Julgava-os dirigidos contra a Polonia; mas convencido por um detido

exame que eram contra vossa magestade, e indignado por Fortimbraz se

prevalecer do estado precario, a que a idade e a doença o tinham

reduzido, ordenou-lhe que comparecesse na sua presença. Fortimbraz

obedeceu á ordem intimada, e depois de severamente reprehendido pelo rei

de Noruega, prestou nas mãos de seu tio o juramento de nada emprehender

contra vossas magestades. O idoso monarcha, para provar o seu jubilo,

concedeu-lhe uma pensão annual de tres mil escudos, e licença para

combater os polacos com as tropas alistadas. Ao mesmo tempo pede-vos

pelas presentes (entrega as cartas), que concedaes ás suas tropas livre

passagem pelo vosso territorio nas condições estipuladas n'este

escripto.

O REI

Este resultado enche-nos de satisfação; quanto ao pedido, lel-o-hemos, e

depois de maduramente examinado, responderemos. Agradecemos-lhes os seus

valiosos serviços. Descansem agora; juntos ceiaremos logo. (Voltimando e

Cornelio sáem.)

POLONIO

Felizmente está terminado este negocio. Senhor e senhora; discutir o que

constitue a auctoridade, e em que consiste a obediencia dos subditos,

porque a noite é noite, o dia é dia, e o tempo é tempo, seria perder sem

proveito a noite, o dia e o tempo; por isso, visto que a concisão é a

alma do espirito, emquanto que a prolixidade é só o corpo ou o involucro

exterior, serei breve: Vosso nobre filho está louco, digo louco, porque

haveria falta de rasão em querer definir o que constitue verdadeiramente

loucura. Passemos adiante...

A RAINHA

Menos estylo, Polonio.

POLONIO

Senhora, não faço estylo, juro-o. Seu filho está louco; é triste, mas é

verdade. É verdade que é uma lastima, mas é uma lastima que seja

verdade; é uma estulta antithese, mas tal qual é acceite-a; não emprego

arte. Está louco; resta-nos procurar a causa d'esse effeito, ou antes

defeito, porque forçosamente a deve ter. Siga bem o meu raciocinio:

Tenho uma filha, tanto a tenho, que me pertence. Minha filha, fiel ao

dever e á obediencia que me deve, note bem, entregou-me este escripto.

(Mostra um papel.) Reflicta e depois tire a conclusão. (Lê.) \_Ao idolo

da minha alma, á celeste Ophelia, á belleza personificada...\_ É uma

desgraçada e estulta expressão. \_Conserva preciosamente estas linhas, no

teu seio alabastrino...\_

A RAINHA

É de Hamlet a Ophelia.

POLONIO

Espere um momento, senhora, cito textualmente. (Lê)

Duvida que do céu a abobada azulada

Tenha espheras de luz de um magico esplendor,

Duvida seja o sol o facho da alvorada,

Duvida da verdade em tua alma gravada,

Mas não duvides nunca, oh! nunca, d'este amor.

\_Querida Ophelia, não sou poeta, não sei modular suspiros com arte, mas

podes acreditar que te amo, mais que tudo n'este mundo. Adeus, a ti,

para sempre minha vida, a ti emquanto esta machina mortal me

pertencer.\_==Hamlet.==Eis-ahi o que, por obediencia, minha filha me

entregou. Já antes ella me tinha confiado as tentativas de Hamlet, á

proporção que renovava as suas instancias amorosas.

O REI

Como pôde ella acolher este amor?

POLONIO

Em que conta me tem, senhor?

O REI

Na de um homem leal e honrado.

POLONIO

Farei por merecer sempre esse conceito a vossa magestade; mas que

pensaria o rei de mim, se vendo despontar esse amor, e já o tinha

adivinhado antes da confissão de minha filha, que pensariam o rei e a

rainha, se me calasse, e me tornasse mudo confidente do seu amor; se,

testemunha da sua paixão, tivesse imposto silencio ao meu coração, ou se

a considerasse com indifferença? má idéa por certo fariam de mim. Não

perdi um momento, disse a minha filha: \_O senhor Hamlet é um principe

collocado fóra da tua esphera; isto não póde ser.\_--Ordenei-lhe então

que evitasse a sua convivencia, e que nunca mais recebesse nem mensagens

nem dadivas. Seguiu o meu conselho, e para abreviar a minha narração, o

principe, vendo-se assim repellido, caíu primeiro n'uma profunda

tristeza, em seguida repugnaram-lhe os alimentos, mais tarde teve

insomnias, depois abatimentos e fraqueza intellectual, finalmente, e

sempre gradualmente, chegou á demencia e ao delirio. Deplorâmol-o todos.

O REI

E pensas ser essa a causa?

A RAINHA

É muito provavel.

POLONIO

Quizera me dissessem, se aconteceu alguma vez affirmar eu alguma cousa

que não fosse certa.

O REI

Nunca que eu saiba.

POLONIO

Se não é verdade o que disse (mostrando a cabeça), que esta role a seus

pés. Basta-me a mais simples circumstancia para descobrir a verdade,

aindaque estivesse occulta nas entranhas da terra.

O REI

Por que modo nol-o poderás tu provar.

POLONIO

Vossa magestade não ignora que o sr. Hamlet algumas vezes passeia quatro

horas consecutivas n'esta galeria.

A RAINHA

É certo.

POLONIO

Quando ali estiver, enviar-lhe-hei minha filha, e nós, occultos por

detrás d'esta cortina, seremos testemunhas da entrevista. Se não a ama,

se não foi o amor a causa da sua loucura, deixe eu de pertencer aos

conselhos de vossa magestade, e faça de mim um quinteiro, um hortelão ou

um abegão.

O REI

Tentemos a experiencia.

HAMLET entra lendo

A RAINHA

A leitura é a unica distracção d'este infeliz.

POLONIO

Retirem-se ambos por piedade. Vou fallar-lhe. Confiem em mim. (O rei e a

rainha sáem) Como se sente o sr. Hamlet?

HAMLET

Bem, Deus louvado.

POLONIO

Conhece-me, principe?

HAMLET

Se conheço, és um vendilhão de peixe.

POLONIO

Engana-se, senhor.

HAMLET

N'esse caso, queria que ao menos fosses tão honrado.

POLONIO

Honrado?

HAMLET

Sim; pelo caminho em que vae o mundo, custa achar um homem honrado entre

dez mil.

POLONIO

É uma triste verdade.

HAMLET

Ora o sol gera vermes no animal putrefacto, e embora divindade, acaricia

o cadaver. Tens uma filha, não é verdade?

POLONIO

Sim, meu senhor.

HAMLET

Não a deixes caminhar ao sol, a concepção é um beneficio do céu, mas

como tua filha póde conceber, cuidado... meu caro.

POLONIO

Que quer dizer, principe? (á parte) minha filha é a sua constante

preoccupação, mas não me reconheceu logo, tomou-me por um vendilhão de

peixe. O seu cerebro está gravemente atacado; verdade é, que na minha

mocidade o amor algumas vezes me reduziu a um estado similhante a este.

Dirijâmos-lhe de novo a palavra. Que está lendo, senhor?

HAMLET

Palavras e mais palavras, só palavras.

POLONIO

De que se trata, senhor?

HAMLET

Quem, o que?

POLONIO

Pergunto o que contém o livro que está lendo.

HAMLET

Calumnias, nada mais. O satyrico auctor tem a impudencia de dizer que

nos velhos a barba é grisalha, a pelle rugosa, e que seus olhos

distillam ambar e gomma em fusão; que o espirito está caduco, as pernas

não os sustêem; tudo cousas que creio em minha consciencia, mas que se

não devem escrever. Quanto ao senhor, poderia ter a minha idade, se

podesse andar para trás como os caranguejos.

POLONIO (á parte)

Aindaque louco póde coordenar as idéas. (Alto.) Quer vir tomar ar, meu

senhor?

HAMLET

Que ar? o do tumulo?

POLONIO (á parte)

Que agudeza e que verdade na replica. Ás vezes as palavras dos loucos

têem mais conceito que as dos sãos. Vou deixal-o, e preparar a sua

entrevista com minha filha. Senhor, tomo a liberdade de me retirar.

HAMLET

Nada podia tomar, que eu désse com mais gosto; excepto a vida, excepto a

vida, excepto a vida.

POLONIO

Adeus, meu senhor.

HAMLET (á parte)

Que imbecil e fastidioso velho.

Entram ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN

POLONIO

Procuram o sr. Hamlet, eil-o.

ROSENCRANTZ (a Hamlet)

Deus seja comvosco, senhor. (Polonio sáe)

GUILDENSTERN

Meu nobre senhor.

ROSENCRANTZ

Querido principe.

HAMLET

Meus bons e queridos amigos, como estão, tu Guildenstern e tu tambem

Rosencrantz, meus caros, como passam.

ROSENCRANTZ

Nem bem, nem mal.

GUILDENSTERN

Não nos peza demasiado a nossa felicidade, e não tocâmos o ponto

culminante da fortuna.

ROSENCRANTZ

Nem temos tambem rasões de queixa.

HAMLET

No meio está a virtude, é quando chovem as graças.

GUILDENSTERN

Vivemos familiarmente com ella.

HAMLET

Estão pois na intimidade da fortuna; não me admira, é uma cortezã. Que

novas ha?

ROSENCRANTZ

Nenhumas, senhor, a não ser que este mundo se tornou virtuoso.

HAMLET

Em tal caso o seu fim está mui proximo, mas o que dizes é falso.

Permittam-me uma pergunta que lhes diz respeito. Digam-me, que mal

fizeram á fortuna para ella os enviar para este carcere?

GUILDENSTERN

Carcere, senhor?

HAMLET

A Dinamarca tambem é carcere.

ROSENCRANTZ

Então é-o o mundo todo.

HAMLET

Sim, uma vasta prisão que em si encerra um grande numero de carceres,

dos quaes o peior é de certo a Dinamarca.

ROSENCRANTZ

Não somos da mesma opinião, principe.

HAMLET

Para os senhores não será uma prisão a Dinamarca, porque o bem ou o mal

não existem senão quando assim o julgâmos. Para mim é.

ROSENCRANTZ

A ambição faz parecer a Dinamarca uma prisão a vossa alteza, não cabe

n'ella a sua alma.

HAMLET

Acharia vasto reino uma casca de noz, se não fossem os meus terriveis

sonhos.

ROSENCRANTZ

São justamente esses sonhos que constituem a ambição, porque toda a

substancia do ambicioso é a sombra de um sonho.

HAMLET

Assim os mendigos são corpos, e os monarchas e os heroes ambiciosos não

são senão a sua sombra. Querem que vamos á côrte? porque sinceramente

não me sinto disposto a discutir.

AMBOS

Estamos ás suas ordens, principe.

HAMLET

Não o comprehendo eu assim, não o quero confundir com o resto dos meus

creados; porque, para lhes dizer a verdade, sou pessimamente servido.

Mas, com franqueza, amigos, o que os trouxe a Elsenor.

ROSENCRANTZ

Unicamente visitar a vossa alteza, nenhum outro motivo.

HAMLET

Estou tão pobre, tão alheio ao reconhecimento! mas recebam os meus

agradecimentos pelo preço que valem. Não os mandaram chamar? Foi por

motu proprio que vieram? É a affeição que aqui os trouxe? Vamos, sejam

francos, vamos, fallem.

ROSENCRANTZ

Que quer que digâmos, senhor?

HAMLET

Tudo quanto lhes aprouver, mas respondam á minha pergunta. Mandaram-os

chamar? Leio nos seus olhos uma confissão, que a sua candura não sabe

dissimular. Sei que o nosso bom rei e a nossa excellente rainha os

mandaram chamar.

ROSENCRANTZ

Com que fim, senhor?

HAMLET

Os senhores é que o poderão dizer; mas imploro-lhes, pelos direitos da

nossa amisade, pelas sympathias da nossa idade, pelos deveres que nos

impõe a nossa verdadeira affeição, emfim por todas as rasões as mais

convincentes que podesse allegar o mais habil orador, sejam francos e

sinceros commigo; mandaram-os chamar? \_Sim\_ ou \_não\_.

ROSENCRANTZ (a Guildenstern)

Que devemos responder?

HAMLET (á parte)

Não os perderei de vista. (Alto.) Se devéras me têem affeição,

expliquem-se com franqueza.

GUILDENSTERN

Pois bem, senhor, mandaram-nos chamar.

HAMLET

E eu dir-lhes-hei porque; d'est'arte a minha confissão precederá as suas

investigações, e o segredo promettido ao rei e á rainha, não será nem de

leve violado. Ultimamente, nem sei por que, perdi toda a minha alegria,

renunciei a toda a especie de exercicio; e sinto na alma uma tal

tristeza, que esta maravilhosa machina, a terra, me parece um esteril

promontorio, este esplendido docel, o céu, esse magnifico firmamento

suspenso sobre nossas cabeças, essa abobada sumptuosa, onde brilha o

oiro de innumeras estrellas, tudo me parece um infecto monturo de

vapores pestilentes. Que obra prima dos homens! que elevação na sua

intelligencia! quanto são infinitas as suas faculdades! como a sua fórma

é imponente e admiravel, como os seus actos approximam os homens dos

anjos, e a sua rasão os approxima de Deus! são a maravilha do mundo, os

reis da creação animada, e comtudo o que vale a meus olhos essa quinta

essencia do pó? Aborreço os homens e as mulheres, embora os seus

sorrisos incredulos, senhores, digam o contrario.

ROSENCRANTZ

Não tinhamos em nosso pensamento tal intenção.

HAMLET

Então porque se riram quando disse que aborrecia os homens?

ROSENCRANTZ

É que eu pensava que, se os homens lhe são odiosos, triste acolhimento

receberiam os actores que encontrámos no caminho e que vem offerecer a

vossa alteza os seus serviços.

HAMLET

Bemvindo será o que representa os reis; tributarei a sua magestade as

minhas homenagens; o cavalleiro andante manejará adaga e escudo, debalde

não suspirará o namorado, o comico declamará em paz a sua parte; o bobo

provocará o riso aos mais hypocondriacos, emfim a namorada estropiará os

versos para não deixar de dizer o que cumpre sinta no coração. Que

actores são?

ROSENCRANTZ

São os tragicos da cidade, que lhe agradavam tanto.

HAMLET

Porque se tornaram actores ambulantes? Com a permanencia na cidade,

auferiam de certo maior honra e lucros.

ROSENCRANTZ

Innovações recentes foram a causa d'isso.

HAMLET

Ainda gosam da mesma reputação que tinham quando eu habitava a cidade?

As suas representações ainda são muito concorridas?

ROSENCRANTZ

Pouco, senhor.

HAMLET

Porque será? Terão elles desmerecido no seu modo de representar?

ROSENCRANTZ

Não, meu senhor; o seu zêlo não arrefece: mas vossa alteza de certo

saberá, que appareceu um enxame de creanças, apenas saídas da primeira

infancia, que declamam o dialogo o mais simples, no tom o mais elevado,

e por isso são calorosamente applaudidas. São moda, e lançaram um tal

desfavor sobre os actores ordinarios, como ellas lhe chamam, que muitos

homens valentes no campo da batalha, mas que temem as pennas aguçadas,

não ousam frequentar o verdadeiro theatro.

HAMLET

Como? pois são creanças? Quem as protege? quem lhes paga? quererão

unicamente seguir a sua profissão emquanto conservarem a sua voz

aflautada? E se um dia pela força das circumstancias se tornarem actores

ordinarios, não terão direito então de se arrependerem, de terem

acceitado os encomios das pennas que bem mau serviço lhes prestaram,

quando se voltarem contra elles as armas de que se serviram para mal dos

outros.

ROSENCRANTZ

Não luctaram pouco entre si, e a nação inteira animou a contenda. Houve

um momento em que a receita do emprezario dependia de brigarem os

actores e auctores.

HAMLET

Será crivel?

ROSENCRANTZ

Houve mais de uma cabeça quebrada.

HAMLET

E foram as creanças que venceram?

ROSENCRANTZ

Sim, meu senhor. Venceram o proprio Hercules com o seu globo.

HAMLET

Nada me admira, sendo meu tio rei de Dinamarca. Os que o evitavam em

vida de meu pae, pagam agora o seu retrato em miniatura, por vinte,

cincoenta e cem ducados. Por vida minha que ha alguma cousa sobrenatural

em tudo quanto presenceâmos, e que em verdade a philosophia devia

esmerar-se por descobrir. (Ouve-se o som de uma musica de clarins ao

longe.)

GUILDENSTERN

Chegam os actores.

HAMLET

Senhores, bemvindos sejam em Elsenor. As suas mãos que eu as aperte. O

que distingue um bom acolhimento são os cuidados e as attenções polidas;

deixem-me recebel-os assim para não parecer que a cortezia para com os

actores, com os quaes é minha intenção ter a maior, ultrapassa a que

lhes testemunho pessoalmente aos senhores. Bemvindos sejam, mas o tio

que tenho por padrasto, e a mãe que tenho por tia estão completamente

enganados a meu respeito.

GUILDENSTERN

Em que se enganam elles?

HAMLET

Só estou louco quando o vento sopra do nor-noroeste, em soprando do sul,

distingo uma garça de um falcão.

Entra POLONIO

POLONIO

Saudo os senhores.

HAMLET

Escuta, Guildenstern, (a Rosencrantz) e tu tambem: a bom entendedor meia

palavra basta; esta creança que vêem ainda usa coeiros.

ROSENCRANTZ

Talvez que os torne a usar; a velhice é, segundo dizem, uma segunda

infancia.

HAMLET

Aposto que me vem fallar nos actores; vão ver. Tem rasão, senhor, foi

effectivamente na manhã de segunda feira.

POLONIO

Trago uma nova para vossa alteza.

HAMLET

Tenho tambem uma para o senhor. Quando Roscio era actor em Roma...

POLONIO

Os actores acabam de chegar.

HAMLET

Não é verdade.

POLONIO

Palavra de honra.

HAMLET

Cada actor virá montado n'um jumento.

POLONIO

São os melhores actores do mundo para a tragedia, comedia, drama

historico e pastoril, pastoral comica e historica, pastoral

tragico-comico-historica, com ou sem unidade do logar da acção. Para

elles não ha difficuldades, são tristes com Seneca, folgasãos com

Plauto. Não têem rivaes quanto ao estylo e á expressão.

HAMLET

Ó Jephthé, juiz em Israel, que thesouro possuias!

POLONIO

Que thesouro possuia elle, senhor?

HAMLET

Mas...

Uma filha, uma só, mas essa encantadora

Que era da noite sua a celestial aurora.

POLONIO (á parte)

Ainda minha filha.

HAMLET

Não tenho eu rasão, velho Jephthé?

POLONIO

Se me chama Jephthé, é porque tenho uma filha que estremeço.

HAMLET

Não é consequencia.

POLONIO

Então qual é a consequencia?

HAMLET

Eil-o.

Mas Deus sabe porque o conto é memoravel!

Conhece o seguimento?

Um dia aconteceu... o que era mais provavel.

Para o final recorde-se da primeira parte d'estas trovas, porque eis

quem me obriga a terminar.

Entram tres ou quatro ACTORES

HAMLET (continuando)

Bemvindos todos, bemvindos sejam. Estou encantado de te ver de boa

saude, bemvindos sejam, amigos. Ah, meu amigo, que mudança! já com

barba! Quererás tu fazer-me sombra em Dinamarca? Ah eis-vos tambem aqui,

minha menina! Por nosso senhor, depois que vos vi, subistes apenas um

degrau para o céu. Deus queira que a vossa voz, moeda de liga mutavel,

não se deprecie de mais com o tempo. Senhores, para mim são todos

bemvindos; mas vamos direitos ao assumpto, como os falcoeiros francezes,

que largam o falcão á primeira peça de caça que se apresenta, mostrem-me

a sua pericia; vamos, um trecho bem pathetico.

PRIMEIRO ACTOR

Que trecho preferis, senhor?

HAMLET

Ouvi-te um dia declamar um trecho de uma peça nunca representada em

scena, ou quando muito uma unica vez, porque, se bem me lembro, a peça

não agradou a todos; era \_caviar\_ para o geral do publico: mas, segundo

a minha opinião e das pessoas que n'este assumpto têem voz mais

auctorisada do que a minha, era uma peça excellente, bem conduzida e

escripta com tanta decencia como arte. Pelo que me lembro, diziam que os

versos não eram bastante picantes para compensar a insipidez da acção,

seu estylo na verdade nada tinha de affectado, mas que quanto ao resto a

peça, escripta com tanta simplicidade como methodo, era natural,

agradavel, e sem pretensão. Havia sobretudo um trecho que me agradou,

era, na falla de Eneas a Dido, o ponto em que lhe refere a morte de

Priamo. Se ainda te recordas, começa n'esta phrase, espera, deixa-me ver

se me lembro.

Pyrrho, Pyrrho feroz como o tigre da Hyreania

Não é isso--começa por Pyrrho.

Este ouriçado Pyrrho havia uma armadura

Que, bem como a alma, tinha a côr da noite escura

Quando elle era a dormir no cavallo sinistro.

Mensageiro do mal, de Belzebut ministro,

No corpo traz agora, em rubros caracteres,

Mais sinistro brazão; da fronte aos pés o cora

O sangue d'anciãos, d'infantes, de mulheres,

E por mil bôcas, mata a sêde que o devora

No sangue recosido aos raios d'essa chamma

Que Troia, em fogo ardendo, em torno a si derrama.

Tisnado pelo fogo e pela raiva ardente

Após Priamo corre...

Continúa tu agora.

POLONIO

Boa declamação na verdade, com as medidas e intonações proprias.

PRIMEIRO ACTOR

O velho, já cansado,

Mal vibra um frouxo golpe; aquella espada, outr'ora

Como o raio veloz, lá onde cae descansa,

Indocil á vontade, e á mão rebelde agora,

Oh lucta desigual! lucta sem esperança,

Pyrrho de raiva acceso, investe em frente e ao lado!

E, só do gladio ao sôpro eil-o no chão prostrado

O guerreiro senil! Então, Troia abatida

Parece haver sentido, os golpes derradeiros:

Ao ver prostrado o rei exhaure-se-lhe a vida,

Desabam sobre a base em chammas os outeiros,

E o som cavo e profundo a Pyrrho fere o ouvido.

Eis de repente o gladio, a grande altura erguido,

Já prestes a immolar a fronte alva, nevada,

Do venerando rei, detem-se lá na altura.

E Pyrrho assim parece um tyranno em pintura,

Suspenso entre a vontade e a obra começada!

Mas como, muita vez, pouco antes da procella

Se faz como que ouvir um silencio que gela,

Pára a nuvem no céu, o vento não retumba,

E a terra a nossos pés é muda como a tumba;

Subitamente após se vê no fundo baço

Um raio que illumina e rasga o immenso espaço,

Assim de Pyrrho a furia, instantes mal contida,

Irrompe a completar a obra interrompida.

Dos Cyclopes jamais caíram retumbantes

Com remorso menor os malhos flammejantes

Para forjar de Marte a gravida armadura,

Que sobre o nobre velho, ensanguentada, impura,

De Pyrrho a espada ardente!... É finda a horrenda lucta!

Atrás, fortuna, atrás, atrás, vil prostituta!

Vós, deuses immortaes, em synodo sagrado,

Roubae-lhe o audaz poder, quebrae todos os raios

Ás rodas do seu carro, e lá do céu lançae-os

Tão baixo que o demonio os veja sempre ao lado.

POLONIO

Parece-me demasiado longo.

HAMLET

Para o encurtar manda-se a um barbeiro ao mesmo tempo

que a tua barba. (Ao actor.) Continúa, peço-to eu; se não lhe

apresentam um bailado grutesco, ou uma scena immoral adormece

logo. Continúa, pois, chegámos a Hecuba.

PRIMEIRO ACTOR

Mas quem visse, oh, quem visse a rainha embuçada!

HAMLET

A rainha embuçada.

POLONIO

Optimo, \_embuçada\_ é bom.

PRIMEIRO ACTOR

Correndo, nus os pés; com lagrimas que chora

As chammas, apagando; a fronte coroada

Por um farrapo vil, a fronte onde ainda agora

Brilhava um diadema; apenas mal vestida

Por coberta alcançada á pressa na fugida;

Quem visse tanto horror, acaso concebêra

Que a fortuna só tem entranhas de uma fera;

Mas se os deuses do Olympo houvessem escutado,

Quando ella vira Pyrrho entregue ao estranho goso

De cortar membro a membro, o corpo ao morto esposo,

De seu peito fremente, o grito amargurado

A não ser que da terra ao céu não suba a magua

Sentiriam como ella os olhos rasos d'agua!

POLONIO

Vejam, empallidece, o pranto inunda-lhe os olhos. Basta, peço-to.

HAMLET

Está bem, o resto m'o recitarás n'outra occasião; (a Polonio) queira

prover que estes actores sejam bem tratados, percebeu? que nada lhes

falte, porque são a chronica resumida e viva da epocha. Mais lhe

valeria, Polonio, um mau epitaphio depois da sua morte, do que o seu

vituperio em vida.

POLONIO

Tratal-os-hei segundo os seus merecimentos.

HAMLET

Melhor, meu caro, melhor; se se tratasse cada um segundo os seus

merecimentos, de poucos se faria caso. Trate-os como o deve á jerarchia

e á sua propria dignidade. Quantos menos titulos tiverem á sua

benevolencia, mais se deve esmerar no seu tratamento. Agora póde-se

retirar com elles.

POLONIO

Venham, senhores.

HAMLET

Sigam-o, meus amigos, ámanhã teremos a representação, (Polonio sáe com

os actores, menos um a quem Hamlet faz signal que fique.)

HAMLET (continuando)

Dize-me, meu caro amigo, poderias representar a morte de Gonzaga?

PRIMEIRO ACTOR

Com mil vontades, senhor.

HAMLET

Então ámanhã. Dize-me mais, poderias tu aprender de cór, sendo preciso,

doze ou dezeseis linhas que eu desejava intercalar na peça? pódes, não é

verdade?

PRIMEIRO ACTOR

Posso perfeitamente, meu senhor.

HAMLET

Fica pois ajustado, segue aquelle senhor, e só te peço que não zombes

d'elle. (O actor sáe.)

HAMLET (a Rosencrantz e Guildenstern)

Meus bons amigos, até á noite, estimei vel-os em Elsenor.

ROSENCRANTZ

Meu senhor. (Sáe com Guildenstern.)

HAMLET

Finalmente estou só. Que miseravel eu sou! Pois não será monstruoso que

este actor, n'uma ficção, na expressão de uma dor simulada, podesse

elevar a sua alma, identificando-se com a sua parte, exaltando-se a

ponto de empallidecer, de lhe borbulhar o pranto nos olhos, de se lhe

pintar o desespero nas feições, entrecortada está a sua voz, e o seu

todo faz uma verdade, de que não é senão uma situação fingida! E tudo,

por quem? por Hecuba; que é Hecuba para elle, ou elle para Hecuba, para

que a sua memoria lhe arranque lagrimas tão sentidas? Que faria elle no

meu logar, se tivesse tantos motivos de dor, quantos eu tenho. Inundava

de pranto a scena, aterrava os espectadores pela sua expressão terrivel,

fulminava o culpado, atemorisava o innocente; attonitas ficavam as almas

simples, e a commoção aos sentidos da vista e do ouvido seria geral. E

eu, alma tibia, intelligencia confusa, fico n'uma estupida inacção,

indifferente á minha propria causa, e nada acho que dizer, nada, mesmo

nada a favor de um rei que perdeu a corôa e a vida pelo mais inaudito

attentado! Ah como sou cobarde! Infame me deveriam chamar,

esbofetear-me, arrancar-me as barbas, lançar-m'as ao rosto com o

desprezo; insultar-me deveriam todos, dizer-me que pela gorja menti, e

obrigar-me a soffrer calado todos os vilipendios possiveis. Quem quer

fazel-o. Por vida minha que era justo; é forçoso que eu seja inoffensivo

como uma pomba sem fel, para levantar uma offensa, para não ter feito

pasto dos abutres as entranhas d'esse miseravel, sanguinario e impudico

scelerado. Monstro de perfidia, juntas ao assassinio o adulterio! Como

sou estupido! É bello na verdade ver-me, a mim, o filho de um rei e pae

assassinado, a quem céus e terra instigam á vingança, gastar a minha

indignação em palavras e vãs imprecações, como a mais vil e desprezivel

prostituta. Que vergonha!! Procuremos Uma idéa... (depois de uma pausa

prolongada) Eil-a, achei. Ouvi dizer que criminosos, assistindo a

representações dramaticas, de tal modo se perturbaram vendo a sua culpa

em scena, que espontanea e immediatamente fizeram confissão do seu

crime, porque o assassino embora mudo trahe-se e falla. Quero que os

actores representem, na presença de meu tio, a morte de meu pae,

observarei as suas feições, sondarei as suas impressões; se se

perturbar, sei o que me cumpre fazer. O espirito que me appareceu talvez

seja um demonio, porque póde revestir-se da fórma de um objecto amado,

tem poder sobre as almas melancholicas, e quem sabe se na minha fraqueza

e dor acha os meios para me perder, condemnando-me para sempre. Quero

ter a certeza completa; o drama em questão será o laço armado á

consciencia do rei. (Sáe.)

Fim do acto segundo

ACTO TERCEIRO

SCENA I

Uma sala no castello de Elsenor

Entram o REI, a RAINHA, POLONIO, OPHELIA, ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN

O REI

Então ainda não poderam, nas suas conversas com elle, descobrir a causa

da desordem da sua intelligencia; d'aquella perigosa e turbulenta

demencia que se apoderou do seu espirito e lhe rouba o descanso?

ROSENCRANTZ

Confessa sentir esvaír-se-lhe a rasão; mas não conseguimos que elle nos

revelasse a causa.

GUILDENSTERN

Parece pouco disposto a deixar sondar os seus sentimentos. Na sua

loucura não o abandona um resto de sagacidade; conserva-se na defensiva

todas as vezes que tentâmos encaminhal-o a uma confissão tocante ao seu

estado.

A RAINHA

Recebeu-os bem ao menos?

ROSENCRANTZ

Com toda a affabilidade de um homem bem educado.

GUILDENSTERN

Mas evidentemente constrangido.

ROSENCRANTZ

Perguntando pouco, mas respondendo ás nossas perguntas com a maior

naturalidade.

A RAINHA

E experimentaram algum divertimento para o distrahir?

ROSENCRANTZ

O acaso fez-nos encontrar no caminho alguns actores; fallámos-lhe

n'elles, esta nova pareceu agradar-lhe. Estão aqui no palacio, e creio

já terem recebido ordem para representarem esta noite na sua presença.

POLONIO

É verdade, e pede a vossas magestades que assistam á representação.

O REI

Com o maior prazer; estimo vêl-o assim disposto. Queiram estimulal-o,

senhores, e dirigir a actividade do seu espirito para estes

divertimentos.

ROSENCRANTZ

Assim o faremos. (Sáe com Guildenstern.)

O REI

Deixa-nos tambem, querida Gertrudes. Mandámos chamar secretamente a

Hamlet, para como por acaso o pôr na presença de Ophelia. Seu pae e eu,

legitimos espias, collocar-nos-hemos de maneira que, sem sermos vistos,

assistamos á entrevista e possamos julgar pelas suas palavras, se é um

amor infeliz que assim o faz padecer.

A RAINHA

Obedeço retirando-me. Quanto a ti, Ophelia, desejo ardentemente que os

teus encantos sejam a feliz causa da demencia de Hamlet; porque terei

então esperança que as tuas virtudes o restituirão, a contento de ambos,

ao primitivo estado.

OPHELIA

Quanto o desejo, senhora.

POLONIO

Ophelia, passeia aqui n'esta sala; (ao rei) vamo-nos collocar, senhor;

(a Ophelia) lê n'este livro; esta leitura simulada servirá de pretexto á

tua solidão. Enganâmo-nos tantas vezes, e quão frequentemente acontece,

com uma capa de santidade e attitude reservada conseguirmos fazer um

santo do proprio demonio!

O REI

Oh é bem verdade; que pungente dor esta observação inflige á minha

consciencia! O rosto da prostituta não é mais asqueroso debaixo da

mascara do seu arrebique, do que o é o meu crime debaixo do falso verniz

do meu discurso. Oh peso terrivel!

POLONIO

Hamlet approxima-se, retiremo-nos, senhor. (O rei e Polonio occultam-se

atrás da cortina.)

Entra HAMLET

\_Ser ou não ser\_, eis o problema. Uma alma valorosa, deve ella supportar

os golpes pungentes da fortuna adversa, ou armar-se contra um diluvio de

dores, ou pôr-lhes fim, combatendo-as? \_Morrer, dormir, mais nada\_, e

dizer que por esse somno pomos termo aos soffrimentos do coração e ás

mil dores legadas pela natureza á nossa carne mortal; e será esse o

resultado que mais devamos ambicionar? \_Morrer, dormir, dormir, sonhar

talvez\_; terrivel perplexidade. Sabemos nós porventura que sonhos

teremos, com o somno da morte, depois de expulsarmos de nós uma

existencia agitada? E não deverei eu reflectir? É este pensamento que

torna tão longa a vida do infeliz! Quem ousaria supportar os flagellos e

ultrages do mundo, as injurias do oppressor, as affrontas do orgulhoso,

as ancias de um amor desprezado, as lentezas da lei, a insolencia dos

imperantes, e o desprezo que o ignorante inflige ao merito paciente,

quando basta a ponta de um punhal para alcançar o descanso eterno? Quem

se resignaria a supportar gemendo o peso de uma vida importuna, se não

fosse o receio de alguma cousa alem da morte, esse ignoto paiz, do qual

jámais viajante regressou? Eis o que entibia e perturba a nossa vontade;

eis o que nos faz antes supportar as nossas dores presentes do que

procurar outros males que não conhecemos. Assim, somos cobardes todos,

mas pela consciencia; assim a brilhante côr da resolução se transforma

pela reflexão em pallida e livida penumbra, e basta esta consideração

para desviar o curso das emprezas mais importantes, e fazer-lhes perder

até o nome de acção. Mas silencio, vejo a linda Ophelia. Joven beldade,

lembra-te dos meus peccados nas tuas orações.

OPHELIA

Como tem vossa alteza passado estes dias ultimos?

HAMLET

Bem, agradeço-te do coração.

OPHELIA

Senhor, tenho dadivas e lembranças suas que ha muito lhe desejava

restituir. Permitta-me que lh'as devolva.

HAMLET

Eu! de certo que não, nunca te dei nada.

OPHELIA

O principe sabe perfeitamente que me fez essas dadivas, e as doces

palavras que as acompanharam ainda lhes realçaram o valor; agora que

perderam todo o seu perfume, tome-as, principe, porque para uma alma

nobre, as mais ricas dadivas perdem o seu valor, no momento em que

aquelle que nol-as fez só nos mostra indifferença. Receba-as, pois,

senhor.

HAMLET

Ah, ah, és virtuosa.

OPHELIA

Meu senhor.

HAMLET

És bella.

OPHELIA

Que diz vossa alteza?

HAMLET

Digo que se és virtuosa e bella, deves evitar toda a communicação entre

a tua virtude e a tua belleza.

OPHELIA

Que melhor commercio ha para a belleza que o da virtude?

HAMLET

A influencia da belleza será mais prompta em metamorphosear a virtude em

vil cortezã, do que a força da virtude em transformar a belleza á sua

imagem. Antigamente seria paradoxo, hoje é um facto provado. Amei-te

n'outro tempo, é verdade.

OPHELIA

Vossa alteza bem m'o fez acreditar.

HAMLET

Fizeste mal em acreditar. Porque embora a virtude se inocule na nossa

primitiva natureza, sempre nos ficam restos d'ella. Nunca te amei.

OPHELIA

Maior foi o meu engano.

HAMLET

Professa, Ophelia, encerra-te n'um claustro. Para que queres continuar

uma raça de peccadores; quanto a mim julgo-me ainda assás honesto; e

comtudo podia formular contra mim taes accusações, que melhor teria

valido, que minha mãe me não tivesse dado á luz. Sou orgulhoso,

vingativo e ambicioso; gero no meu cerebro tantas acções más, que o meu

pensamento não basta para as distinguir, nem a minha imaginação para

lhes dar uma fórma, e falta-me o tempo para as executar. Que vantagem

haverá pois que seres como eu se rojem como reptis entre o céu e a

terra? Todos somos infames, não te fies em nenhum homem; vae, recolhe-te

a um claustro. Onde está teu pae?

OPHELIA

Em casa, meu senhor.

HAMLET

Que lhe fechem as portas para impedir que represente de louco fóra de

casa. Adeus.

OPHELIA

Deus misericordioso, tende piedade de Hamlet.

HAMLET

Se alguma vez te casares, dar-te-hei como dote esta triste verdade. Sê

tu fria como o gêlo; se fores pura como a neve a calumnia não te

poupará. Entra para um claustro, professa, adeus. Mas se absolutamente

precisas um marido, então escolhe um louco, porque os homens assisados

sabem em que monstros vós as mulheres os tornaes. Professa, recolhe-te a

um convento, mas avia-te. Adeus.

OPHELIA

Poderes celestes, restitui-lhe a rasão!

HAMLET

Tambem ouvi fallar da vossa loquacidade. Deus deu-vos um porte e vós o

transformaes por vossa culpa. Saltitaes, requebrae-vos; gestos e

affabilidade são artificio, zombaes das creaturas de Deus, e fazeis

passar por ignorancia o que é simples e pura affectação. Nem quero

pensar em vós, mulheres; foi o que me enlouqueceu. Digo que não teremos

mais casamentos, todos que estão casados viverão, excepto um, os outros

ficarão como estão. Professa, entra para um convento, vae. Adeus.

(Hamlet sáe.)

OPHELIA (só)

Oh que nobre intelligencia está ali desthronada. A perspicacia do homem

de côrte, a espada do guerreiro, a palavra do sabio, o futuro d'este

reino, o espelho do bom tom, o typo dos modos nobres, o modelo em que

todos fictavam os olhos, tudo destruido e destruido sem esperança; e eu,

a mais afflicta e infeliz das mulheres, eu que saboreei a inebriante

ambrosia dos seus juramentos de amor, estou condemnada a ver essa

potente e elevada rasão, similhante ao bronze fendido, não dar senão

sons falhos e dissonantes; e tanta belleza e juventude crestadas pelo

sôpro da demencia! Oh infeliz, oh desgraçada, que vi o que vi, e vejo o

que vejo!!!

Sáem de trás da cortina o REI e POLONIO

O REI

O amor! não é a ella que elle dedica a sua affeição; alem d'isso o seu

fallar, aindaque um pouco falto de logica, não tem cunho de loucura. Ha

na sua alma alguma dor secreta. Receio algum perigo que nos seja fatal.

Para prevenir esse resultado, eis o plano que formei e no qual assentei.

Quero que Hamlet parta sem demora para Inglaterra, para reclamar o

tributo a que esse paiz se nega e a que é obrigado. Talvez que o mar, a

mudança de clima, a vista de objectos novos, lhe restituam a rasão,

expulsando do seu coração aquella obstinada preoccupação. Que lhe

parece?

POLONIO

Parece-me acertado. Comtudo persisto na minha idéa, que um amor

desprezado é a causa unica da sua dor. (A Ophelia) Não precisas

referir-nos o que te disse o sr. Hamlet. Tudo ouvimos. (Ao rei) Senhor,

faça o que lhe parecer conveniente, mas se me quer dar ouvidos, diga á

rainha, que, depois da representação, o chame a sós e inste para

conhecer d'elle a causa da sua mágua; porém cumpre que lhe falle

severamente: com o vosso assentimento ouvirei escondido toda a

conversação. Se a rainha não podér penetrar aquelle espirito rebelde a

toda a confidencia, ordene-lhe então a partida, e desterre-o, senhor,

para o logar que a prudencia lhe dictar.

O REI

Concordo plenamente comtigo; nos grandes é que a demencia deve ser mais

vigiada. (Sáem todos.)

SCENA II

Uma sala no castello de Elsenor

Entram HAMLET e differentes actores

HAMLET (a um dos actores)

Não esqueças de dizer aquelle trecho, tal qual o declamei na tua

presença; mais que tudo fogo e energia; mas se o recitares como a maior

parte dos actores, mais me valeria ouvir a minha prosa na bôca de um

pregoeiro. Não movas descompassadamente os braços, acciona

moderadamente; no meio mesmo da torrente, da tempestade, do tufão, da

paixão, procura ser comedido. Nada impressiona mais desfavoravelmente,

do que ver homens robustos reduzirem a pó uma paixão e escorchar os

ouvidos dos assistentes, que, pela maior parte, não merecem senão uma

declamação absurdamente arrebatada e uma acção desordenada. Açoutados

mereciam esses actores, cujo accionado mais parece renhida batalha, e

que mais crueis se fingem que um Herodes de comedia. Peço-te que evites

esses defeitos.

PRIMEIRO ACTOR

Pela minha parte, prometto-lh'o, senhor.

HAMLET

Não vás tambem caír no excesso contrario, sirva-te de guia a tua

intelligencia. Accommoda a acção ás palavras, as palavras á acção, tendo

sempre em vista a naturalidade; só é proprio da scena intelligente, que

foi e é o espelho em que se deve reflectir a natureza, mostrar a virtude

tal qual é, a vaidade sem véu, e cada tempo e cada idade com a sua

physionomia propria e com o cunho de verdade. Se se excede, ou se fica

áquem do fim proposto, poderá excitar-se a hilaridade do homem

ignorante, mas afflige-se o sensato, cujo juizo vale mais que o

suffragio de uma sala inteira. Oh! vi representar e ouvi elogiar

actores, que, Deus me perdôe, nada tinham de christão na voz, nada de

christão, pagão ou mesmo humano no porte, e que se estorciam e bramavam

de tal modo, que sempre os julguei obra de algum aprendiz da natureza,

que, querendo fabricar homens, errou a vocação, e não tinha produzido

senão uma desgraçada imitação da humanidade.

PRIMEIRO ACTOR

Espero em Deus, que vossa alteza não nos poderá notar taes defeitos;

entre nós, senhor, estão banidas de todo as exagerações.

HAMLET

Mas que o estejam na verdade; que os bobos não digam mais do que ao que

são obrigados pela sua parte; alguns ha que introduzem alguma facecia

para excitar o riso dos espectadores ignaros no ponto em que mais

attenção se reclama da parte do publico. É um desacerto, e o bobo que

recorre a esses expedientes, mostra uma pretensão desgraçada. Vão-se

agora preparar. (Os actores sáem.)

Entram POLONIO, ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN

HAMLET (a Polonio)

Então o rei está decidido á nossa peça?

POLONIO

Com certeza, e a rainha tambem. Não tardam.

HAMLET

Diga então aos actores que se aviem. (Polonio sáe.)

HAMLET (continuando, a Rosencrantz e Guildenstern.)

Querem fazer-me o favor de tambem ir apressar os preparativos.

AMBOS

Sim, meu senhor. (Sáem.)

Entra HORACIO

HAMLET

Ah, és tu, Horacio?

HORACIO

Estou sempre ás suas ordens, meu senhor.

HAMLET

Meu caro Horacio, és a flor dos homens, cujo trato tenho cultivado.

HORACIO

Meu querido senhor.

HAMLET

Não julgues que te lisonjeio; que posso eu esperar de ti, cujas unicas

rendas são a jovialidade e a honestidade. Quem lisonjeia um pobre? Não,

que a lisonja roja-se aos pés da opulencia estupida, e o servilismo

curva o joelho, á espera do comprador. Escuta, depois que a minha alma

pôde livremente escolher e soube distinguir os homens, marcou-te com o

sêllo da predilecção, porque reconheceu em ti um homem que não se abate

pelos revezes; um homem que acceita com a mesma indifferença os favores

e os rigores da fortuna; felizes os mortaes em quem o juizo e as paixões

têem igual imperio, e não são um joguete nas mãos da fortuna. Mostrem-me

um homem que não seja escravo das paixões, e terá conquistado, como tu,

o meu coração, e abrir-lhe-hei o santuario da affeição mais íntima.

Basta sobre o assumpto. Deve-se hoje representar na presença do rei um

drama, no qual ha uma scena, que é a historia da morte de meu pae, cujos

pormenores já em tempo te contei. Quando se approximar a scena, observa

meu tio, com toda a vigilancia que auctorisam as minhas suspeitas; se o

segredo do seu crime se não revelar por alguma palavra, então era a

apparição obra do demonio, e as minhas imaginações são mais negras que

as lavas e cinzas de um vulcão. Tu observa-o attentamente, eu não o

perderei de vista; depois, juntando os nossos juizos, concluiremos

conforme ao que virmos.

HORACIO

Muito bem, senhor, tão firme estarei no meu posto de observação, que

juro por Deus, que me não escapará um movimento, uma impressão da sua

alma.

HAMLET

Eil-os que chegam para a representação; agora, cumpre-me ser espectador

indifferente. (Ouve-se a marcha real e clarins.)

Entram o REI, a RAINHA, POLONIO, OPHELIA, ROSENCRANTZ, GUILDENSTERN e a

CORTE

O REI

Como passa nosso sobrinho Hamlet?

HAMLET

Melhor não póde ser; em verdade passei a viver como os camaleões,

nutro-me só de ar, e alimento-me de promessas, as iguarias mais finas

não me satisfariam melhor.

O REI

A tua resposta é-me inintelligivel; não é de certo a mim que ella é

dirigida.

HAMLET

Pois nem a mim. (A Polonio.) Não me disse que já tinha representado uma

vez, quando cursava a universidade?

POLONIO

É verdade, senhor, e era reputado um habil actor.

HAMLET

Que parte representou?

POLONIO

A de Julio Cesar; assassinaram-me no capitolio; Bruto apunhalava-me.

HAMLET

Que brutalidade apunhalar, e n'aquelle logar, um tão excellente bezerro.

Os actores já estão promptos?

ROSENCRANTZ

Sim, meu senhor, esperam só as ordens.

A RAINHA

Vem, meu Hamlet, sentar-te a meu lado.

HAMLET

Não, minha mãe; (mostrando Ophelia) este metal tem mais força de

attracção.

POLONIO

Que me diz agora, senhor?

HAMLET

Ser-me-ha permittido estar a vossos pés, senhora? (Senta-se no chão aos

pés de Ophelia.)

OPHELIA

Não, meu senhor.

HAMLET

Queria dizer, recostar a cabeça sobre vossos joelhos.

OPHELIA

Sim, meu senhor.

HAMLET

Pensaveis talvez que tivesse outra idéa?

OPHELIA

Nada pensava.

HAMLET

É um pensamento este digno de um coração de donzella.

OPHELIA

O que, senhor?

HAMLET

Nada.

OPHELIA

Vejo-o hoje alegre, senhor.

HAMLET

Quem, eu?

OPHELIA

Sim, vossa alteza.

HAMLET

Sou o seu bobo e nada mais. Cousa alguma ha melhor para o homem do que a

alegria. Repare, veja como minha mãe está hoje muito alegre, e ainda não

ha duas horas que meu pae morreu.

OPHELIA

Vossa alteza engana-se por certo; ha mais de duas vezes dois mezes.

HAMLET

Tanto tempo!! n'esse caso use o demonio o lucto, eu quero vestir-me de

arminhos. Oh céus, morto ha dois mezes, e ainda não esquecido, não é

então de estranhar que a recordação de um grande homem dure mais de seis

mezes; mas, pela Virgem Santa, deve então ter edificado igrejas, aliás

arriscava-se a que o esquecessem, como aquelle a quem lavraram este

epitaphio:

\_Aqui jaz esquecido um cavallo de pau.\_

Soam os clarins, começa a pantomima

(Um rei e uma rainha entram em scena, o seu aspecto é de namorados,

abraçam-se. A rainha ajoelha aos pés do rei, mostrando pelos seus gestos

que lhe protesta o mais vivo amor. O rei levanta-a, e inclina a cabeça

sobre o seu hombro; depois deita-se n'um banco coberto de flores. A

rainha vendo-o adormecido, sáe. Apparece um personagem que lhe tira a

corôa e a leva aos labios, lança veneno n'um ouvido do rei, e sáe em

seguida. Volta a rainha, acha o rei morto, e dá mil signaes de

desespero. O envenenador seguido por duas ou tres pessoas, chega e

parece lamentar-se com a rainha. O cadaver é levado da scena. O

envenenador requesta a rainha, dá-lhe presentes. Ella mostra a principio

repugnancia, mas acaba por acceitar o amor offerecido. Sáem.)

OPHELIA

Que significa esta scena, senhor?

HAMLET

Nada que seja bom, é um laço armado ao crime.

OPHELIA

Esta pantomima indica sem duvida o entrecho da peça?

Entra o PROLOGO

HAMLET

Vamos sabel-o, os comediantes não podem guardar um segredo, têem por

costume fallar sempre.

OPHELIA

Explicará elle o que significa a pantomima?

HAMLET

Sem duvida, não só essa, mas todas as que lhe quizer apresentar,

qualquer que seja a sua especie, e terá a explicação prompta.

OPHELIA

O principe é mau, deixe-me seguir a peça.

O PROLOGO

Pedimos, para nós, toda a vossa indulgencia;

Para a nossa tragedia, attenta paciencia.

HAMLET

Parece antes divisa de annel do que prologo.

OPHELIA

Tão curto, senhor.

HAMLET

Como o amor de uma mulher.

Entram um REI e uma RAINHA

O REI DA PEÇA

Trinta vezes de Phebo o carro luminoso

De Tellus e Neptuno, o largo giro ha feito,

E trinta vezes doze a lua, astro saudoso,

De refrangida luz, á terra ha dado o preito,

Desde que as nossas mãos, com mutuo amor se deram,

E as bençãos d'Hymeneu o sacro nó teceram.

A RAINHA DA PEÇA

Possamos lua e sol, ver outras tantas vezes,

Antes que d'este amor se rompa o doce laço;

Mas seguem-se á ventura as maguas, os revezes,

E vejo-vos caído, ha pouco, em tal cansaço,

Tão triste, meu senhor, tão triste e tão mudado,

Que não posso esconder mais tempo o meu cuidado.

Mas que não se perturbe o vosso animo forte

Porque inquieta eu sou, e ousei pensar na morte.

De affecto e de anciedade igual medida temos,

Ou nullos um e o outro, ou um e o outro extremos.

Se é grande o meu amor, demais senhor o vêdes,

Que a par anda o receio, em minha fronte o lêdes.

Sempre que o amor é grande, as apprehensões mais breves

Transformam-se de prompto em maximos temores;

Quando é grande o receio, os affectos mais leves

Ascendem de repente aos mais grandes amores.

O REI DA PEÇA

Bem cedo é força, amor, que d'este mundo eu parta,

Bem vês, d'esta alma a luz já quasi que se aparta.

Tu viverás sem mim, sob este céu formoso,

Querida, idolatrada e sempre honesta e casta.

Depois, talvez depois, quem sabe? um novo esposo...

Um homem justo e bom...

A RAINHA DA PEÇA

Oh! basta, senhor, basta!

Seria um novo amor perfidia negra e infame.

Amaldiçoado seja o dia em que outro eu ame!

Embora justo e bom, segundo companheiro

Não n'o acceita ninguem, sem ter morto o primeiro.

HAMLET

Isto é absintho, e que absintho!

A RAINHA DA PEÇA

Poisque motivo arrasta a viuva ao casamento?

Acaso um novo amor? um nobre sentimento?

Um sordido interesse: e eu cravára no peito

De meu morto senhor a ponta de uma espada,

Cada vez que, olvidando a antiga fé jurada,

Compartisse outro ser commigo o mesmo leito.

O REI DA PEÇA

Creio bem, que pensaes o que dizeis, se creio?!

Mas quanta, oh! quanta vez, se quebra a acção no meio,

Nasce a resolução escrava da memoria,

Producto da violencia, é curta a sua historia.

A fructa emquanto verde em qualquer ramo atura

Mas, sem abalo algum, tomba apenas madura.

Fatalmente olvidando o que a nós nos devemos

Não pagâmos jámais, a divida esquecemos.

O que durante a dor parece a eternidade,

Mal extincta a paixão, cessa de ser vontade.

O jubilo e o martyrio, ainda os mais completos,

Destruindo-se a si, destroem seus decretos.

Onde o prazer mais ri, mais chora a dor pungente;

Entristece a alegria, alegra-se a tristeza,

Á causa mais subtil, ao mais leve accidente,

E este um dom fatal da vária natureza.

Passâmos pelo mundo, e nada aqui tem dura

Que até o proprio amor muda com a ventura;

Porque é problema ainda occulto aos pensadores

Se dá o amor fortuna, ou se a fortuna amores.

Um principe decáe? somem-se os que os adulam;

Um mendigo se eleva? os amigos pullulam.

Até aqui o amor seguiu sempre a fortuna;

Quem não precisa encontra em toda a parte amigos,

E quem precisa e pede, é lepra que importuna,

Todos transforma e muda em feros inimigos,

Mas para concluir, escuta o corollario:

A vontade e o destino, andam tanto ao contrario

Que o mais leve projecto é sempre letra morta.

Assim crês, não terás jamais outro marido;

Pois abra-me o sepulchro a sua eterna porta

E tudo irá sumir-se em um perpetuo olvido.

A RAINHA DA PEÇA

Negue-me a terra o pão, e a luz o firmamento!

O meu goso maior transforme-se em tormento!

Minha esperança e fé tornem-se em negro inferno!

Seja a fome em prisão o meu futuro eterno!

Não tenha eu, viva ou morta, o mais curto repouso,

Se, viuva uma vez, tomar um outro esposo!

HAMLET

E se lhe acontecer violar o juramento?

O REI DA PEÇA

Solemne juramento!... Amor, deixa-me agora;

Exhausta sinto a fronte, e bom grado entregára

Os restos d'este dia á paz consoladora

Dos braços de Morpheu. Adeus! Oh! sempre cara. (Adormece.)

A RAINHA DA PEÇA

Que um somno brando e doce embale a tua mente

E a desgraça jamais entre nós dois se assente!... (Sáe a rainha.)

HAMLET

Senhora, como acha esta peça?

A RAINHA

A rainha parece-me que faz demasiados protestos.

HAMLET

Mas dada a palavra, não póde faltar.

O REI

Conhece a peça? não contém nada reprehensivel?

HAMLET

Absolutamente nada; tudo quanto contém é só gracejo, até se envenena por

gracejo. É a peça mais inoffensiva que póde haver.

O REI

Que titulo tem?

HAMLET

O \_Laço\_, já se sabe, por metaphora. O assumpto da peça é um assassinio

commettido em Vienna. O rei chama-se Gonzaga, sua mulher Baptista. Vae

ver, um crime horrivel. Mas que importa a vossa magestade e a mim, que

temos a consciencia pura e que nada temos a receiar! O peior é para

aquelles a quem punge algum espinho, a nós nada nos pesa na consciencia.

Entra LUCIANO

HAMLET (continuando)

É este um chamado Luciano, sobrinho do rei.

OPHELIA

Vossa alteza faz o serviço do côro.

HAMLET

Podia até servir de ponto n'uma conversa sua com o seu amante; o caso

era eu ver manobrar os dois titeres.

OPHELIA

Sois na verdade mordaz, principe; sois bem mordaz.

HAMLET

A sua pena seria que eu deixasse de o ser.

OPHELIA

De bem para melhor, de mal para peior.

HAMLET

É a sorte que a espera na escolha de um marido! Começa, assassino. Põe

de parte esses horriveis tregeitos, avia-te, começa.

Eis o corvo que avança,

Chamando em seu grasnar a lugubre vingança.

LUCIANO

O pensamento negro, o braço bem disposto,

A droga preparada, a hora favoravel,

Cumplice a occasião, a ver nem um só rosto.

Mistura infecta e immunda, extracto abominavel

De peçonhenta sarça á meia noite achada,

Tres vezes polluida e tres envenenada

D'Hecate á maldição, possa a tua virtude

Fechar uma existencia, e abrir um ataúde.

(Deita veneno n'um ouvido do rei adormecido.)

HAMLET

Envenena-o no jardim, para se apoderar da corôa. O nome do rei é

Gonzaga; é uma historia authentica escripta no mais elegante italiano.

Verão como logo o assassino obtem o amor da mulher de Gonzaga.

OPHELIA

O rei levantou-se.

HAMLET

Quê!! um pequeno clarão apenas, já o assusta?

A RAINHA

Que tem, senhor?

POLONIO

Cesse a peça.

O REI

Tragam luzes. Saiâmos.

POLONIO

Luzes, venham luzes, luzes. (Todos sáem, excepto Hamlet e Horacio.)

HAMLET

Sim! que fuja e que chore o cervo mal ferido,

E o que ao golpe escapou, gose um prazer profundo.

Quando um chora, outro ri. Oh! sempre assim ha sido,

E assim é feito o mundo.

Se alguma vez a fortuna me maltratar, não bastaria uma scena de effeito

como esta, acrescentando-lhe um chapéu ornado de pennas, e duas rosas de

Provença nos laços dos sapatos, para que me admittissem n'uma companhia

dramatica.

HORACIO

Talvez o admittissem, mas com meia paga.

HAMLET

Ou inteira.

Porque sabes, Damon, bem sabes tu que outr'ora

Mandava n'este reino, que vês hoje aviltado,

Qual Jupiter no Olympo, um grande rei... agora

Governa aqui... um chavo.

HORACIO

Foi pena não rimar.

HAMLET

Meu querido Horacio, aposto mil libras esterlinas, em como a sombra

fallou só a verdade. Reparaste?

HORACIO

Em tudo reparei, senhor.

HAMLET

Quando se tratava do envenenamento?

HORACIO

Tudo observei.

HAMLET

Ah! ah! ah! quero musica, tanjam as charamelas.

Porque, se da comedia o rei não gosta nada,

Sei eu dar a rasão... não gosta, está dada.

Venha a musica, quero muita musica. (Entram Rosencrantz e Guildenstern.)

GUILDENSTERN

Senhor, permitta-me que lhe dê uma palavra.

HAMLET

Mil até, se n'isso fizer gosto.

GUILDENSTERN

Senhor... o rei...

HAMLET

Que é?... que me vem dizer d'elle?

GUILDENSTERN

Retirou-se aos seus aposentos, estranhamente indisposto.

HAMLET

Pelo vinho?

GUILDENSTERN

Não, senhor, mas pela colera.

HAMLET

Mais assisado seria terem chamado um medico. Eu não faria senão

exacerbar a sua colera com a minha presença.

GUILDENSTERN

Queira, senhor, ter mais nexo nos seus discursos, e não se afastar assim

tão bruscamente da questão.

HAMLET

Escutal-o-hei tranquillamente. Falle.

GUILDENSTERN

A sua rainha e mãe me envia a vossa alteza.

HAMLET

Bemvindo seja.

GUILDENSTERN

Senhor, essa polidez é mal cabida n'esta occasião. Se me promette

responder rasoavelmente, executarei então as ordens de sua mãe, quando

não, retiro-me pedindo desculpa a vossa alteza.

HAMLET

Não posso.

GUILDENSTERN

O que, meu senhor?

HAMLET

Responder rasoavelmente; a minha intelligencia enfermou, no emtanto

dar-lhe-hei uma resposta, ou antes como ordena a minha mãe, a melhor que

podér. Diga-me agora, que pretende de mim a rainha?

ROSENCRANTZ

Encarregou-nos de lhe dizer, principe, que o seu comportamento lhe

causou espanto e dor.

HAMLET

Ah! sou pois um filho tão extraordinario que causo espanto e dor a minha

mãe! Nada mais lhe disse? Fallem.

ROSENCRANTZ

Deseja fallar-lhe, alteza, no seu quarto, antes de o principe se deitar.

HAMLET

Obedecer-lhe-hemos, aindaque fosse dez vezes nossa mãe. Tem mais alguma

cousa a dizer?

ROSENCRANTZ

Houve tempo em que o principe era meu amigo.

HAMLET

Ainda hoje o sou, juro-o por estes dez dedos.

ROSENCRANTZ

Senhor, qual é a causa da sua dor profunda? É impor-se um

constrangimento inutil, guardar esse segredo para comnosco, que somos

tão seus amigos.

HAMLET

Inquieta-me o meu futuro!

ROSENCRANTZ

Como póde isso ser, pois o rei já o escolheu para successor ao throno de

Dinamarca?

HAMLET

É verdade; mas guardado está o bocado... o proverbio é antigo.

Entram differentes actores cada um com uma charamela

HAMLET

Ah! chegam as charamelas, dá-me uma. (Tira a charamela a um dos

actores.) Quer que o acompanhe? então deixe de me perseguir como o

caçador persegue a caça.

GUILDENSTERN

Se o meu zêlo, senhor, me faz obstinado, é porque a affeição me torna

importuno.

HAMLET

Não o posso comprehender, faz-me favor de tocar n'esta charamela.

GUILDENSTERN

Senhor, eu não sei!

HAMLET

Peço-lhe.

GUILDENSTERN

Creia-me, senhor, não posso.

HAMLET

Supplico-lhe.

GUILDENSTERN

Se nunca soube tocar tal instrumento!

HAMLET

Pois mais difficil é mentir. Com os quatro dedos e o pollegar tapam-se e

destapam-se por sua vez os orificios; sopre, e verá que encantadora

harmonia produz. Vamos.

GUILDENSTERN

Mas, senhor, eu não posso nem sequer tirar um som d'este instrumento;

falta-me o talento.

HAMLET

Que especie de imbecil me julga então? Sou a seus olhos um instrumento

de que pretende tirar sons, e que parece conhecer tão bem. Pretende

sondar até ao fundo da minha alma, para descobrir o meu segredo; queria

então fazer vibrar todas as cordas do meu sentimento. D'este pequeno

instrumento (Mostrando-lhe a charamela) tiram-se sons e notas as mais

melodiosas; e comtudo nas suas mãos não póde fallar. Pela Virgem santa,

sou então mais facil de tocar do que uma flauta? O que lhe asseguro é

que se me julga um instrumento nas suas mãos, nunca conseguirá fazel-o

fallar. Está muito enganado commigo.

Entra POLONIO

HAMLET (continuando)

Guarde-o Deus.

POLONIO

Senhor, a rainha deseja fallar-lhe immediatamente.

HAMLET (approximando-se de uma janella)

Vê acolá aquella nuvem que tem quasi a fórma de um camello?

POLONIO

Não ha duvida, dir-se-ia effectivamente um camello.

HAMLET

Parece-se mais com uma doninha.

POLONIO

É verdade! tem o feitio da doninha.

HAMLET

Ou de uma baleia?

POLONIO

Realmente, com o que se parece é com uma baleia.

HAMLET

Agora vou ter com minha mãe, hão de acabar por enlouquecer-me devéras.

Vou já.

POLONIO

Vou communical-o á rainha. (Polonio sáe.)

HAMLET

Já! É facil dizel-o. Deixem-me sós, meus amigos. (Sáem todos excepto

Hamlet.)

HAMLET (só)

É esta a hora da noite propria dos mysterios da magia, a hora em que os

tumulos se abrem, em que o inferno exhala sobre a terra o seu sopro

contagioso; agora sinto-me capaz de beber sangue ainda fumegante, e

commetter actos que o dia consternado não poderia presencear sem terror!

Prudencia! Vamos ao quarto de minha mãe. Oh! meu coração, não dispas o

teu vigor; firmeza agora, mas que o coração de Nero nunca entre em meu

peito. Sejamos inflexiveis, mas não filho desnaturado; seja a minha

lingua um punhal, mas minha mão esteja desarmada; e n'esta occasião

sejam a minha bôca e o meu coração obrigados pela rasão a dissimular.

Por mais violentas que sejam as minhas palavras, dae-me força, meu Deus,

para que sejam sempre comedidas, assim como os meus actos. (Sáe.)

SCENA III

Um quarto no castello de Elsenor

Entram o REI, ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN

O REI

Ha n'elle alguma cousa que me desagrada, e creio que haveria perigo para

nós em não vigiar a sua loucura; façam pois todos os preparativos de

viagem. Vou dar as ordens, e quero que parta sem demora para Inglaterra

acompanhado pelos senhores. O interesse da nossa corôa me veda o

expor-me aos continuos perigos com que a sua demencia me ameaça.

GUILDENSTERN

Vamo-nos preparar. É um receio santo e salutar o que tem por objecto

assegurar a salvação de innumeras existencias, que depende da vida de

vossa magestade.

ROSENCRANTZ

É um dever que toca a cada um na sua esphera individual, o applicar

todas as suas forças e toda a energia para defender a propria vida

contra qualquer ataque; quanto mais obrigado a fazel-o é aquelle de cuja

vida dependem tantas existencias! Quando um rei morre, não morre só, é

um turbilhão que attrahe tudo quanto encontra no caminho, ou lhe fica

proximo: roda colossal fixada no cume de uma elevada montanha, cujos

gigantescos raios estão carregados de innumeros accessorios, e cuja

quéda os impelle forçosamente a um desastre commum. Quando o rei padece,

padecem todos.

O REI

Preparem-se, peço-lh'o, para uma partida immediata, porque estamos

resolvidos a pôr um termo ás causas de inquietação que demasiado

livremente se dão n'este paiz.

AMBOS

Não nos faremos esperar. (Sáem.)

Entra POLONIO

POLONIO

Senhor, Hamlet entrou agora para o quarto de sua mãe; occultar-me-hei

cuidadosamente para ouvir a sua conversa. Asseguro a vossa magestade que

a rainha o vae reprehender severamente. É conveniente, como el-rei muito

bem disse, que outros ouvidos que não sejam os de mãe, naturalmente

propensos á indulgencia, ouçam o que se disserem mutuamente. Adeus, meu

senhor; virei aos seus quartos antes que vossa magestade se recolha, e o

rei será sabedor de tudo quanto se passou.

O REI

Obrigado, Polonio. (Polonio sáe.)

O REI (só)

O meu crime já não tem perdão no céu, está marcado pelo estigma da

maldição divina, como o foi o primeiro fratricida. Apesar de todos os

meus desejos, não posso orar; pareço um homem que duas occupações

reclamam, e que, não sabendo por qual optar, não escolhe nenhuma.

Poisque, quando sobre esta mão maldita se formasse uma crosta de sangue

mais espessa que a propria mão, não teria o céu bastante misericordia

para que a onda da sua graça a purificasse e a tornasse branca como a

neve? Para que serve a bondade divina, senão para remir as nossas

culpas? De que vale a oração, se não tem a dupla virtude de prevenir a

nossa quéda, ou obter o perdão depois d'ella? Dirijâmos as nossas

supplicas ao céu, já que não podemos evitar o crime consummado. Mas,

infeliz, como hei de orar? Perdoae-me, Senhor, o meu crime nefando. Não

posso, poisque possuo os objectos que me induziram ao assassinio, corôa,

throno e consorte. Poder-se-ha obter o perdão, quando se conservam os

fructos do crime? N'este mundo corrompido, a iniquidade póde a preço de

oiro desviar o curso da justiça, e com o producto do crime comprar a

impunidade; mas o céu é justo, todo o subterfugio é inutil; ali os

nossos actos são justamente avaliados e os nossos crimes conhecidos. Que

devo fazer? Nada me resta. Tentemos o arrependimento. Grande é a sua

efficacia; mas que póde n'aquelle a quem mesmo o arrepender-se é vedado?

Oh! deploravel condição, oh! consciencia negra como a morte, oh! minha

alma, não tens perdão, e quanto mais te esforçares por obtel-o, mais

aggravas a tua situação. Anjos do céu, vinde em meu auxilio, tentae um

esforço supremo. Dobrae-vos, joelhos rebeldes. E tu, meu coração, que as

tuas fibras de aço voltem ao estado primitivo das do recem-nascido.

Ainda me resta esta ultima esperança. (Retira-se a um lado da scena,

ajoelha e ora.)

Entra HAMLET

HAMLET (vendo o rei)

A occasião é propicia, está orando. Coragem, Hamlet. Sim, mas

salvar-se-ía a sua alma, e não é essa a minha vingança desejada.

Reflictâmos; um scelerado assassina meu pae, e eu, seu filho unico, abro

as portas do céu a esse infame! Seria uma recompensa e não um castigo.

Assassinou meu pae, entregue ás preoccupações da carne, quando seus

peccados mais vivazes estavam, como as flores na primavera; e quem sabe,

a não ser o céu, que contas daria ao Creador? as penas eternas, de

certo, não o pouparam. Seria uma vingança immolar este scelerado, quando

a sua alma deve estar pura, quando está preparado para a sua ultima

viagem? Não! Entra na tua bainha, minha espada, e espera para ferir,

golpe mais terrivel e justo. Quando estiver ebrio ou adormecido, ou

encolerisado, ou immerso nos prazeres de um leito incestuoso, ou

absorvido pelo jogo, ou blasphemando, ou praticando algum acto contrario

á salvação da sua alma, então fere, que as penas do inferno serão poucas

para um tal crime. (Olhando para o rei.) Prolonga ainda os teus dias

enfermos: adiar não é desistir. (Sáe.)

O REI

Sobem as minhas palavras, o pensamento não, e as palavras sem o

pensamento não chegam ao céu. (Sáe.)

SCENA IV

Um quarto no castello

Entram a RAINHA e POLONIO

POLONIO

O sr. Hamlet não tarda. Reprehenda-o asperamente; diga-lhe que os seus

atrevimentos excedem os limites da paciencia, e que vossa magestade já

teve que se interpor entre elle e a colera do rei. Nada mais digo,

senhora, peço só que falle com firmeza.

A RAINHA

Fallar-lhe-hei com firmeza, esteja descansado. Afaste-se, ouço os seus

passos. (Polonio esconde-se.)

Entra HAMLET

HAMLET

Que me quer, minha mãe?

A RAINHA

Hamlet, offendeste gravemente teu pae.

HAMLET

Minha mãe offendeu gravemente meu pae!

A RAINHA

Como insensato fallas.

HAMLET

A rainha falla como culpada!

A RAINHA

Que queres tu dizer, Hamlet?

HAMLET

O que é, senhora?

A RAINHA

Esqueces quem eu sou?

HAMLET

Pela cruz do Redemptor, que não. Rainha é, foi esposa do irmão de seu

marido, e prouvera a Deus que não o fosse, mas é minha mãe!

A RAINHA

Mandar-te-hei alguem que melhor do que eu te saiba fallar.

HAMLET

Vamos, sente-se, minha mãe. Não se moverá, não saírá d'aqui emquanto eu

não tiver posto diante dos seus olhos um espelho em que possa ver até ás

profundidades da sua alma.

A RAINHA

Que pretendes de mim? queres tu porventura assassinar-me? Acudam á

rainha, acudam!

POLONIO (por detrás do reposteiro)

O que é! olá, soccorro!

HAMLET (desembainhando a espada)

Que é isso? Um rato? (Dando-lhe uma estocada.) Aposto um ducado em como

o matei!

POLONIO (atrás do reposteiro)

Mataram-me, eu morro. (Cáe para fóra do reposteiro e morre.)

A RAINHA

Que fizeste, infeliz?

HAMLET

Ignoro-o; seria o rei? (Levanta o reposteiro e puxa pelo cadaver de

Polonio.)

A RAINHA

Que acto de crueldade e de sangue!

HAMLET

De sangue; quasi tão reprehensivel, minha mãe, como assassinar um rei e

desposar o irmão!

A RAINHA

Assassinar um rei?

HAMLET

Sim, um rei, foi o que eu disse. (A Polonio.) Quanto a ti, pobre diabo,

louco, temerario e indiscreto, as nossas contas estão ajustadas,

aprendeste á tua custa o perigo que corre quem se intromette nos

negocios dos outros. (Á rainha.) Cesse de estorcer-se. Silencio,

sente-se, quero torturar o seu coração, e fal-o-hei, se ainda possue

alguma sensibilidade, e o habito do crime não a bronzeou a ponto de ser

insensivel a toda a especie de emoção.

A RAINHA

Que fiz eu, Hamlet, para que me falles n'esse tom ameaçador?

HAMLET

Uma acção que mancha o rubor e a graça do pudor; que transforma a

virtude em hypocrisia; que arranca á fronte innocente do amor a sua

corôa de rosas, e a substitue por uma chaga asquerosa; que torna os

juramentos do hymeneu tão falsos como os do jogador! Oh! uma acção que

rouba ao corpo dos contratos a santidade, que é a sua alma, e faz da

religião uma rapsodia de palavras. Indigna-se o céu, contrista-se o

globo solido e compacto, lê-se-lhe nas faces a consternação como se

fosse o ultimo dia do mundo.

A RAINHA

Qual é pois a acção que denunciam este ameaçador preludio e esta

expressão fulminante?

HAMLET (mostrando dois retratos em pé que ornam as paredes)

Veja bem esses dois retratos, são as imagens de dois irmãos. Veja que

graça impressa n'estas feições: o cabello annellado de Apollo; a fronte

do proprio Jupiter; o olhar de Marte, onde se lê a commando e a ameaça;

o porte de Mercurio, o mensageiro celeste, quando apenas pousa o alado

pé sobre o cimo das nuvens; uma tão feliz reunião das fórmas perfeitas,

que cada um dos deuses parecia ter contribuido com o seu quinhão, como

se quizessem mostrar ao mundo o modelo do verdadeiro homem! Esse era o

seu primeiro esposo. Volva agora os olhares para este lado. Eis o que é

o seu segundo esposo! que, similhante á espiga mangrada, pelo seu

contacto causa a morte a sua irmã a espiga sã. E saberá ver? Como pôde

então abandonar as ferteis e salubres collinas, para se immergir n'este

immundo paul!! Se ainda tem olhos, senhora, não póde imputar ao amor o

seu comportamento; na sua idade já se acalmou a effervescencia do

sangue, e a paixão obedece á rasão. E qual seria a creatura racional,

que ousasse trocar o seu primeiro marido por este segundo? É sem duvida

dotada de sensibilidade, aliás não seria um ser animado; mas na senhora

estão paralysados todos os sentimentos, porque não ha demencia que não

deixe ao que verga sob o seu peso uma porção bastante de discernimento,

para saber escolher entre objectos tão dissimilhantes. Que demonio a

perturbou a ponto de lhe vendar os olhos? A vista sem o tacto, o tacto

sem o auxilio da vista, o ouvido sem o uso das mãos e dos olhos, o

olfato só por si, uma porção mesmo alterada de um verdadeiro sentido,

não podiam ter-se enganado tão estultamente. Oh! vergonha! onde está o

teu rubor? Inferno rebelde, que assim pódes atear a revolta nos sentidos

de uma mulher, ha muito esposa e mãe. Que admira que, para a ardente

juventude, a virtude seja como a cera, que se derrete á chamma que

alimenta; que não seja vergonha ceder quando nos arrasta a paixão,

poisque o proprio crystal se funde e a rasão prostitue aos desejos os

seus vergonhosos serviços.

A RAINHA

Oh! Hamlet, cessa por piedade, obrigas o meu olhar a volver-se todo para

a minha alma, e n'ella descubro máculas tão negras e tão profundamente

impressas, que nada já as póde lavar.

HAMLET

Viver no suor impuro de um leito infecto, sobre o esterco da corrupção,

revolver-se no lodaçal de um asqueroso amor.

A RAINHA

Cala-te, Hamlet, as tuas palavras são outras tantas punhaladas. Piedade!

querido filho!

HAMLET

Um assassino, um scelerado, um miseravel, que não vale a centesima parte

do seu primeiro marido, um rei de comedia, um ladrão, que empalmou o

poder, e que achando a corôa debaixo de mão, a roubou e a metteu no

bolso!

A RAINHA

Hamlet!

HAMLET

Um palhaço!

Entra a SOMBRA

HAMLET

Protegei-me e abrigae-me sob vossas azas, anjos do céu. (Á sombra) Que

pretendes de mim, sombra querida?

A RAINHA

Infeliz! enlouqueceu.

HAMLET (á sombra)

Vens tu reprehender a tibieza de teu filho, que, deixando passar o

tempo, arrefecer a sua indignação, não se apressou em cumprir os teus

terriveis preceitos? Falla!

A SOMBRA

Recorda-te que o unico fim d'esta minha apparição é atear em ti o fogo

da resolução. Mas vê, tua mãe está succumbida, interpõe-te entre ella e

os seus remorsos; é nas mais debeis organisações que mais estragos causa

a imaginação. Falla-lhe tu, Hamlet.

HAMLET

Como se sente, minha mãe?

A RAINHA

Eu é que te devia fazer essa pergunta! Por que está teu olhar fito no

espaço? por que conversas com seres immateriaes? Teu olhar indefinido

revela a lucta da tua alma; como um soldado acordado em sobresalto; teus

cabellos, como se a vida os animasse, levantam-se e ouriçam-se sobre a

tua fronte. Oh! meu querido filho, apaga a chamma da tua colera, com as

tranquillas e limpidas aguas da paciencia! Mas para onde olhas tu?

HAMLET

É elle! Elle! Como está pallido! O seu aspecto, e o motivo que aqui o

traz, commoveriam as proprias pedras. (Á sombra) Descrava de mim os teus

olhos, receio que me feneça a resolução, vendo teu triste e commovente

olhar; que se transforme o caracter dos meus actos talvez em lagrimas em

vez de sangue.

A RAINHA

Mas, filho, a quem fallas assim?

HAMLET

Não vê nada, minha mãe?

A RAINHA

Nada, senão tudo quanto existe n'esta camara.

HAMLET

E nada ouviu?

A RAINHA

Cousa alguma, a não ser as tuas palavras.

HAMLET

Mas olhe, minha mãe, não vê como elle se afasta, triste e pensativo? É

meu pae, vestido como trajava em sua vida. Eil-o, transpõe agora mesmo a

porta. Saíu. (A sombra sáe.)

A RAINHA

É á exaltação da tua imaginação e ao delirio que de ti se apoderou, que

são devidas estas creações phantasticas.

HAMLET

O delirio! Senhora, apalpe o meu pulso, e conhecerá que não está menos

tranquillo que o seu. Não fallei influenciado pelo delirio.

Interrogue-me; em vez de divagar, repetir-lhe-hei textualmente as minhas

palavras; não estou louco; engana-se, minha mãe. Por Deus, não se

embale, no pensamento falso, que é o meu delirio e não a sua culpa que

me faz fallar! Seria cicatrizar exteriormente a chaga, que a consciencia

nunca deixaria de augmentar interiormente. Confesse-se ao céu,

arrependa-se do passado, premuna-se para o futuro, e não dê pasto ao

verme do remorso, que acabará por totalmente corroer o seu coração e

obliterar a sua consciencia. Perdoe á minha virtude, porque n'este mundo

sordido e venal a virtude deve implorar o perdão do vicio e pedir o

favor de poder fazer o bem.

A RAINHA

Oh! Hamlet! Dilaceras-me o coração.

HAMLET

Expulse a parte corrompida, e com a outra metade viva tranquilla e pura.

Boa noite; evite meu tio, e se não podér ser virtuosa, ao menos

pareça-o. O habito, esse monstro, que destroe e neutralisa em nós toda a

sensibilidade, esse demonio do habito, é anjo n'isto, porque consente á

virtude e ás boas acções as suas vestes proprias. Não veja hoje o seu

esposo, tornar-lhe-ha mais facil a abstenção futura; o habito tudo póde,

muda a natureza individual, doma o demonio, e expulsa-o com o seu

maravilhoso poder. Boas noites mais uma vez! e quando sentir a

necessidade da benção divina, então pedir-lhe-hei a sua. (Mostrando

Polonio.) Quanto a este homem, arrependo-me do que fiz; mas obedeci ao

céu; assim o quiz tornando-me instrumento das suas vinganças, punindo-o

por mim, a mim por elle. Sepultem-no, eu responderei pela morte que lhe

dei! Adeus, pois. Cumpre-me ser cruel por humanidade; o primeiro mal

está feito, o maior ainda ha de vir. Uma palavra ainda.

A RAINHA

Que devo fazer?

HAMLET

Nada do que eu lhe disse! Receba as caricias do avinhado monarcha,

preste as suas faces aos seus osculos, ouça-lhes as palavras de amor;

então n'um diluvio de ardentes osculos, entre as mais lubricas caricias,

confesse-lhe, revele-lhe tudo, diga-lhe que nunca estive louco, que o

fingi, faça-lhe essa confidencia. Qual seria a rainha, bella, sensata e

honesta, que hesitasse em confiar áquelle animal immundo e repellente,

asqueroso reptil, tão importantes segredos? Quem guardaria silencio?

Ninguem. Depois, olvidando o bom senso e a discrição, abra a gaiola e

deixe voar as avesinhas, e seguindo o exemplo do bugio da legenda, por

simples experiencia, introduza-se na gaiola e rompa o pescoço caíndo!

A RAINHA

Acredita, Hamlet, que se as palavras se compozessem de fôlgo e o fôlgo

de vida, eu não teria vida para articular as que tu me disseste.

HAMLET

Devo partir para Inglaterra; sabe-o sem duvida, minha mãe?

A RAINHA

Infeliz! Tinha-me esquecido; pois isso está definitivamente determinado?

HAMLET

Ha cartas selladas, e os meus dois companheiros de estudos, nos quaes me

fio tanto como na innocencia dos envenenados dardos das viboras, são os

portadores da ordem! São elles que me hão de aplanar o caminho, e se

encarregarão de me conduzir ao laço armado pela mais negra traição.

Deixemos caminhar os acontecimentos. Causa devéras prazer ver rebentar

nas mãos do proprio artifice a bomba que para outrem preparava. Nada ha,

senhora, que nos dê mais gosto do que combater a traição,

contraminando-a pela sagacidade. A morte de Polonio apressará a minha

partida. Levemos o seu cadaver para a camara vizinha. Boas noites, minha

mãe. Este conselheiro está agora verdadeiramente a sangue frio, discreto

e grave; em vida era dotado de estupida garrulice. Agora basta, acabemos

por uma vez. Boas noites. Adeus, minha mãe. (A rainha sáe por um lado,

Hamlet pelo outro, arrastando o cadaver de Polonio.)

Fim do acto terceiro

ACTO QUARTO

SCENA I

Um quarto no castello de Elsenor

Entram o REI, a RAINHA, ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN

O REI

Esses suspiros, esse difficil arfar do peito, tudo deve ter uma causa.

Queremos conhecel-a e pelos senhores. Onde está nosso filho?

A RAINHA (a Rosencrantz e Guildenstern)

Deixem-nos sós um momento. (Os dois sáem.) (Ao rei) Ah! senhor, que

noite esta!

O REI

Que ha de novo, Gertrudes; em que estado achaste Hamlet?

A RAINHA

Tão revolta está a sua rasão, como o mar e o vento, quando entre si

luctam, disputando a sua força. N'um dos seus arrebatamentos do delirio,

ouvindo mexer atrás de uma cortina, exclamou: \_Um rato, um rato\_, e

desembainhando a espada, cravou-a no peito d'aquelle excellente ancião.

O REI

Oh! triste acontecimento! Igual sorte teria tido se ali me achasse;

livre, corremos o maior risco, mesmo tu; todos, emfim. Que rasões

daremos para explicar este acto sanguinario? Taxar-nos-hão de

imprevidentes, a responsabilidade toda caírá sobre nós; dirão que

deviamos ter isolado esse insensato, mas era tão grande a nossa

affeição, que não comprehendemos o que a prudencia nos aconselhava.

Obrámos como um homem atacado de um mal vergonhoso, que para guardar

segredo deixa enraizar-se esse mal e destruir toda a seiva vital. Onde

está Hamlet?

A RAINHA

Pondo em logar seguro o cadaver d'aquelle a quem deu a morte. No meio

mesmo da sua demencia, conserva-se pura e intacta a sua intelligencia,

como um metal precioso encravado em rocha bruta. Rebenta-lhe o pranto ao

lembrar-se da acção que commetteu.

O REI

Saiâmos, Gertrudes. Quando o sol tocar o cume das montanhas, já Hamlet

deverá ter embarcado; logo em seguida partirá para Inglaterra. Quanto a

esta odiosa acção precisâmos achar na nossa auctoridade e no nosso

engenho alguma desculpa que a releve aos olhos do mundo. Olá,

Guildenstern? (Entram outra vez Guildenstern e Rosencrantz.)

O REI (continuando)

Meus amigos, procurem pessoas que os ajudem e auxiliem. Hamlet, na sua

demencia, matou Polonio, cujo cadaver levou para fóra da camara de sua

mãe. Tratem de descobrir onde o occultou, encarrego-os d'esta missão.

Nada digam que possa irritar Hamlet, e levem o corpo do infeliz Polonio

para a capella; peço-lhes só que se aviem. (Sáem Rosencrantz e

Guildenstern.)

O REI (continuando)

Vamos, Gertrudes, convoquemos os nossos mais doutos amigos, demos-lhe a

conhecer o nosso designio e a desgraça acontecida. Precavendo-nos d'este

modo, talvez a calumnia, que arremessa o seu dardo envenenado de uma

extremidade do mundo á outra, e cujos tiros são tão certeiros, como os

do mais perfeito canhão, poupe o nosso nome, perdendo-se na immensidade

do espaço. Saiâmos d'aqui. Na minha alma não sinto senão perturbação e

terror! (Sáem.)

SCENA II

Outro quarto no castello

Entra HAMLET

HAMLET

Duvido que o encontrem.

VOZES DE FÓRA

Hamlet? senhor Hamlet?

HAMLET

De vagar. Que rumor é este? Quem ousa chamar Hamlet? Ah! eil-os que

chegam. (Entram Rosencrantz e Guildenstern.)

ROSENCRANTZ

Senhor? que fez vossa alteza do cadaver?

HAMLET

Entreguei-o ao pó de que saíu.

ROSENCRANTZ

Mas em que logar para o podermos levantar e depositar na capella?

HAMLET

Não pensem em tal.

ROSENCRANTZ

Que devemos, pois, pensar?

HAMLET

Que pouco me importo com a sua cabeça, mas muito com a minha.

Interrogado de mais a mais por uma esponja! Que resposta lhe póde dar o

filho de um rei?

ROSENCRANTZ

É a mim que chama esponja?

HAMLET

A quem havia de ser? sim a ti, que bebes os favores, as recompensas e o

poder real. Mas, no fim de contas, taes officiaes prestam ao monarcha

relevantes serviços, são para elle como o fructo que o bugio conserva na

bôca para depois o engulir; quando necessitar do que tem arrecadado,

espreme-os como uma esponja, e ficarão completamente enxutos.

ROSENCRANTZ

Não comprehendo, senhor!

HAMLET

Estimo muito. As palavras do traficante só tem por domicilio os ouvidos

do tonto.

ROSENCRANTZ

Diga-nos onde está o cadaver, e siga-nos á presença do rei.

HAMLET

Onde está o rei existe um corpo, mas o rei não está n'esse corpo. O rei

é uma creatura.

ROSENCRANTZ

Uma creatura, senhor?

HAMLET

Uma creatura que nada vale! Conduzam-me á sua presença. Vamos jogar as

escondidas. (Sáem todos.)

SCENA III

Uma sala no castello

Entra o REI com a sua comitiva

O REI

Mandei chamar Hamlet e procurar o cadaver. Que perigo deixar livre um

tal homem; mas não podemos fazer pesar sobre elle todo o rigor das leis.

A multidão insensata estima-o, decidindo-se mais pela vista do que pela

rasão; n'estas circumstancias o que devemos pensar é o castigo dos

culpados, nunca o crime só por si. Para prevenir qualquer

descontentamento é forçoso que este precipitado exilio pareça

consequencia de madura reflexão. Para males desesperados remedios

energicos, ou nenhuns. (Entra Rosencrantz.) Então que aconteceu?

ROSENCRANTZ

Nada podemos saber da sua bôca relativamente ao cadaver.

O REI

Onde está Hamlet?

ROSENCRANTZ

No quarto vizinho, esperando debaixo de segura guarda as ordens de vossa

magestade.

O REI

Que venha á nossa presença.

ROSENCRANTZ

Olá, Guildenstern. Conduze Hamlet a este aposento. (Entram Hamlet e

Guildenstern.)

O REI

Hamlet, onde está Polonio?

HAMLET

N'um banquete.

O REI

N'um banquete?! onde?

HAMLET

Onde não come, mas é devorado. Uma multidão de vermes politicos disputa

o seu cadaver. O verme é o monarcha dos comedores. Engordâmos todas as

creaturas para nos engordarmos, e engordâmo-nos para pasto dos vermes.

Um rei gordo e um mendigo magro são duas iguarias differentes, comtudo

hão de ser servidas á mesma mesa. Esta é a verdade.

O REI

Infelizmente assim é!

HAMLET

É possivel que se pesque, com um verme creado em cadaver real, um peixe,

e que se coma depois o peixe que enguliu o verme.

O REI

Que significam as tuas palavras?

HAMLET

Nada; apenas as transformações pelas quaes póde passar um rei para

penetrar nos intestinos do pobre.

O REI

Onde está Polonio?

HAMLET

No céu. Mande ali o seu mensageiro procural-o, e se não o achar,

procure-o então o rei no sitio opposto. Em todo o caso se não o acharem

até d'aqui a um mez, o olfato o denunciará junto á escada da galeria.

O REI (á sua comitiva)

Procurem-o já.

HAMLET

Esperal-os-ha com certeza. (Sáe a comitiva do rei.)

O REI

Hamlet, no interesse da tua saude, que nos é tão cara, quanto dolorosa a

acção que commetteste, é forçoso que partas com a maior brevidade; vae,

pois, preparar-te. O navio está prompto e o vento sopra propicio; os

teus companheiros esperam-te, e tudo está disposto para a tua viagem a

Inglaterra.

HAMLET

A Inglaterra?

O REI

Sim, Hamlet.

HAMLET

Está bem.

O REI

O mesmo dirias conhecendo todos os meus projectos.

HAMLET

Descubro um anjo que os vê. Mas partâmos para Inglaterra. Adeus, minha

querida mãe.

A RAINHA

E teu pae que te estremece?

HAMLET

Não, minha mãe; pae e mãe são marido e mulher, marido e mulher são uma e

mesma carne. Assim, pois, adeus, minha mãe. Vamos para Inglaterra.

(Sáe.)

O REI (a Rosencrantz e Guildenstern)

Sigam-o passo a passo, façam-o embarcar promptamente, não ha tempo que

perder. Quero que já esta tarde esteja afastado d'estes sitios. Vão!

Tudo quanto respeita a este negocio foi já expedido e sellado com as

nossas armas. Aviem-se, peço-lh'o. (Sáem.) (Continuando) Rei de

Inglaterra, sabes até onde chega o meu poder; as feridas infligidas pelo

ferro dinamarquez ainda sangram, e teu respeito nos presta livre

homenagem. Se, pois, prezas a minha benevolencia, não receberás

friamente as ordens soberanas contidas nas minhas cartas e que exigem a

morte de Hamlet. Obedece-me, rei de Inglaterra, porque Hamlet é febre

que requeima o meu sangue, e tu é que me deves curar d'ella. Não terei

um dia de prazer e descanso emquanto não souber a completa execução das

minhas ordens, aconteça o que acontecer. (Sáe.)

SCENA IV

Uma planicie na Dinamarca

Chega FORTIMBRAZ á frente das suas tropas

FORTIMBRAZ (a um dos seus officiaes)

Capitão, saúde da minha parte o rei de Dinamarca e diga-lhe, que, em

conformidade com a sua promessa, Fortimbraz lhe pede livre passagem pelo

seu territorio; sabe o ponto em que nos devemos encontrar. Se sua

magestade desejar fallar-me, irei prestar-lhe as minhas homenagens.

Diga-lh'o da minha parte.

O OFFICIAL

As suas ordens serão cumpridas, meu senhor!

FORTIMBRAZ (ás suas tropas)

Avancemos em attitude pacifica. (Fortimbraz e as suas tropas afastam-se.

O official fica.)

Chegam HAMLET, ROSENCRANTZ, GUILDENSTERN e mais pessoas

HAMLET (ao official)

Que tropas são essas, meu amigo?

O OFFICIAL

É o exercito norueguez, senhor!

HAMLET

Qual é o seu destino?

O OFFICIAL

Um ponto do território da Polonia.

HAMLET

Quem o commanda?

O OFFICIAL

Fortimbraz, sobrinho do rei de Noruega.

HAMLET

É contra a Polonia toda, ou só contra um ponto determinado da fronteira

que marcham?

O OFFICIAL

Se quer que lhe diga a verdade, marchâmos contra uma parte da Polonia,

cuja conquista será para nós gloria, sem proveito algum. Estou certo que

a sua renda não vale cinco ducados, e se se vendesse ninguem daria mais.

HAMLET

Se assim é, os polacos não devem offerecer resistencia?

O OFFICIAL

Pelo contrario, até já o guarneceram.

HAMLET

Duas mil almas e vinte mil ducados chegarão apenas para tão futil

empreza; é um d'estes abcessos que resultam de uma demasiada e

prolongada prosperidade que rebenta internamente, sem que nada indique

exteriormente a sua acção mortal. Obrigado, amigo.

O OFFICIAL

Deus seja comvosco, senhor. (Afasta-se.)

ROSENCRANTZ

O principe quer que continuemos o nosso caminho?

HAMLET

Póde ir indo, em breve o alcançarei. (Sáem Rosencrantz e Guildenstern.)

(Continuando.) Como sempre tudo me accusa e me excita á tardia vingança.

O que é o homem, se o seu primeiro bem, o maior negocio da sua vida,

consiste em comer e dormir! É um animo brutal, nada mais. Seguramente,

que aquelle que nos dotou com essa vasta comprehensão, capaz de abraçar

o passado e o futuro, não nos deu essa intelligencia, esse admiravel

raciocinio, para que ficassemos ociosos e sem emprego. Quer seja estulto

esquecimento, quer cobarde escrupulo, medito demasiado na acção que

tenho que commetter, pensamento composto de uma quarta parte de siso e

tres quartas partes de cobardia. Como me espanto a mim mesmo quando

repito: \_Eis o que devo fazer\_, já que me sobram os motivos, tenha eu ao

menos vontade, força e energia para o executar. Incitam-me os mais

irrecusaveis exemplos; testemunho este numeroso exercito, capitaneado

pelo seu joven principe, cujo genio intrepido, soprado por uma ambição

divina, affronta, rindo, as eventualidades de um porvir invisivel,

expondo uma vida mortal e incerta, a tudo quanto podem ousar a fortuna,

a morte e os perigos, e tudo por nada, por uma bagatella. A verdadeira

grandeza consiste, não só em commover-se com grandes e poderosas rasões,

mas tambem em achar n'uma bagatella rasões de conflicto, cuja verdadeira

causa é o pundonor. Que posição pois a minha, eu que tenho um pae

assassinado, uma mãe deshonrada; eu que tenho tantos motivos de colera e

que tudo deixo adormecer, emquanto que para minha vergonha vejo vinte

mil homens, por uma louca esperança de gloria exporem-se á morte,

caminharem para o tumulo, como caminhariam para o leito; irem combater

para conquistar um quinhão de terra insufficiente para caberem n'elle, e

cujo terreno seria uma sepultura acanhada para os mortos. Ah! quanto se

revelam sanguinarios os meus pensamentos, ou então nada. (Afasta-se.)

SCENA V

Uma sala no castello de Elsenor

Entram HORACIO e a RAINHA

A RAINHA

Não lhe quero fallar.

HORACIO

Pede-o encarecidamente. Verdade é que ella perdeu a rasão; o seu estado

é digno de compaixão.

A RAINHA

O que pretende ella?

HORACIO

Falla sempre no pae, pretende terem-lhe dito que n'este mundo se

commettem bem más acções, suspira, bate no peito, exaspera-se sem

motivo. Profere palavras equivocas e sem sentido. Nada diz, comtudo quem

ao ouvil-a não teria vontade de a comprehender. Aquelles que a ouvem

procuram adivinhar o sentido, e preenchendo as lacunas, tentam completar

o sentido das suas fallas. Vendo os movimentos que faz, acompanhando as

palavras, todos lhe suppõem um pensamento, um sentido, e provavelmente

tem-no, mas de certo bem sinistro.

A RAINHA

É conveniente fallar-lhe, porque poderia impressionar malevola e

perigosamente os espiritos. Que venha. (Horacio sáe.) (Continuando) Ah!

minha alma enferma! Será uma condição do crime, que a menor bagatella

pareça sempre a precursora de alguma grande calamidade? Tal é a

desconfiança em uma consciencia culpada, que se trahe a si mesma com o

receio de se trahir.

HORACIO entra com OPHELIA

OPHELIA

Onde está a bella rainha de Dinamarca?

A RAINHA

Ophelia?

OPHELIA

Como hei de eu conhecer o bem amado

Por entre a multidão?

Pelo chapéu de conchas enfeitado

E pelo seu bordão.

A RAINHA

Infeliz Ophelia! Que significam esses versos?

OPHELIA

Pergunta-mo? Escute então...

Levaram-no bem morto ao cemiterio!

O que tu foste e és!...

Sob a fronte senil myrto funereo,

E fria pedra aos pés!

Ai de mim! (Chora.)

A RAINHA

Ophelia, querida Ophelia?

OPHELIA

Ouça mais, peço-lh'o...

Branca de neve a frigida mortalha...

Entra o REI

A RAINHA

Veja, senhor!

OPHELIA

É como um prado em flor

Baixou á campa a fronte e não a orvalha

Com lagrimas o amor!!

O REI

Como está bella, Ophelia?

OPHELIA

Bem, louvado Deus, dizem que a coruja fôra outr'ora filha de um padeiro.

Meu Deus, nós sabemos o que somos, mas nunca o que poderemos vir a ser.

Que Deus abençôe a sua mesa.

O REI

Recorda-se do pae?

OPHELIA

Não fallemos mais n'isso, mas se me perguntam o que significa,

dir-lhes-hei o que é. Respondam.

São Valentim! dizes-me a minha sina?

A pé já todos são.

Queres que eu seja a tua Valentina?

Sou virgem, sim ou não?

Ergueu-se elle e vestiu-se; mansamente

Do quarto a porta abriu;

E virgem ella entrou... mas tão sómente

Mulher quando saíu.

O REI

Encantadora Ophelia!

OPHELIA

Em verdade vou terminar sem juramento.

Por Jesus! pela santa caridade!

Quem vale á infeliz?!

Ai! são todos assim na mocidade,

A sorte é quem n'o quiz!

Antes da minha quéda prometteste

Conduzir-me ao altar:

Por Deus o houvera feito... não quizeste.

Quem te mandou entrar?

O REI

Ha quanto tempo é que este infeliz estado se apoderou d'ella?

OPHELIA

Tudo vae bem! É preciso ter paciencia; não posso reter o pranto,

pensando que está debaixo da terra fria e humida. Meu irmão ha de

sabel-o, obrigada pelo conselho. Chegue a minha carruagem. Boa noite,

minhas senhoras, boa noite, bellas senhoras, Adeus, boas noites! (Sáe

correndo.)

O REI (a Horacio)

Siga-a, não a perca de vista, vigie-a cautelosamente, peço-lh'o eu!

(Horacio sáe.) (Continuando) Oh! é aquelle o veneno de uma dor profunda,

causada pela morte do pae. Ah! Gertrudes, Gertrudes, quando as dores nos

assaltam, nunca é isoladamente, é como se viessem em tropel. Primeiro a

morte do pae, depois a partida de Hamlet, que tão violentamente decretou

o proprio exilio; o povo alvoroçado e descontente, commenta malevola e

insidiosamente a morte de Polonio, e nós obrámos pouco assisadamente

ordenando o prompto enterro; a infeliz Ophelia, inconsciente do seu

estado, está privada da rasão, sem a qual somos simples estatuas,

creaturas brutas. Para cumulo de desgraça esta vale todas as outras, seu

irmão voltou secretamente de França, embrenha-se no labyrintho de

noticias, e mantem-se occulto. Não deixará por certo de haver bôcas

malevolas, que por occasião da morte de seu pae, envenenem seus ouvidos

com insinuações perfidas, e a calumnia, na carencia de outro assumpto,

não nos poupará com os seus dardos envenenados e mortiferos. Ah! querida

Gertrudes; tudo isto, similhante a um instrumento de morte, vibra-me

mais golpes que os necessarios para pôr termo á minha vida. (Ouve-se um

grande rumor fóra da sala.)

A RAINHA

Que rumor é esse?

O REI

Olá, venha alguem. (Entra um official do palacio.)

O REI (continuando)

Onde estão os meus suissos? Que defendam as portas. Dize-me já o que ha.

O OFFICIAL

Fuja, senhor; o oceano, rompendo os diques, não invade com mais

violencia a campina, do que o joven Laerte, á frente da rebellião,

derruba a resistencia dos vossos officiaes. O povo chama-lhe soberano, e

como se fosse no começo do mundo, sem tradições, nem passado, nem usos,

sobre que tudo se firma, ou as tivesse esquecido, exclama: Elejâmos um

rei! Laerte será o nosso rei? Todos se descobrem e agitam os gorros,

todas as mãos applaudem, todas as vozes repetem: Laerte será rei. Viva o

rei Laerte!

A RAINHA

Com que prazer esta matilha segue uma pista falsa! Enganam-se!

Dinamarquezes ingratos!

O REI

Entraram á força. (Redobra o rumor. Entra Laerte seguido por muito povo

dinamarquez.)

LAERTE

Onde está esse rei? Senhores, retirem-se para fóra.

O POVO

Nada! Queremos todos entrar.

LAERTE

Façam o que lhes peço.

O POVO

É justo! é justo! (Sáem.)

LAERTE

Obrigado, senhores; guardem as portas. (Ao rei.) Infame! entrega-me meu

pae.

O REI

Socegue, meu caro Laerte.

LAERTE

Se uma só gota do meu sangue não fervesse, essa gota proclamar-me-ía

bastardo, attestaria a deshonra de meu pae, e imprimiria na casta fronte

de minha adorada mãe um estigma indelevel de infamia.

O REI

O que deu azo, Laerte, a uma rebellião, que assumiu proporções tão

colossaes? Está tranquilla, Gertrudes, por nós nada receies; graças ao

caracter sagrado que protege os reis, a traição não lança senão um olhar

timido e incerto para o resultado que anhelam os seus desejos, e os

effeitos estão longe de corresponder á sua esperança. Dize-me, Laerte, o

motivo d'esta irritação violenta. Nada receies, Gertrudes. Falla,

Laerte.

LAERTE

Onde está meu pae?

O REI

Morreu.

A RAINHA

Mas o rei está innocente.

O REI

Deixa-me interrogal-o á minha vontade.

LAERTE

Como morreu elle? Não admitto duvidas, dispenso juramentos; leve o

demonio a fé jurada, sepultem-se no abysmo a consciencia e a fidelidade.

Affrontarei a condemnação, declaro-o formalmente; renuncio a tudo n'este

e no outro mundo, aconteça o que acontecer, comtanto que vingue de um

modo bem patente a morte de meu pae.

O REI

E quem t'o impede?

LAERTE

A minha vontade só e não a do universo inteiro; quanto aos meios de que

disponho, empregal-os-hei de modo que com recursos limitados tire

d'elles o maior proveito.

O REI

Comprehendo, querido Laerte, que queiras saber a verdade toda a respeito

da morte de teu estremecido pae. Mas estás tu resolvido a confundir

amigos e inimigos, aquelles que perderam e aquelles que ganharam com a

sua morte?

LAERTE

Unicamente os inimigos quero punir.

O REI

E queres conhecel-os?

LAERTE

Quanto aos seus amigos, abro-lhes os braços com alvoroço; e similhante

ao pelicano que rasga o seio, para com o sangue alimentar os filhos,

estou prompto a por elles dar o meu sangue todo.

O REI

Ainda bem; fallas agora como bom filho e homem honrado. Sou innocente na

morte de teu pae, e deploro-a amargamente; demonstral-o-hei á tua rasão

com provas tão claras como a luz do dia.

O POVO (de fóra)

Deixem-a entrar.

LAERTE

O que é? Que rumor é esse? (Entra Ophelia estranhamente enfeitada com

flores na cabeça e palhas entrançadas nos cabellos.) (Continuando.) Meu

pobre cerebro! Sequem-se as minhas lagrimas, que, sete vezes corrosivas,

queimam meus olhos e afastam d'elles o sentido da vista! Por Deus! A tua

demencia será paga com usura, até que o nosso peso faça baixar uma das

conchas da balança. Rosa de primavera, filha querida, carinhosa irmã,

boa Ophelia! Oh! ceus! pois será possivel que a rasão de uma jovem

mulher seja tão fragil como a vida do ancião! A natureza tem no seu amor

um perfume subtil e raro, cujas emanações se infiltram no objecto amado.

OPHELIA

Levaram-no em mesquinha padiola

E foram-no enterrar!

Mas chove-lhe na tumba, ai! grata esmola

De lagrimas um mar.

LAERTE

Possuisses tu toda a tua rasão, animasses-me tu á vingança, não

conseguias crear em mim uma emoção.

OPHELIA

Forçoso é que eu cante e tu tambem:

Abaixo! Abaixo!

Lançae-o abaixo!

Devias ouvir cantar ás fiadeiras; é a canção do intendente desleal, que

raptou a filha de seu amo.

LAERTE

Estes nadas tudo me dizem.

OPHELIA (a Laerte, dando-lhe uma flor)

Toma, é rosmaninho a flor da lembrança. Lembra-te de mim, peço-t'o, meu

querido; estes são amores perfeitos, é para que sempre viva no teu

coração de irmão.

LAERTE

Ha sentido no seu delirio. Acaba de distinguir acertadamente a lembrança

e o pensamento.

OPHELIA (ao rei)

Aqui tendes, senhor, estas symbolicas flores. (Á rainha) Para vós,

senhora, é arruda e tambem para mim; para vós será a herva da ventura,

para mim a da dor. Eis um malmequer. Queria dar-vos violetas, mas

feneceram todas quando meu pae morreu; dizem que teve o fim do justo.

Porque era o bom Robim minha alegria

LAERTE

A melancolia, a afflicção, a colera, o proprio inferno, tudo é divino

proferido por ella.

OPHELIA

E nunca mais virá?!

Morreu! morreu! morreu! ai! que agonia!

Não mais! não voltará!

Era a barba tão branca como a neve:

Partiu! foi para os céus.

Perdida, inutil dor! Breve, até breve,

Tem dó d'elle, meu Deus!...

Assim como de todas as almas christãs, assim o peço a Deus, e elle seja

comvosco. (Sáe.)

LAERTE

Vêem? Meu Deus!...

O REI

Deixa-me, Laerte, fallar-te no teu infortunio; é um direito que me

pertence e que me não pódes negar sem injustiça. Reune em particular os

teus amigos mais assisados; elles nos ouçam, e depois julguem entre nós

dois. Se culpado me acharem, directa ou indirectamente, entrego-te, em

expiação da minha culpa, reino, corôa e vida, e tudo quanto possa dizer

meu; no caso contrario, peço-te só paciencia, e de accordo obraremos

para te alcançar uma completa satisfação.

LAERTE

Consinto. As circumstancias da sua morte, o seu funeral obscuro, em que

nem trophéus, nem espada, nem brazão figuraram, a ausencia de toda a

ceremonia funebre no saímento do seu corpo, são como um aviso do céu,

que me clama pela voz celeste: Indaga como foi.

O REI

Faça-se pois um inquerito, e o cutelo do algoz puna o culpado. Agora

peço-te, Laerte, que me sigas. (Sáem ambos.)

SCENA VI

Um quarto no castello de Elsenor

Entram HORACIO e um CREADO

HORACIO

Quem é que me pretende fallar?

O CREADO

Marinheiros... e dizem que têem cartas que lhe são dirigidas.

HORACIO

Que entrem pois; (o creado sáe) (só) não percebo de que canto do mundo

se lembraram de me escrever. Só se for Hamlet.

Entram os MARINHEIROS

PRIMEIRO MARINHEIRO

Guarde-o Deus, senhor!

HORACIO

Igualmente a ti!

PRIMEIRO MARINHEIRO

Fal-o-ha, se for da sua vontade. (Entrega uma carta) Aqui tem esta

carta, é do embaixador que foi mandado a Inglaterra; o senhor, segundo

me asseguraram, chama-se Horacio, não é verdade? (Dá-lhe outra carta.)

HORACIO (abrindo a carta, lendo)

«\_Horacio, quando receberes esta carta, proporciona a estes homens o

fallarem ao rei; têem cartas para lhe entregar. Mal tinhamos dois dias

de viagem, um corsario armado até aos dentes deu-nos caça; vendo nós que

elle era mais veleiro, fizemos das fraquezas forças, e encetámos

combate. Na abordagem, saltei-lhe na tolda, mas n'aquelle momento

afastaram-se os dois navios, e eu achei-me só e prisioneiro.

Comportaram-se commigo como corsarios humanos, mas sabiam o que faziam,

porque contam pedir avultado resgate. Faze chegar ás mãos do rei a carta

que lhe envio, depois vem ter commigo, com a celeridade que porias em

evitar a morte. Tenho que confiar aos\_ \_teus ouvidos palavras que te

emudecerão de espanto, e comtudo ainda são fracas para a gravidade do

assumpto que devem exprimir. Estes marinheiros te conduzirão ao sitio

onde me acho. Rosencrantz e Guildenstern navegam para a Inglaterra.

Tenho muito que te contar a esse respeito. Adeus. Aquelle que sabes ser

teu do coração==Hamlet.\_» Venham, vou facilitar-lhes a entrega das

cartas, depois conduzam-me o mais prompto que podérem junto d'aquelle

que lh'as entregou. (Sáem todos.)

SCENA VII

Outro quarto no castello

Entram o REI e LAERTE

O REI

Devo estar illibado aos teus olhos, e deves ver em mim um amigo sincero,

agora que já deves ter percebido que o assassino de teu pae tambem

queria a minha morte.

LAERTE

Parece-me evidente! Mas diga-me porque, depois de actos tão graves e

criminosos por sua natureza, não perseguiu o auctor, como era obrigado a

fazel-o, por sua dignidade, pela sua salvação, pela sua prudencia, por

tudo emfim?

O REI

Ah! por duas rasões, que provavelmente acharás sem valia, mas que a meus

olhos têem toda a gravidade. A rainha sua mãe idolatra-o, é a existencia

d'ella esse filho; eu por minha parte não sei se deva considerar isto

como virtude ou como desgraça; mas ella está tão intimamente ligada á

minha alma, qual satellite ao seu planeta, que só por ella e para ella

vivo. O outro motivo que me impede de formular contra elle uma accusação

publica, é a immensa affeição que o povo lhe consagra; affeição que

desculpa todas as suas faltas, e similhante a essas fontes que

transformam em pedra a madeira, converteria as suas cadeias em aureola

de gloria. N'estas circumstancias, pois, as minhas frechas demasiado

tenues para romperem tão forte vento, em vez de tocarem no alvo,

voltando-se, feririam só o que as despediu.

LAERTE

Assim perdi meu nobre pae, e vejo minha estremecida irmã na mais

desordenada demencia! Mas se é permittido elogiar o que já passou, ella

excedia em perfeições as creaturas da sua idade, e não me hei de eu

vingar?

O REI

Essa mágua não te perturbe o somno; não me julgues de um caracter tão

pusillanime e estulto, que um perigo, que tanto me impressionou, seja

por mim tratado de bagatella. Brevemente saberás ainda mais. Eu

estremecia o teu pae; nós somos devéras amigos, agora deves acreditar

que...

Entra um MENSAGEIRO

O REI

Que queres? que ha de novo?

O MENSAGEIRO

Senhor, cartas de Hamlet; esta para vossa magestade, est'outra para a

rainha.

O REI

De Hamlet!! quem as trouxe?

O MENSAGEIRO

Disseram-me que uns marinheiros, eu não os vi. Estas cartas foram-me

entregues por Claudio, que as recebeu do portador.

O REI (pegando na carta)

Ouvirás, Laerte, o seu conteúdo. (Ao mensageiro) Retira-te (o mensageiro

sáe) (abre a carta e lê): «\_Alto e poderoso monarcha, depozeram-me em

territorio vosso, nú; ámanhã solicitarei o comparecer na vossa presença,

e então se me for permittido referir-vos-hei o que deu causa ao meu

estranho e inesperado regresso.==Hamlet\_». Que significa isto? voltariam

todos, será engano, será tudo falso?

LAERTE

Conhece a sua letra?

O REI

É a letra de Hamlet. \_Nú\_, e n'um post-scriptum acrescenta \_só\_. Poderás

tu dizer-me o que tudo isto significa?

LAERTE

Nada sei responder; mas que venha. Sinto renascer a chamma no meu

coração abatido, pensando que lhe poderei dizer cara a cara: Foste tu o

assassino de meu pae.

O REI

Se assim é, Laerte, não póde nem poderia ser de outra maneira; queres tu

seguir um meu conselho?

LAERTE

Sim, comtanto que não me aconselhe a paz.

O REI

Pois que faças pazes com o teu coração é que eu quero: se é verdade que

regressou, o que indica que Hamlet recúa diante da viagem e renuncia a

ella, suggerir-lhe-hei uma aventura, cujo plano está maduro no meu

espirito, e em que não poderá deixar de succumbir, e sem que a sua morte

possa ser attribuida a pessoa alguma intencionalmente; tanto que sua

propria mãe limitar-se-ha a lastimar o occorrido, vendo só uma

fatalidade.

LAERTE

Seguirei gostosamente os seus conselhos, e ainda de melhor vontade, se

podér combinar de modo que eu seja o agente principal.

O REI

Vejo que os nossos desejos se combinam completamente. Frequentemente,

desde as tuas viagens, têem-me gabado por excederes a todos no exercicio

de uma arte. Todas as tuas qualidades reunidas excitaram em Hamlet menos

ciumes do que esta só; é comtudo talvez a menos importante.

LAERTE

E qual é essa qualidade?

O REI

Um laço de fitas no chapéu da juventude, mas um enfeite necessario;

porque não lhe fica menos bem um ornamento um pouco frivolo mesmo, do

que convem á idade madura as vestes encorpadas e serias que lhe impõem a

saude e a gravidade. Ha dois mezes esteve aqui um cavalleiro normando;

tenho visto francezes e combatido com elles, e são devéras habeis, mas a

habilidade d'esse homem parecia ter o poder da magia. Parecia arroscado

á sella, e guiava o cavallo tão prodigiosamente, que pareciam um só e o

mesmo animal intelligente. Excedeu tudo quanto se póde imaginar na arte

de cavallaria e volteio, tão perfeita era a execução.

LAERTE

Um cavalleiro normando, disse?

O REI

Um normando.

LAERTE

Então era Lamond; não póde ser outro.

O REI

Elle mesmo.

LAERTE

Bem o conheço, é a phenix, a perola da sua patria.

O REI

Fallou de ti vantajosamente, fez os maiores elogios da tua pericia no

manejo das armas, sobretudo da espada, declarando ser impossivel achar

outro igual, e jurando que os jogadores de espada francezes perderam

agilidade, posição e golpe de vista depois que comtigo se mediram. Estes

elogios que elle te dispensava, de tal modo exasperaram o ciume de

Hamlet, que anhelava só pelo teu regresso para comtigo combater, e

transformaram o ciume em furia. Tirando pois partido d'estas

circumstancias...

LAERTE

Que partido poderemos nós tirar?

O REI

Laerte, amavas tu realmente teu pae, ou não era a tua dor senão um

simulacro, toda exterior e nada interior?

LAERTE

Porque esta pergunta?

O REI

Longe de mim o pensar que não amavas teu pae; mas a affeição é um

sentimento que se gera em nós, e a experiencia de todos os dias nos faz

ver que o tempo destempera a sua vivacidade e o seu ardor. Mesmo na

chamma do amor ha ás vezes uma mancha que a amortece, e cousa alguma se

conserva permanentemente bella, porque o bom, pelo crescimento degenera

em plethora, e parece abafado pela demasiada nutrição. O que pretendemos

fazer, devemos fazel-o na occasião propria, porque a vontade tambem

muda; tantas são as suas mudanças, quantas as linguas, mãos e outros

accessorios que se cruzam no seu caminho, e então a execução não é mais

que um dever, cujo cumprimento, similhante aos demasiado frequentes

suspiros, nos magôa, alliviando-nos. Mas entremos francamente na

questão. Hamlet regressa. Que estás tu disposto a fazer, para te

mostrares digno filho de teu pae, não com palavras, mas com obras?

LAERTE

Assassinal-o-ía mesmo no templo do Senhor.

O REI

Effectivamente o assassino não recúa perante o santuario, quando

pretende saciar a vingança. Mas, querido Laerte, queres seguir o meu

conselho? Encerra-te nos teus aposentos. Hamlet, regressando, saberá da

tua estada n'estes logares; farei com que exaltem na sua presença os

teus talentos, e que encareçam os elogios mais que os francezes o

fizeram; por este meio seguir-se-hão um desafio e apostas sobre a

pericia dos contendores. Elle que está desprevenido e é generoso e de

nada desconfia, não examinará os floretes; de modo que, com alguma

habilidade da tua parte, poderás escolher um florete sem botão, e por

meio de uma bem dirigida estocada fazer-lhe pagar a morte de teu pae.

LAERTE

Como o rei disse, Laerte o fará; mesmo envenenarei a ponta do meu

florete. Comprei a um empirico uma droga mortal. Por pouco que a ponta

de um punhal esteja n'ella banhada, por leve que seja o ferimento, não

ha balsamo precioso, embora composto dos mais energicos contravenenos,

que possa salvar da morte inevitavel e rapida o ferido. Assim,

prepararei a ponta do meu florete, para que mesmo leve arranhadura lhe

seja fatal.

O REI

Tornaremos ao assumpto, e combinaremos o momento e maneira mais facil e

favoravel para a sua execução. Se tivesse que falhar este nosso plano,

mais valeria nada tentar. Mas é necessario que esta primeira combinação

se firme n'uma segunda, que a substitua, no caso da arma se quebrar no

primeiro encontro. Um momento... Vejamos. Faremos apostas importantes

sobre a respectiva pericia de ambos. Quando, no calor do combate,

estiverem afogueados e sedentos, para conseguir o intento não poupes o

teu adversario, ataca-o com vigor. Hamlet, sem duvida, pedirá uma

bebida; ser-lhe-ha então apresentada uma, de antemão preparada, e uma só

gota bastará, se a tua espada te trahir, para conseguirmos o fim

desejado. Mas silencio! Que rumor é este? (Entra a rainha.) Que ha de

novo, querida Gertrudes?

A RAINHA

Accumulam-se as desgraças, e repetem-se com assustadora rapidez. Laerte,

tua irmã suicidou-se, afogando-se.

LAERTE

Onde?

A RAINHA

Na margem da vizinha ribeira cresce um salgueiro, cuja prateada folhagem

se reflecte nas aguas crystallinas. Tua irmã approximou-se d'aquelle

sitio, sempre tecendo grinaldas de rainunculos, ortigas, malmequeres, e

d'essas flores a que os nossos pastores dão um nome bem grosseiro, mas

que as nossas castas donzellas denominam poeticamente \_dedo da morte\_.

Quando procurava ornar com as suas innocentes grinaldas as argenteas

frondes do salgueiro, oh! desgraça! descuidosa foi envolvida na

corrente, cercada dos ornatos que lhe serviam como de corôa virginal.

Algum tempo suspensa pelas vestes sobre a corrente, assimilhava-se á

sereia, cantando incoherentes trechos, inconsciente do proprio risco,

como se estivesse no seu nativo elemento. Mas tudo tem um fim, e em

breve, sossobrando pelo peso das encharcadas vestes, cessou de cantar, e

tornou-se cadaver levado pela corrente.

LAERTE

Oh! desgraçada! afogada!!

A RAINHA

Sim, Laerte!

LAERTE

Sequem-se as minhas lagrimas; já tiveste agua em demasia, infeliz

Ophelia! Mas porque? Mais força tem a natureza do que a vontade; todos

lhe devemos obediencia. Para que uma falsa vergonha? Rolem, pois pelas

faces lagrimas santas, e arrebatem na sua corrente a minha ultima

fraqueza. Adeus, senhor! As minhas palavras de fogo tornar-se-íam

embravecido vulcão, se as lagrimas do coração o não apagassem. (Sáe.)

O REI

Sigâmol-o, Gertrudes. Quanto me custou a serenar a sua colera! Receio

bem que estas novas desgraças lhe despertem em toda a sua plenitude a

sanha da vingança. Sigâmol-o, pois.

Fim do acto quarto

ACTO QUINTO

SCENA I

Um cemiterio

Entram DOIS COVEIROS com enxadas

PRIMEIRO COVEIRO

Dever-se-ha enterrar em chão sagrado aquelle que voluntariamente

procurou a sua salvação no suicidio?

SEGUNDO COVEIRO

Eu cá digo que sim; avia-te em cavar a cova, o magistrado viu e decidiu

que aqui fosse sepultada.

PRIMEIRO COVEIRO

Isso não póde ser, a menos que não se afogasse involuntariamente.

SEGUNDO COVEIRO

Já está reconhecido e decidido.

PRIMEIRO COVEIRO

As probabilidades todas são que pereceu \_se offendendo\_. Ninguem é capaz

persuadir do contrario. Vê tu como eu o provo. Se me afogar

voluntariamente existe um acto; ora, um acto subvide-se em tres ramos: a

acção, o cumprimento e a execução; ergo, afogou-se voluntariamente.

SEGUNDO COVEIRO

Assim será, mas escuta-me ao menos.

PRIMEIRO COVEIRO

Ouve-me ainda; a agua está aqui, o homem está acolá; muito bem, o homem

vae encontrar a agua e se afoga; forçosamente morre por seu motu

proprio; nota isto bem. Mas se, pelo contrario, é a agua que vem

encontrar o homem, e elle se afoga, então já não é elle que procura a

morte; ergo, aquelle que não é culpado na sua morte, não poz termo

voluntariamente á vida.

SEGUNDO COVEIRO

Mas será lei?

PRIMEIRO COVEIRO

É a lei que preside ao inquerito do magistrado.

SEGUNDO COVEIRO

Queres que te diga o que penso? Se a defunta não fosse senhora de

qualidade, de certo não a enterravam em chão sagrado.

PRIMEIRO COVEIRO

É bem verdade o que dizes; é triste que as pessoas de qualidade tenham,

a mais dos outros christãos seus iguaes, o direito de se afogarem e de

se enforcarem. Vamos sempre cavando! Não ha nobreza mais antiga que a

dos jardineiros, lavradores e coveiros; seguem a profissão de Adão!

SEGUNDO COVEIRO

Pois Adão era nobre?

PRIMEIRO COVEIRO

O primeiro que usou armas!

SEGUNDO COVEIRO

Deixa-te d'isso, não consta que as tivesse!

PRIMEIRO COVEIRO

Sempre és um pagão! como comprehendes tu então a escriptura sagrada? A

escriptura diz que Adão trabalhava o solo; como poderia elle trabalhar

sem pá ou enxada? Essas eram as suas armas. Vou fazer-te outra pergunta,

se não me responderes com acerto, não és mais que um....

SEGUNDO COVEIRO

Asno! continúa.

PRIMEIRO COVEIRO

Quem é que construiu mais solidamente que o pedreiro, carpinteiro e

constructor de navios?

SEGUNDO COVEIRO

O constructor do cadafalso, porque sobrevive a innumeros hospedes.

PRIMEIRO COVEIRO

Boa resposta, palavra de honra. Cadafalso é bem achado; mas para quem se

fez o cadafalso? para os que fazem o mal; ora, tu fizeste mal em dizer

que o cadafalso é mais solido que a igreja, logo merecias o cadafalso.

Vamos, procura e responde.

SEGUNDO COVEIRO

Agora eu! Quem é que construiu mais solidamente do que o pedreiro,

carpinteiro e constructor de navios?

PRIMEIRO COVEIRO

Dize tu primeiro, eu cá já sei.

SEGUNDO COVEIRO

Tambem eu.

PRIMEIRO COVEIRO

Vejamos.

SEGUNDO COVEIRO

Nada, não atino.

HAMLET e HORACIO apparecem ao fundo

PRIMEIRO COVEIRO

Basta de tratos ao teu cerebro; escusas de pensar mais, ficas sempre na

mesma. Quando alguma vez te fizerem essa pergunta, responde: «É o

coveiro; as moradas que construe duram até ao dia de juizo». Agora vae a

casa de Vaughan e traze-me um copo de licor.(O segundo coveiro sáe,

cantando.)

Quando eu era mancebo e quando amava

Tudo era para mim rapido goso,

Sómente noite e dia andava ancioso

Por o tempo matar que me matava.

HAMLET

Pois este homem não terá consciencia do que está fazendo, cantando

assim, quando cava uma sepultura?

HORACIO

O habito tudo póde.

HAMLET

E verdade, a mão pouco afeita ao trabalho tem o tacto mais delicado!

PRIMEIRO COVEIRO (cantando)

Mas a idade chegou, passo furtivo

Nas gastadoras garras me ha tomado,

E assim, mau grado meu, me ha condemnado

A viver entre a morte, morto-vivo. (Desenterra uma caveira.)

HAMLET (apontando para uma caveira)

Houve tempo em que esta cabeça tinha uma lingua e cantava; agora este

rustico fal-a rolar pelo solo, como se fosse a mandibula de Caim, o

primeiro homicida. O craneo que este imbecil trata com tão pouco

respeito, era talvez de algum profundo politico, que se julgava até

capaz de impor a sua opinião ao proprio Deus, não é verdade?

HORACIO

Tudo póde ser, senhor.

HAMLET

Ou talvez de algum cortezão cujo prestimo unico fosse repetir: «Deus

seja comvosco, como está, meu senhor?» É talvez o craneo do sr. fulano,

que gabava o cavallo do sr. cicrano, com a idéa que este lh'o désse, não

é verdade, Horacio?

HORACIO

Sim, meu senhor!

HAMLET

Deve assim ser! Agora pertence aos vermes; não tem nem pelle, nem

sangue, nem carne, e este coveiro fende-o com a sua enxada. Eis uma

estranha revolução, assim a comprehendessemos bem. Joga-se a bola com

esses ossos, como se nada tivessem custado a formar. Sinto estalar os

meus só pensando-o.

PRIMEIRO COVEIRO (cantando)

Uma enxada e uma pá logo em seguida,

Um lençol que amortalha o corpo todo,

Um buraco depois feito no lodo,

Eis ao que se reduz a humana vida. (Desenterra outra caveira.)

HAMLET

Eis um outro craneo; quem sabe se não seria de um jurisconsulto. Agora

acabaram as trapaças, as distincções subtis, as causas, as auctoridades

legaes e as finuras. Em vida, de certo não consentia sem um processo que

este imbecil lhe percutisse o craneo com a enxada. Porque não lhe

intenta agora uma acção por vias de facto e sevicias? Quem sabe, talvez

fosse um nedio comprador de bens immoveis, com os seus direitos, rendas,

privilegios, hypothecas e contratos. Eil-o agora elle mesmo hypothecado,

tem o privilegio commum a todos os mortaes, de ver a sua cabeça coberta

de pó e terra. Pois que! todas as acquisições tão bem garantidas, não

terão outro complemento senão assegurar-lhe um espaço apenas igual á

superficie de dois contratos de venda? Todos os seus titulos mal

caberiam n'este cofre, e comtudo é hoje a sua unica propriedade. Ah!

HORACIO

Unica, senhor!

HAMLET

Horacio, o pergaminho faz-se de pelles de carneiro, não é verdade?

HORACIO

Tambem de bezerro.

HAMLET

São pois os carneiros e bezerros que fazem fé em taes titulos. Vou

interrogar este rustico. A quem pertence essa cova?

PRIMEIRO COVEIRO

A mim!

(Cantando)

Um buraco depois feito no lodo,

Eis ao que se reduz a humana vida.

HAMLET

Effectivamente, creio ser tua, pois que estás dentro d'ella.

PRIMEIRO COVEIRO

O senhor está fóra, logo não é sua; mas apesar d'ella não me ser

destinada, é comtudo minha.

HAMLET

Mentes, é para um morto, e não para um vivo.

PRIMEIRO COVEIRO

Eis um desmentido prompto e que não admitte replica.

HAMLET

Para que homem cavas essa cova?

PRIMEIRO COVEIRO

Senhor, não é para um homem!

HAMLET

Para que mulher então?

PRIMEIRO COVEIRO

Nem tão pouco para uma mulher!

HAMLET

Quem será pois depositado n'esta cova?

PRIMEIRO COVEIRO

Uma pessoa que foi mulher, hoje é defunta; Deus se compadeça da sua

alma.

HAMLET

Que agudeza no seu positivismo! é preciso fallar-lhe com toda a clareza,

para não ser por elle enredado. Por Deus, Horacio, que noto ha tres

annos que o mundo se torna retrogrado, e o rustico se approxima tanto do

cortezão, que quasi se confundem. Ha quanto tempo és coveiro?

O COVEIRO

Dei-me a este officio desde o dia em que o defunto rei Hamlet venceu a

Fortimbraz.

HAMLET

Quanto tempo haverá?

O COVEIRO

Não o sabe? Pois não ha imbecil que lh'o não diga. Foi no mesmo dia em

que nasceu o joven Hamlet, aquelle que enlouqueceu, e foi mandado para

Inglaterra.

HAMLET

É isso; e porque o mandaram para Inglaterra?

O COVEIRO

Ora, porque? porque estava louco; talvez lá recupere a rasão, e se não a

recuperar, tambem não se perde muito.

HAMLET

E porque?

O COVEIRO

Não será visto aqui, e lá todos são tão loucos como elle.

HAMLET

Como enlouqueceu elle?

O COVEIRO

De um modo bem estranho, segundo dizem.

HAMLET

Mas de que modo?

O COVEIRO

É claro, perdendo a rasão.

HAMLET

E qual foi o motivo?

O COVEIRO

Um motivo dinamarquez, um motivo d'este paiz em que sou coveiro desde a

infancia, ha trinta annos.

HAMLET

Dize-me, quanto tempo póde um homem estar enterrado, antes de apodrecer?

O COVEIRO

Se não está já podre antes de morrer (porque temos n'esta epocha muito

corpo gangrenado, que mal supporta a inhumação), póde conservar-se de

oito a nove annos; um surrador conserva-se nove annos.

HAMLET

Porque mais tempo que os outros?

O COVEIRO

O exercicio da sua profissão cortiu-lhe de tal modo a pelle, que fica

impermeavel por muito tempo, e de certo sabe que a agua é o mais activo

destruidor dos cadaveres. Vê esta caveira? Ficou vinte e tres annos

debaixo da terra.

HAMLET

De quem era?

O COVEIRO

De um typo original; ora, quem lhe parece que seria?

HAMLET

Como posso eu sabel-o?

O COVEIRO

Leve-o o diabo. Lembro-me ainda do dia em que me vasou sobre a cabeça um

frasco de vinho do Rheno. Esta caveira, senhor, era de Yorick, o bobo do

rei.

HAMLET

Este craneo?

O COVEIRO

Sim, este mesmo.

HAMLET (pegando na caveira)

Dá-m'o, deixa-me vel-o. Pobre Yorick! Conheci-o, Horacio, era uma mina

inexgotavel de ditos engraçados; tinha uma imaginação viva e fecunda!

quantas vezes me levou aos hombros! agora ao pensal-o annuvia-se-me o

coração. Aqui estavam os seus labios, em que tantos osculos depuz. Onde

estão agora os teus sarcasmos, as tuas replicas, as tuas canções, esses

rasgos de alegria, que promoviam a hilaridade de todos os convivas? Que!

pois ninguem já póde rir com as tuas facecias? Descarnadas estão as

faces. Vae, entra como agora estás, na alcova de alguma beldade da moda;

dize-lhe então que arrebique e enfeites nada lhe valem, porque um dia

será igual a ti. Fal-a rir, dizendo-lh'o. Dize-me tu, Horacio...

HORACIO

O que, meu senhor?

HAMLET

Julgas tu que Alexandre, depois de enterrado, se parecesse com Yorick?

HORACIO

De certo!

HAMLET

E que tivesse tão mau cheiro? Fóra! (Deita fóra o craneo.)

HORACIO

Sem duvida alguma, senhor.

HAMLET

A que destinos grosseiros é possivel baixarmos, Horacio? Quem sabe se,

proseguindo nas suas successivas transformações, as cinzas de Alexandre

não estão hoje empregadas em tapar um barril?

HORACIO

Seria entrar n'um exame demasiado minucioso.

HAMLET

Não concordo. Podemos seguir seriamente esse exame, e com probabilidades

de obter um resultado. Por exemplo, Alexandre está morto, Alexandre está

sepultado, Alexandre tornou-se pó; o pó é terra, da terra tira-se

argilla, e quem impede que esta argilla, ultima metamorphose de

Alexandre, seja empregada como batoque n'um barril de cerveja? O

imperial Cesar, morto, tornou-se pó, e serve talvez para vedar uma fenda

e interceptar a passagem do ar; e essa argilla, que espalhava o terror

sobre o universo, vae calafetar um muro para impedir que o vento passe.

Mas, silencio: afastemo-nos, chega o rei: (Entram processionalmente

padres, levando á mão o caixão de Ophelia; segue-se Laerte e o cortejo

funebre, mais atrás o rei, a rainha e a côrte) e tambem a rainha! toda a

côrte! A quem prestarão os ultimos deveres? De quem será este funeral

incompleto? Tudo denuncia um suicidio. Deve porém ser pessoa de

categoria! Occultemo-nos e observemos, Horacio. (Afastam-se um pouco

Hamlet e Horacio.)

LAERTE

Que ceremonias falta cumprir?

HAMLET

Olha, é Laerte, um nobre mancebo.

LAERTE

Ha mais alguma cousa que fazer?

PRIMEIRO PADRE

Fizemos já para o seu funeral tudo quanto nos era licito fazer; a sua

morte tinha um caracter suspeito, e se ordens superiores não tivessem

imposto silencio aos canones da Igreja, teria sido sepultada em chão

profano, onde teria ficado até que a acordasse o clarim do juizo final.

Em vez de orar por ella, teriamos lançado sobre o seu corpo tições,

entulho e pedras; e comtudo coroaram-n'a como virgem, e flores cobriram

a sua campa, e o tanger do bronze sagrado acompanhou-a á sua ultima

morada.

LAERTE

Então nada mais se póde fazer?

PRIMEIRO PADRE

Mais nada; profanariamos o rito sagrado se entoassemos um \_requiem\_, ou

se implorassemos para ella o repouso destinado ás almas que voaram ao

céu santamente.

LAERTE

Seja pois o seu corpo depositado na campa, e possam d'elle e da sua

carne, pura e sem manha, desabrochar violetas! Sou eu que t'o digo,

padre sem alma, minha irmã gosará no céu a bemaventurança eterna,

emquanto que tu extorcer-te-has no inferno nas convulsões do supplicio

dos condemnados.

HAMLET

Que? É pois a bella Ophelia?

A RAINHA (lançando flores sobre a campa)

Flores para esta joven flor. Adeus! Esperava ver-te esposa do meu

Hamlet; contava, encantadora donzella, enfeitar o teu leito nupcial;

nunca pensei espargir flores sobre a tua sepultura.

LAERTE

Oh! que uma triplice e dez vezes triplice maldição cáia sobre a cabeça

do scelerado que commetteu tão negra acção, e provocou a perda da sua

rasão. Esperem que, antes que a terra a cubra, a estreite mais uma vez

nos meus braços (salta para dentro da cova). Agora enterrem

conjunctamente vivos e mortos, elevem sobre nós uma montanha que exceda

em altura o antigo Pélion, ou o azulado Olympo, cujo cimo vem beijar as

nuvens.

HAMLET (adiantando-se)

Quem é que na sua dor se exprime com tanta emphase; cuja voz detem os

astros no seu giro, attonitos de o ouvirem? Sou Hamlet, o dinamarquez!

(Arremessa-se á cova.)

LAERTE (lançando-se a elle)

O inferno se apodere da tua alma!

HAMLET

É um abominavel desejo: larga-me a garganta, retira as mãos, abaixo,

aconselho-t'o eu; não sou nem mau, nem arrebatado, mas é perigoso

excitar-me, e obrarás assisadamente pensando assim. Abaixo as mãos!

O REI

Separem-os.

A RAINHA

Hamlet! Hamlet!

TODOS

Senhores!

HORACIO

Contenham-se.

HAMLET

Por um tal motivo sinto-me capaz de combater com elle até ao ultimo

alento.

A RAINHA

Meu filho, qual é o motivo?

HAMLET

Amava Ophelia, e as affeições juntas de quarenta mil irmãos não poderiam

igualar a minha; (a Laerte) e que serias tu capaz de fazer por ella?

O REI

Deixa-o, Laerte, está louco.

A RAINHA

Pelo amor de Deus, não faça caso das suas palavras.

HAMLET

Vamos, dize-me, que tencionas tu fazer? Prantear, combater, jejuar,

rasgar tuas proprias carnes, beber o Issel todo, devorar um crocodilo?

Tudo farei. Vieste aqui para te lamentar, para me desafiar,

precipitando-te dentro da sua cova; enterra-te vivo com ella, outro

tanto farei; e já que fallaste em montanhas, accumulem ellas sobre nós

tanta terra, que o cume da nossa pyramide tumular toque a zona ardente,

e ao pé d'ella o monte Ossa não pareça mais que uma verruga. Pódes

encolerisar-te, que não me assustam os teus furores.

A RAINHA

É um accesso de loucura que durará algum tempo; depois, similhante á

meiga pomba acalentando os filhinhos, ficará silencioso e immovel.

HAMLET (a Laerte)

Dize-me, porque me tratas assim? Sempre fui teu amigo. Mas não importa.

Aindaque Hercules se oppozesse, se o gato miasse, o cão havia de ladrar

(afasta-se).

O REI

Siga-o, peço-lhe, meu caro Horacio. (Horacio segue Hamlet) (a Laerte)

Tem paciencia, lembra-te da nossa conversação de hontem, (Á rainha)

Querida Gertrudes, faça com que velem sobre Hamlet; (á parte) é preciso

dar como monumento a este tumulo uma victima humana. Cedo estarei

descansado; até então, paciencia! (Sáem todos.)

SCENA II

Uma sala no castello

Entram HAMLET e HORACIO

HAMLET

Basta sobre esse assumpto; passemos ao outro, recordas-te bem de todas

as circumstancias?

HORACIO

Se me lembro, meu senhor!

HAMLET

Uma especie de lucta apoderára-se do meu coração, vedava-me o somno,

sentia-me peior que um facinora acorrentado! Adoptando comtudo uma

resolução temeraria, achei na temeridade a minha força; lembremo-nos

sempre, Horacio, que a imprudencia é muitas vezes o nosso prestante

auxiliar, quando os nossos mais profundos calculos são impotentes, e

isto deve-nos ensinar que ha uma Providencia que aperfeiçoa e completa

os projectos que imperfeitamente esboçâmos.

HORACIO

Não ha cousa mais certa!

HAMLET

Saí pois do meu camarote a bordo, e coberto com as roupas de viagem

procurei e encontrei pelo tacto, ás escuras, a sua mala; abri-a e

revolvi-a toda, em seguida recolhi-me ao meu aposento; então o perigo

baniu todo o escrupulo, abri o despacho rompendo o sêllo real! Escuta o

que li, Horacio. Oh! perfidia real! Apoiando-se em differentes motivos,

a salvação da Dinamarca e da Inglaterra, e o perigo que para elle havia

em eu continuar a viver, o rei ordenava expressamente, que depois da

leitura d'essa carta, sem demora alguma, nem mesmo a necessaria para

afiar o cutello, eu fosse decapitado.

HORACIO

Será possivel?

HAMLET

Aqui tens a carta, lê-a á tua vontade. Mas queres tu saber o que eu

então fiz?

HORACIO

Diga, senhor; que foi?

HAMLET

Para saír salvo dos laços d'esta infame traição, appellei para a minha

intelligencia, e depressa formei o meu plano. Sentei-me, e redigi um

despacho com a melhor letra que pude fazer. Antigamente, assim como os

nossos homens d'estado considerava uma vergonha ter boa letra; e se

soubesses quanto eu desejei perdel-a! mas n'esta occasião foi-me

maravilhosamente util. Queres saber o que escrevi?

HORACIO

Com todo o gosto, senhor.

HAMLET

Dirigindo-se ao monarcha inglez como seu fiel tributario, dizia-lhe o

rei de Dinamarca, se queria que se conservasse virente a palma da

amisade, a paz se coroasse de espigas e se estreitassem os laços de uma

união duradoura, lhe ordenava que, finda a leitura da sua carta, sem

outro exame, sem lhes dar tempo de se confessarem, fizesse suppliciar os

portadores do despacho.

HORACIO

Mas com que sêllo fechou esse escripto?

HAMLET

A Providencia não me desamparou ainda n'essa occasião; tinha na minha

bolsa o sêllo de meu pae, reproducção exacta do sêllo do estado. Dobrei

pois o meu despacho na fórma do estylo, subscriptei-o e sellei-o, depois

colloquei-o no logar em que estava o outro: o engano não foi descoberto.

No dia seguinte, em vez de combate sabes o que houve.

HORACIO

Assim, Rosencrantz e Guildenstern, vão receber o seu justo castigo?

HAMLET

Procuraram-n'o por suas proprias mãos; não me peza na consciencia. Só de

si se podem queixar. É sempre uma desgraça para vis subalternos

acharem-se envolvidos nas contendas de dois poderosos adversarios.

HORACIO

E é rei? meu Deus!

HAMLET

O meu dever está agora claramente indicado. Áquelle que assassinou meu

pae, deshonrou minha mãe, que se interpoz entre a escolha da nação e as

minhas esperanças, que attentou contra a minha vida traiçoeira e

perfidamente, é justiça que o meu braço o puna. E não seria um crime

digno da condemnação eterna, deixar continuar esta ulcera no seu

trabalho corrosivo?

HORACIO

Mas dentro em pouco saberá de Inglaterra o desenlace de todo este

negocio?

HAMLET

Em breve o saberá, é verdade, mas o tempo que até então decorrer,

pertence-me, e o fio da vida do homem corta-se em menos tempo do que o

preciso para contar até dois. O que me peza, meu caro Horacio, é ter

desattendido Laerte, porque eu tambem sinto o que elle deve sentir.

Sempre prezei a sua estima; mas a emphatica exaltação da sua dor

exacerbou-me.

HORACIO

Silencio, principe; approxima-se alguem.

Entra OSRICO

OSRICO

Alegro-me, principe, que tenha regressado á Dinamarca.

HAMLET

Obrigado, senhor. (A Horacio) Conheces tu esse insecto?

HORACIO

Não, meu senhor.

HAMLET

És pois um homem moral, é um vicio conhecel-o. É verdade que possue

muitas e ferteis propriedades, mas é um estupido animal, que tem mando

sobre os outros, seguro de achar a sua mangedoura na mesa real; é um

ente desprezivel, mas, como disse, é senhor de vastos dominios.

OSRICO

Meu bom senhor, se não incommodo vossa alteza, alguma cousa tinha que

lhe communicar da parte de sua magestade.

HAMLET

Escutal-o-hei com prazer. Mas cubra-se já, que o chapéu foi feito para

estar na cabeça.

OSRICO

Obrigado, senhor, mas faz muita calma.

HAMLET

Faz muito frio, não acha? O vento está norte.

OSRICO

Effectivamente, faz bastante frio.

HAMLET

Não sei se é effeito de uma predisposição particular, mas acho um calor

abrasador.

OSRICO

Não ha duvida, faz tanto calor, que nem posso quasi respirar. Mas, meu

senhor, sua magestade encarregou-me de lhe dizer que fez uma aposta

consideravel, de que vossa alteza é o motivo.

HAMLET (fazendo-lhe signal de se cobrir)

Faz favor.

OSRICO

Perdão, senhor, mas não me incommoda. Vossa alteza de certo é sabedor

que chegou a esta côrte Laerte, um joven mui dextro, dotado das mais

raras qualidades, agradavel no trato, um perfeito moço. Para fallar

d'elle como merece, póde-se dizer que é o espelho e o almanach do bom

tom, porque n'elle estão reunidas todas as qualidades que deve possuir

um perfeito cavalheiro.

HAMLET

Senhor, não encareceu o retrato que d'elle fez; não é sufficiente toda a

arithmetica da memoria para redigir o inventario especificado de todas

as suas perfeições, e ainda assim o juizo ficaria áquem da verdade.

Fallando conscienciosamente, tenho-o na conta de um cavalheiro distincto

e de raro merecimento; digo-o sinceramente; para achar outro igual,

forçoso é que se olhe no seu espelho: os outros não seriam senão a sua

sombra.

OSRICO

O principe falla d'elle com a convicção da estima.

HAMLET

De que se trata, pois? Escusâmos embaçar as suas qualidades com o nosso

juizo.

OSRICO

Senhor!

HORACIO

Não seria possivel fallar uma lingua mais intelligivel? É-o por certo,

senhor.

HAMLET

Com que fim pronunciou o nome d'aquelle cavalheiro?

OSRICO

De Laerte?

HORACIO

Acabou-se-lhe o cabedal; ignora completamente o que ha de responder.

HAMLET

É verdade.

OSRICO

Sei que não ignora...

HAMLET

Queria que assim pensasse a meu respeito; e se assim fosse, fraco elogio

para mim seria. Continue agora.

OSRICO

Vossa alteza não ignora a superioridade de Laerte?

HAMLET

É o que não affirmo, com o receio de me comparar a elle. Para conhecer

um homem a fundo era necessario vestir a sua pelle.

OSRICO

Quero fallar da sua superioridade em manejar as armas; gosa da reputação

de não ter rival.

HAMLET

Quaes são as suas armas de predilecção?

OSRICO

Florete e adaga.

HAMLET

São só duas! prosiga.

OSRICO

O rei apostou seis bellos cavallos da melhor raça, contra seis espadas e

seis adagas francezas de Laerte, sem contar os cinturões, talabartes e

tudo o mais. Tres dos accessorios sobretudo são dignos da aposta e de um

trabalho maravilhoso, no estylo mesmo das armas.

HAMLET

Que chama accessorios?

HORACIO

Bem sabia eu que antes de terminar era infallivel algum reparo do

principe.

OSRICO

Os accessorios, senhor, são os enfeites dos cintos e talabartes em que

se suspendem as espadas.

HAMLET

A expressão seria mais exacta se em vez de espada usassemos um canhão;

sirvamo-nos pois do termo cinto na generalidade. Prosiga. Seis bellos

cavallos contra seis espadas e seus pertences, incluindo tres cintos,

obra prima da arte franceza; é pois a França contra a Dinamarca. Mas

qual é o motivo d'esta aposta?

OSRICO

O rei apostou que em doze golpes, Laerte não tocaria o principe senão

tres vezes. Laerte apostou que seriam nove em doze. A questão será

promptamente decidida se vossa alteza se dignar responder.

HAMLET

E se eu responder negativamente?

OSRICO

Quer dizer, se o principe convier em combater.

HAMLET

Senhor, vou agora passeiar n'esta sala; costumo todos os dias a esta

hora, entregar-me a esses exercicios: depois estou ás ordens do rei.

Tragam floretes com a annuencia de Laerte; e se o rei persistir no seu

empenho far-lhe-hei ganhar a aposta se podér; no caso contrario

restam-me os golpes recebidos e a vergonha.

OSRICO

Deverei dar ao rei a sua resposta?

HAMLET

Disse-lhe o meu pensamento: o seu talento saberá completar a resposta.

OSRICO

Um servo dedicado de vossa alteza. (Sáe.)

HAMLET

Muito agradecido, obrigado (a Horacio); fez bem de o dizer elle mesmo,

ninguem se encarregava por certo de tal missão.

HORACIO

Finalmente, estamos sós!

HAMLET

Estou certo que ao collo da ama, antes de o sugar, elogiava a alvura do

seu seio; similhante a tantas pessoas da sua tempera, que são o encanto

dos ignorantes, abraçam as modas do dia, e revestem-se de um falso

verniz de polidez, e, graças a essa mascara, são escutados pelos

sensatos; mas experimentem-os, são como bolas de sabão, que se

desvanecem ao menor sopro.

Entra UM SENHOR

O SENHOR

Senhor! o rei mandou o joven Osrico cumprimentar vossa alteza da sua

parte, o qual lhe disse que o principe esperava n'esta sala. El-rei

envia-me para saber se é intenção de vossa alteza combater já, ou adiar

o combate.

HAMLET

Tomei já a minha resolução, e concorda com os desejos de sua magestade.

Se Laerte está prompto, tambem eu o estou; immediatamente, ou quando

quizer, comtanto que me sinta sempre tão bem disposto como agora o

estou.

O SENHOR

Em breve chegarão o rei e a rainha, e toda a côrte.

HAMLET

Bemvindos sejam!

O SENHOR

É pedido da rainha que receba cordialmente Laerte, antes de dar

principio á contenda.

HAMLET

É justo o seu conselho. (O senhor sáe.)

HORACIO

Receio que o principe perca a aposta.

HAMLET

Não creias tal; depois que elle partiu, tenho-me continuamente

exercitado no jogo das armas: com a vantagem concedida a victoria é

certa. Se tu soubesse que dor sinto no coração! Não importa.

HORACIO

Comtudo, senhor!

HAMLET

É uma loucura, uma leve apprehensão, que apenas poderia influenciar uma

fraca mulher.

HORACIO

Se sente alguma repugnancia no seu espirito, obedeça-lhe. Vou

prevenil-os que não venham, que o principe se sente indisposto.

HAMLET

De modo nenhum! Luctarei com os meus presentimentos; a Providencia tem

já escripto o meu destino. Se tenho de morrer, nada o evitará, forçoso é

obedecer aos seus decretos; que seja hoje ou ámanhã, estou prompto;

tenho dito. Poisque o homem não é senhor do seu destino, que importa que

seja mais tarde ou mais cedo? Será o que Deus quizer.

Entram o REI, a RAINHA, LAERTE, OSRICO, SENHORES e CREADOS trazendo

floretes e luvas e uma mesa com frascos e taças

HAMLET (a Laerte)

Perdoe-me, se o offendi, mas perdoe-me como cavalheiro. Os que nos

cercam, sabem-o, e creio que tambem deve saber, que um terrivel

desvairamento se apossou de mim. Se alguma cousa fiz que podesse irritar

o seu caracter e a sua honra e melindre, proclamo-o bem alto: «Loucura!»

Seria ainda Hamlet que offendeu Laerte? Nunca, nunca poderia ser Hamlet.

Então não era elle, e não sendo elle, como offenderia Hamlet a Laerte? É

claro, não era elle; renego todos esses actos. Quem foi então? a

loucura. Sendo assim, Hamlet abraça o offendido; o verdadeiro inimigo do

desditoso Hamlet é a sua loucura. Senhor, depois d'esta confissão, em

que perante todos renego toda a má intenção, poderá ainda a sua

generosidade condemnar-me? É como se inconscientemente despedisse por

cima de uma casa um dardo, e fosse ferir um irmão.

LAERTE

Meu coração está satisfeito; era elle que mais me excitava á vingança;

mas no campo da honra recuso-me a toda a conciliação, até que arbitros

mais idosos e de provada lealdade, me imponham, fundados em precedentes,

uma sentença de paz, que ponha o meu nome ao abrigo de toda a suspeita.

Até então acceito a amisade que me offerece, e nada farei em seu

detrimento.

HAMLET

Acceito francamente essa promessa, e a lucta fraternal que vamos

encetar. Venham os floretes, comecemos.

LAERTE

Dêem-me um florete!

HAMLET

Vou ser o seu alvo, Laerte; ao pé da minha inexperiencia vae sobresaír a

sua pericia, como um astro brilhante em noite escura.

LAERTE

Zomba de mim?

HAMLET

Juro que não!

O REI

Dá-lhes floretes, Osrico, Primo Hamlet, conheces a aposta?

HAMLET

Perfeitamente, senhor; aposta demasiado vantajosa para o mais fraco.

O REI

Nada receio; já os conheço ambos, e poisque Hamlet é quem mais

avantajado está, a sorte está pelo nosso lado.

LAERTE (examinando um florete)

Este não, que é muito pesado; outro!

HAMLET

Este convem-me; os floretes são todos iguaes, não é verdade?

OSRICO

Sim, meu bom senhor. (Collocam-se.)

O REI

Ponham os frascos sobre a mesa. Se Hamlet o tocar a primeira e segunda

vez, ou se elle aparar o terceiro golpe, que as baterias rompam uma

salva geral; beberei á saude de Hamlet, e lançarei na taça uma perola

mais preciosa que as que usavam nos seus diademas os quatro reis meus

predecessores. Venham as taças. Que os timbales annunciem aos clarins,

os clarins aos canhões, os canhões aos céus, os céus á terra que o rei

brinda por Hamlet. Vamos, senhores, podem começar, e vós juizes,

attenção!

HAMLET

Em guarda!

LAERTE

Em guarda, principe! (Começam.)

HAMLET

Uma!

LAERTE

Não tocou.

HAMLET

Os juizes que decidam!

OSRICO

Tocou, não ha duvida.

LAERTE

Recomecemos.

O REI

Esperem, encham as taças. Hamlet, dou-te esta perola, brindo por ti.

Offereçam-lhe a taça. (Clarins e salvas.)

HAMLET

Prefiro acabar a contenda, esperem; depois beberei. Vamos, Laerte. Uma!

que diz agora?

LAERTE

Fui tocado, confesso-o.

O REI

Hamlet ganha.

A RAINHA

Estás fatigado, falta-te o fôlego. Limpa a fronte com o meu lenço. A

rainha bebe á tua victoria, Hamlet.

HAMLET

Minha senhora!

O REI

Não bebas, Gertrudes.

A RAINHA

Bebo, senhor, desculpe-me, desejo-o.

O REI (á parte)

Era a taça envenenada, já não ha remedio.

HAMLET

Ainda não bebo, mais tarde, senhora.

A RAINHA

Deixa-me limpar tua fronte, filho!

LAERTE (ao rei, á parte)

Senhor, agora verá.

O REI

Já não creio.

LAERTE (á parte)

E, comtudo, diz-me a consciencia que não.

HAMLET

Vamos, Laerte, a terceira prova; não me poupe, peço-lh'o; desenvolva

toda a sua pericia, não me trate como creança.

LAERTE

Que diz? em guarda, pois.

OSRICO

Ainda nada.

LAERTE

Agora toquei. (No encarniçado da lucta trocam os floretes, e Hamlet é

ferido e fere Laerte.)

O REI

Separem-nos, estão desesperados.

HAMLET

Não, recomecemos. (A rainha cáe)

OSRICO

Acudam á rainha; acudam!

HORACIO

Feridos ambos!! que é isto, senhor?

OSRICO

Como está Laerte?

LAERTE

Colhido no meu proprio laço, morro pela minha traição.

HAMLET

Que tem a rainha?

O REI

Desmaiou á vista do sangue.

A RAINHA

Não, não! a bebida, a bebida! meu Hamlet, a bebida! a bebida!

envenenada... (Morre.)

HAMLET

Oh! infamia! fechem as portas, traição! quero conhecel-a.

LAERTE

Eu t'o digo, é esta: Hamlet, morres assassinado, nada te póde salvar;

meia hora, quando muito, te resta de vida, na tua mão ainda conservas a

arma da traição afiada e envenenada; tambem sou victima da minha

perfidia. Escuta, já sinto a morte, tua mãe envenenada... morro, Hamlet!

o rei... só o rei culpado... (Desfallecendo.)

HAMLET

A ponta envenenada! veneno, cumpre o teu dever. (Fere o rei.)

OSRICO e SENHOR

Traição! traição!

O REI

Defendam-me, é apenas leve ferimento.

HAMLET

Bebe os restos d'esta taça, incestuoso assassino, damnado dinamarquez.

Procura a perola, achal-a-has seguindo minha mãe. (Vasa á força o resto

da taça pela bôca do rei, que cáe e morre.)

LAERTE (n'um ultimo alento de vida)

É justo o castigo; morre pelo veneno que preparáras. Hamlet,

perdoemo-nos mutuamente, e livres de qualquer reciproco remorso subam

nossas almas abraçadas ao céu. (Morre.)

HAMLET

Absolva-te o céu, como eu te perdôo; sigo-te, Laerte (a Horacio) morro,

Horacio. Rainha desgraçada, adeus. A vós todos, que ao ver esta

catastrophe empallideceis, mudos espectadores d'este drama, se tivesse

tempo ainda, se esta ancia terrivel não m'o vedasse, poderia dizer...

agora, resignação. Eu morro, Horacio, tu viverás, justifica-me, explica

o meu odio aos que o ignoram.

HORACIO

Isso nunca! sou mais romano que dinamarquez, e n'esta taça ainda ha

liquido.

HAMLET

Se és homem, dá-m'a; larga-a, por Deus, quero-a. Vive para revelar um

tão infame crime. Se alguma vez foste meu amigo, não apresses a tua

felicidade celeste e permanece n'este mundo odioso, conta a minha

historia. (Ouve-se uma marcha) Que rumor marcial é este?

HORACIO

É o jovem Fortimbraz, que regressa victorioso da Polonia, e que saúda os

embaixadores de Inglaterra com esta salva guerreira. (Ouvem-se tiros.)

HAMLET

Morro, Horacio, triumpha o veneno poderoso; nem já as noticias de

Inglaterra me é dado saber, mas predigo que Fortimbraz ha de reinar;

morrendo, voto por elle; conta-lhe mais ou menos os pormenores da causa

da minha morte. O resto... é... silencio... (Morre)

HORACIO

Que nobre alma! Adeus, meu adorado principe, os anjos do céu o embalem

com os seus canticos divinos. Mas porque é esta marcha? (Ouve-se uma

marcha militar.)

Entram FORTIMBRAZ, os EMBAIXADORES a outras pessoas

FORTIMBRAZ

Que vejo?

HORACIO

Vae sabel-o. Desgraça ou prodigio, está patente a seus olhos.

FORTIMBRAZ

Que hecatombe, que horror! Oh! morte, que festim cruento preparavas tu,

para precisar de uma só vez tanto sangue real?

PRIMEIRO EMBAIXADOR

Que horrivel espectaculo! tarde chegâmos de Inglaterra. Já não nos póde

ouvir aquelle de cujas ordens annunciavamos o cumprimento, trazendo a

nova da execução de Rosencrantz e Guildenstern. Quem nol-o agradecerá

agora?

HORACIO

Elle não, que os seus labios agora gelidos nunca o ordenaram. Mas,

poisque vindes de Inglaterra e de Polonia e presenceaes esta crise

sangrenta, ordenae que bem alto, á vista de todos, sejam collocados

estes corpos, e eu lhes direi a causa d'estes factos, poisque a ignoram.

Então soarão aos seus ouvidos actos carnaes, incestos, sangue,

expiações, assassinios fortuitos, mortes causadas pela perfidia ou por

força maior, e para desfecho traições que feriram os proprios auctores;

eis a minha narração, e juro que é verdade.

FORTIMBRAZ

Ouçâmol-o promptamente, convoquemos os nobres: dolorosamente acceito o

meu novo encargo, pois tenho sobre este reino direitos incontestaveis,

que é meu dever reivindicar.

HORACIO

Missão tenho de lhe fallar a esse respeito, da parte d'aquelle que vivo

teria tido os suffragios do povo. Seja pois rapida a decisão, antes que

os espiritos preplexos sejam dominados por alguma conspiração ou engano

que causem novas desgraças.

FORTIMBRAZ

Sejam por quatro capitães levados os restos mortaes de Hamlet:

façam-se-lhe todas as honras militares. Se vivesse teria sido um grande

rei. Quando passar, salvem os canhões. Levem os cadaveres, esta vista é

só propria dos campos de batalha; aqui causa horror! Executem as minhas

ordens, rompam as salvas de canhões e as descargas de fuzilaria, e as

marchas funebres. Morreu o que havia de ser rei de Dinamarca. (Desfilam

todos com os cadaveres: ouvem-se salvas de artilheria, descargas de

fuzilaria e marchas funebres. Cae o panno.)

Fim do quinto e ultimo acto

End of the Project Gutenberg EBook of Hamlet: Drama em cinco Actos, by

William Shakespeare

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK HAMLET: DRAMA EM CINCO ACTOS \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 25667-8.txt or 25667-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/2/5/6/6/25667/

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This book was

produced from scanned images of public domain material

from the Google Print project.)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

http://gutenberg.org/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.org

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.org),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTIBILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at http://www.pglaf.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at

http://pglaf.org/fundraising. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at

809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact

information can be found at the Foundation's web site and official

page at http://pglaf.org

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit http://pglaf.org

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including checks, online payments and credit card donations.

To donate, please visit: http://pglaf.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

http://www.gutenberg.org

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.